

Antonieta Buriti de S. Hosokawa

ANÁLISE SEMÂNTICA DO VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO DO VALE DO RIO ACRE



ANTONIETA BURITI DE SOUZA HOSOKAWA

ANÁLISE SEMÂNTICA
DO VOCABULÁRIO DO
SERINGUEIRO DO VALE DO
RIO ACRE

2019

Blucher

Análise semântica do vocabulário do seringueiro do vale do Rio Acre

© 2019 Antonieta Buriti de Souza Hosokawa

Editora Edgard Blücher Ltda.

Diagramação: Laércio Flenic Fernandes

Ilustração da capa: Ueliton Santana

Revisão: Davi Pacheco Alves de Souza

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Hosokawa, Antonieta Buriti de Souza
Análise semântica do vocabulário do seringueiro do
vale do Rio Acre [livro eletrônico] / Antonieta Buriti de
Souza Hosokawa. -- São Paulo : Blucher, 2019.
186 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-8039-383-5 (e-book)

ISBN 978-85-8039-382-8 (impresso)

Open Access

1. Linguística 2. Linguística aplicada 3. Linguística
histórica 4. Língua portuguesa - Semântica 5. Dialética 6.
Seringueiros - Acre - Análise linguística 7. Vale do Rio Acre
(AC) - História I. Título

19-0543

CDD 410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística

In Memoriam de Manoel Soares Buriti, meu querido avô materno, que, com sua bravura e simplicidade de seringueiro, soube ensinar aos seus o amor ao próximo, à vida e que é preciso lutar sem perder a esperança.

● AGRADECIMENTOS

Ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Acre, Dr. Lauro Julião de Souza Sobrinho.

À CAPES, pelo suporte financeiro.

Ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre, pelo apoio constante.

Ao Departamento de História e aos funcionários do Centro de Documentação e Informação Histórica e, em especial, a sua diretora, prof^a Maria José Bezerra da Silva.

A todas as Entidades ligadas aos seringueiros do Acre.

Ao Prof. Dr. Bruno Fregni Bassetto, orientador, mestre e amigo em todos os momentos.

À minha querida família pelo apoio e incentivo, da qual tive que privar-me de sua doce companhia.

A todos os professores, amigos (em especial a Lígia Campos Imaguire, que sempre esteve ao meu lado nos momentos de maior dificuldade), a todos os colegas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Setor de informática da FFLCH e todos os amigos estagiários.

Aos bibliotecários da FFLCH.

ABREVIATURAS EMPREGADAS

Al.	Alemão
Ant.	antigo
Ar.	Árabe
Aul.	Caldas Aulete
Aur.	Dicionário Aurélio
b.	baixo
Cast.	Castelhano
Cat.	Catalão
Dic.	Dicionário
Eng.	Engadino
Fem.	feminino
FEW	<i>Französisches Etymologisches Wörterbuch</i>
Fr.	Francês
Friul.	Friulano
Ing.	Inglês
It.	Italiano
Lat.	Latim
Lat. Vulg.	Latim vulgar
Log.	Logudorês

Mal.	Malaio
Melh.	<i>Dicionário Melhoramento</i>
Nasc.	<i>Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes</i>
Port.	Português
Prov.	Provençal
Quim.	Quimbundo
Q.v.	<i>quod vide</i>
REW.	<i>Romanisches Etymologisches Wörterbuch</i>
Rom.	Romeno
Vegl.	Veglioto

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
<i>Bruno Fregni Bassetto</i>	
INTRODUÇÃO	13
PROCEDIMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA	15
CAPÍTULO 1	
1. INFORMAÇÕES SOBRE O ESTADO DO ACRE	23
1.1 DADOS GERAIS	23
1.2 O ACRE NO BRASIL	25
1.3 DIVISÃO POLÍTICO – ADMINISTRATIVA DO ESTADO DO ACRE	25
1.4 HIDROGRAFIA.....	26
2. SINOPSE DA HISTÓRIA DO ESTADO DO ACRE	26
2.1 POVOAMENTO INICIAL	26
2.2 AS PRIMEIRAS CONQUISTAS.....	27
2.3 A OCUPAÇÃO CEARENSE.....	28
2.4 BREVE HISTÓRICO SOBRE O EMBATE FRONTEIRIÇO	30
3. INFORMAÇÕES SOBRE OS PONTOS PESQUISADOS	33
3.1. ASSIS BRASIL	33
3.2. BRASILEIA.....	33
3.3. PLÁCIDO DE CASTRO	34
3.4 PORTO ACRE.....	35
3.5 XAPURI	36
CAPÍTULO 2	
1. A SERINGUEIRA: HISTÓRICO	39
2. A CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA DA SERINGUEIRA	43

3. O SERINGUEIRO.....	44
4. HABITAÇÃO E COSTUMES DOS SERINGUEIROS.....	45
5. A EXPLORAÇÃO DAS SERINGUEIRAS.....	46
6. PROCESSO DE CORTE E COLETA DA SERINGA.....	46
CAPÍTULO 3	
VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO DO VALE DO RIO ACRE.....	49
CONCLUSÃO.....	155
REFERÊNCIAS.....	159
DICIONÁRIOS PRINCIPAIS.....	159
REFERÊNCIAS.....	160
APÊNDICES.....	173
1. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES.....	173
1.1 QUESTIONÁRIO ABERTO.....	173
1.2 QUESTIONÁRIO FECHADO.....	174
2. LISTA DOS INFORMANTES.....	175
3. TABELA DE TRANSCRIÇÃO.....	177
GLOSSÁRIO.....	179

PREFÁCIO

Este livro é o resultado final de um longo curso de pós-graduação presencial e *stricto sensu*, feito na área de Filologia Românica, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, campus do Butantã. Nesses cursos, a autora recebeu o cabedal de conhecimentos necessários para sua pesquisa de campo em seu estado natal, o Acre, trabalho com que recebeu o título de mestre em Letras e lhe possibilitou o posterior doutorado.

Dentre os métodos que a Filologia Românica usa em suas pesquisas, a autora escolheu o onomasiológico, que tem pontos em comum com o da geografia linguística, do *Sachen und Wörter* e o neolinguístico, que se afigurava como o mais apto em vista de seu objetivo. A onomasiologia busca explicar as denominações das coisas; investiga os nomes atribuídos aos objetos dentro de um domínio semântico. Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos, visando aos aspectos vivos e as forças criadoras da linguagem. Em sua aplicação prática no caso se revelou eficiente e produtivo. Todavia, a autora não se limitou à terminologia própria dos seringueiros e coletores da castanha: entrou pelo campo da etimologia e investigou possíveis correspondentes nas línguas românicas, conferindo um caráter realmente românico à pesquisa.

Sendo a linguagem humana a expressão de uma visão do mundo, do meio ambiente, de sua história e de sua cultura, a autora incluiu dados extralinguísticos sobre seu estado natal: território e sua história heroica, épica sob diversos aspectos, em sua luta para anexá-lo definitivamente ao Brasil, o que não aconteceu com qualquer outro; essa incorporação ao Brasil do território atualmente do Acre foi devida particularmente à ação diplomática do Barão do Rio Branco. Ora, a história de um domínio linguístico, seu relevo, as atividades e a visão mundo de seus habitantes são fatores que têm implicações em sua linguagem. Desse modo justificam-se os dados históricos, geográficos e outros incluídos pela autora sobre seu estado natal, sem dúvida, o menos conhecido de nosso país.

Observe-se ainda que a pesquisa ficou restrita aos seringueiros e coletores de castanha do vale do Rio Acre, um dos muitos que cortam o estado. As quase

cinco dezenas de termos específicos, coletados através da pesquisa de campo, perfazem uma produtividade relativamente boa, apesar da precariedade dos recursos aplicados e das dificuldades de localizar informantes realmente importantes. De qualquer modo, porém, este trabalho aponta o tamanho dos problemas a serem enfrentados até termos nosso Atlas Linguístico Brasileiro, de que se fala há décadas, mas até o momento pouco foi realizado e esta obra é um bom exemplo a ser incorporado.

Bruno Fregni Bassetto

INTRODUÇÃO

Sendo a língua uma herança cultural milenar (a história da língua é a história da cultura)¹, faz-se necessário estudar com maior profundidade os vários falares como forma de retratar a variante linguística de cada região dessa mesma herança, necessidade que já se manifestava em Amadeu Amaral (1920, p. 43), em *O Dialeto Caipira*. Segundo SCHUCHARDT, a língua é, sobretudo, um meio de comunicação entre os homens², pois é por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence e as ideias de seu tempo.

A língua, por ser um sistema dinâmico, é passível de mutações. As palavras, que a constituem, estão sujeitas a transformações de acordo com os diferentes momentos da história, pois, de acordo com os estudos de Genouvrier (*passim*), o léxico³ de uma língua é o lugar das mais amplas variações, já que certas palavras caem em desuso enquanto outras são criadas conforme a necessidade da denominação, isto é, segundo as necessidades socioculturais do meio. A língua,

¹ Citado por H. SPERBER, Sprachwissenschaft und Geistesgeschichte in WS XII (1929), p.173 ss. (apud Iorgu Iordan, 1962:104)

² Iorgu Iordan, 1962: 95)

³ Léxico: Sistema de palavras que compõe uma língua. (Carreter, 1973)

sendo um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica, pois é o homem que atua em suas transformações e, pela palavra, ele adquire consciência do mundo e de si mesmo. Por esse motivo, essa proposta de estudar o léxico especializado do seringueiro do Vale do Rio Acre, como uma forma de registrar e preservar uma situação histórica, visto que cada geração não apresenta as mesmas experiências linguísticas, embora conserve a tradição das precedentes.

O processo de produção da borracha é uma atividade econômica que vem passando por várias modificações e inovações de métodos, fato que traz consequências léxicas, ou seja, o aparecimento de palavras novas para designar ações, objetos e coisas utilizadas na execução desse trabalho, além disso, alguns métodos já estão fadados ao desaparecimento, como exemplo disto é o processo da defumação da borracha que já está em desuso e com isso resulta no desaparecimento de palavras que designam objetos e coisas utilizados nesse processo. Assim sendo, é de vital importância buscar uma forma de registrar e salvar esse recorte linguístico como representação cultural, antes que inovações de toda ordem o venham a apagar.

Esse foi um dos principais motivos que fizeram despertar a ideia de se estudar o léxico específico do seringueiro do Vale do Rio Acre, além da curiosidade e da necessidade de se conhecer e analisar a origem desse falar regional, devido à diversidade de culturas do povoamento do estado, quando da desenfreada corrida aos seringais; por esse motivo, faz-se necessário examinar a procedência e origem dos termos utilizados na atividade da extração e da industrialização do látex. Outro fator de interesse foi a localização geográfica, pois, pela distância e pelas dificuldades de transporte, alguns municípios desse estado tendem ao isolamento, o que nos faz acreditar que a língua nesses lugares seja conservadora. Além disso, o objeto de estudo desta pesquisa, os seringueiros, habitam o meio da floresta, ficando afastados do contato com outros grupos e pouco afeitos aos meios de comunicação de massa, pois o único meio de comunicação existente nessas localidades é o rádio a pilha. Ficam eles quase que isolados do contato com falantes de outras localidades, devido às grandes distâncias de uma *colocação* para a outra; o que torna mínimo o contato com outros falantes. Nesse contexto, faz-se necessário rastrear historicamente palavras específicas, que se fazem presentes no falar do seringueiro acreano, além do rastreamento da motivação entre as palavras e as coisas, na tentativa de um estudo onomasiológico, bem como as acepções que essas palavras adquiriram ao longo do tempo.

Outro fator que também contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho foi a necessidade de estudo sobre o léxico dessa região, pois são poucas

as pesquisas sobre essa temática e, com isso, acredita-se estar contribuindo para salvaguardar esse vocabulário e, através disso, mostrar as características específicas desse grupo de falantes, pois o seringueiro foi o principal agente de desenvolvimento econômico extrativo do estado do Acre durante a Revolução Industrial e, atualmente, com os preços em baixa e a escassez de árvores nativas, acredita-se estar essa atividade econômica, nos moldes atuais bastante primitivos, fadada ao desaparecimento.

Para tal estudo delimitaram-se as zonas de pesquisa, dentro do território acreano. Devido à amplitude do estado e à dificuldade de transporte, delimitou-se o Vale do Rio Acre, composto apenas por cinco municípios: Xapuri, Brasileia, Assis Brasil, Plácido de Castro e Porto Acre, cuja atividade econômica principal é a extração da borracha.

PROCEDIMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA

A primeira etapa para a execução da pesquisa foi preparar um questionário, voltado especificamente para o processo de corte da seringueira, coleta do látex, objetos e coisas que auxiliam nessa atividade. A elaboração do questionário tomou como base o modelo dos questionários utilizados para a elaboração dos atlas linguísticos do Brasil; procurou-se, no entanto, adaptar as perguntas, pois o objetivo era conseguir que o informante pudesse fazer uma descrição minuciosa do que lhe era perguntado. O número de perguntas foi pequeno, pois um inquérito demorado e exaustivo poderia fatigar o informante.

O questionário aplicado foi dividido em duas partes: o primeiro, aberto, constava de perguntas sobre a identificação pessoal e informações de caráter geral sobre a vida em família, grau de escolaridade, os primeiros contatos com o trabalho etc.; o segundo questionário, fechado, constava de perguntas voltadas especificamente para o vocabulário do trabalho com a seringa.

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, com vistas à coleta de dados, foi necessário percorrer os municípios selecionados e contactar os informantes que se encaixassem no perfil traçado e assim aplicar o questionário e desenvolver o trabalho de gravação em fitas magnéticas.

O questionário elaborado previamente passou por algumas modificações, pois à medida que se entrava em contato com os informantes, algumas perguntas foram sendo incluídas e outras reformuladas, para facilitar o entendimento das perguntas e a elaboração das respostas.

O perfil traçado para os informantes foi o seguinte:

Todos os informantes selecionados deveriam ser seringueiros nascidos no Acre e no município em que estava sendo desenvolvida a pesquisa, pois pretendíamos que esses fossem representantes do falar local. As faixas etárias selecionadas foram: uma de jovens, com idade entre 14 e 26 anos, denominada faixa etária A; uma faixa etária intermediária, de adultos entre 27 a 40 anos de idade, faixa etária B; e a última, de 41 anos até a idade que fosse possível ser encontrada, faixa etária C. A decisão de desenvolver um estudo com informantes de três faixas etárias deve-se ao surgimento e ao desaparecimento de certos termos comuns à linguagem do seringueiro acreano de determinadas faixas etárias. Desta forma, é possível perceber a mobilidade da língua, pois um estado de língua é fruto de um momento anterior, condicionado ao estado posterior da língua.

Para cada dois informantes do sexo masculino, selecionamos uma informante do sexo feminino, pois as mulheres estão mais ligadas aos afazeres domésticos, cabendo a elas apenas auxiliar no trabalho do corte da árvore e da coleta do látex. A elas cabe o papel de auxiliar o pai, quando se tratava de solteiras, e o marido, quando casadas. Além disso, as informantes do sexo feminino são em menor número nos *seringais*, pois grande parte da população das localidades pesquisadas é composta por homens, pois as meninas nascidas nos seringais aos doze ou treze anos são levadas para a cidade para trabalhar em “casas de família” ou para estudar.

Com relação à escolaridade dos informantes, a preferência era que não tivessem instrução escolar; no entanto, em algumas localidades, não foi possível encontrar informantes analfabetos, porque alguns tinham passado por uma curta experiência escolar.

Essa pesquisa foi desenvolvida durante o mês de junho de 1997. Para a coleta das entrevistas foi utilizado um gravador Panasonic RQ-L319 com microfone embutido; as fitas utilizadas foram da marca SONY, de 60 minutos. O material utilizado para a transcrição das fitas foi headphones estéreo, marca COBY, e aparelho de som Mouving Sound da marca Philips. Para o registro fotográfico, utilizou-se uma máquina fotográfica Yashica, sendo que algumas fotografias que são apresentadas no trabalho foram adquiridas com o fotógrafo J. Dias, funcionário da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de Rio Branco, AC, e outras foram extraídas de enciclopédias e das teses consultadas. Há também quatro obras do artista acreano Ueliton Santana dos Santos: Índio seringueiro I – Lápis grafite sobre papel – ano 2013, Índio seringueiro II – Lápis grafite sobre papel – ano 2013, Barracão – Carvão sobre papel – ano 2013 e Comboio no inferno verde- Lápis grafite sobre papel – ano 2013. Após o trabalho de campo,

procedeu-se à transcrição gráfica e digitação do material colhido nas entrevistas. Todas as entrevistas foram transcritas integralmente e utilizou-se o sistema de Luiz Antonio Marcuschi em *Análise da conversação*. É importante ressaltar que segundo o autor, não existe *a melhor* transcrição. Todas são mais ou menos boas e o essencial é que o analista saiba quais são os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados; para tanto, nessa transcrição procurou-se utilizar alguns símbolos que diferem daqueles utilizados por Marcuschi (1991), com o objetivo de facilitar tanto a digitação quanto a compreensão da transcrição. Todos os símbolos são apresentados na tabela de transcrição.

É importante ressaltar que o contato com os informantes e o meio em que vivem foi a maior e melhor experiência obtida em todo o desenvolvimento do trabalho de campo, pois a experiência anterior, mantida com informantes era pequena, fruto de trabalhos desenvolvidos durante a graduação, quando fazia parte, como bolsista do CNPq, do Centro de Estudos Dialectológicos do Acre (CEDAC). Essa participação serviu como experiência para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dessa pesquisa de campo.

Fazer a pesquisa *in loco* permitiu conhecer a difícil vida a que o seringueiro é submetido, pois ele convive com uma natureza hostil, caracterizada por duas estações bem definidas, que se alternam: no inverno, o seringueiro fica impossibilitado de trabalhar, devido às fortes chuvas que “tomam o leite”. Têm eles então, como único meio de sobrevivência, a coleta da castanha. No verão, o seringueiro sofre com a ausência do látex, pois o sol forte e a falta de chuvas secam o “leite da seringa”; a época de boa produção restringe-se apenas aos meses de abril, maio, junho, julho e agosto.

Para poder entrar em contato com os informantes e aplicar o questionário, foi necessário contactar entidades ligadas aos seringueiros: Casa do Seringueiro Acreano, Cooperativa Agroextrativista de Xapuri e AMOREB CM (Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes), que serviram de intermediários para as primeiras abordagens e apresentações junto aos informantes. Foi preciso também contar com a ajuda de vários moradores das cidades, em que estava sendo desenvolvida a pesquisa, para que esses pudessem indicar pessoas que se encaixassem no perfil de informante ideal. Essa etapa do trabalho não foi uma tarefa muito fácil, devido à localização dos seringais, necessitava-se de um bom preparo físico para percorrer longas distâncias pelos *varadouros*, única via de acesso aos seringais dentro da mata, além disso, pela falta de conhecimento dos caminhos dentro da mata, foi necessária a cooperação de moradores que se

deslocavam para os seringais ou colocações próximas às que se encontrava o informante adequado ao perfil traçado, para que assim pudesse executar a entrevista.

Na apresentação do glossário, parte central deste trabalho, optou-se pela ordem alfabética, já que a tentativa de ordená-lo por campos semânticos esbarrou em dificuldades de várias ordens, inviabilizando o processo. É importante ressaltar que os vocábulos⁴ selecionados foram os que tiveram maior representatividade para a caracterização do falar do seringueiro do Vale do Rio Acre. Nesse levantamento foram incluídas palavras já dicionarizadas e que também ocorram em outros pontos do país. Incluem-se nesse caso as especificações semânticas: vocábulos registrados nos Dicionários de Língua que, na região, apresentam aceção específica.

Constatou-se que a grande maioria das palavras arroladas é constituída por formas já dicionarizadas, estabeleceu-se como critério consulta sistemática aos dicionários:

- *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete.
- *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, de Joan Corominas.
- *Dicionário Etimológico*, de Antonio Geraldo da Cunha.
- *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda.
- *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado.
- *Dicionário Etimológico Resumido*, de Antenor Nascentes.

No que diz respeito aos critérios empregados na redação dos verbetes primeiramente mostrou-se a etimologia da palavra, a forma e a aceção em algumas línguas românicas, as aceções apresentadas pelos dicionários consultados e a aceção específica da região. Essa disposição, embora não muito usual, foi a que melhor se enquadrava em nossos propósitos, já que permite apreender melhor as possíveis relações onomasiológicas existentes.

Para comprovar a aceção específica, registrou-se também o contexto de atualização da fala do informante. Diante de cada abonação, entre parênteses, estão: o nome do informante de forma abreviada, a abreviatura do ponto pesquisado e o número da entrevista. A preferência na seleção do trecho da fala do informante foi a que melhor pudesse esclarecer e contribuir para a elaboração da conceituação e descrição do vocábulo.

⁴ Os dicionários de linguística apresentam diferentes significados para *vocábulo* e *palavra*, no entanto neste trabalho serão consideradas como sinônimas.

O objetivo da seleção desses vocábulos é rastrear a motivação entre as palavras e as coisas (*Wörter und Sachen*- corrente assim denominada por SCHUCHARDT; *Manual de Linguística Românica*, VIDOS) que surgiu como uma reação contra o predomínio da fonética e da investigação da “vida” na linguagem. Através dela, antes mesmo da Geografia Linguística e dos estudos de Gilliéron, havia sido possível verificar que, sem um preciso conhecimento das realidades, da natureza, das medidas, do uso etc. dos objetos, não era possível aproximar-se de todo da “vida” da palavra e fixar sua história e origem. Ressaltar o conhecimento das coisas, das *Sachen*, foi uma reação contra as chamadas “leis fonéticas” e contra o que na corrente “neogramática” havia de não vital. Toda a corrente de *Wörter und Sachen*, ou melhor, *Sachen und Wörter*, como a chamou Schuchardt, propôs como finalidade levar o aspecto semântico ao primeiro plano na vida da linguagem, mediante o estudo acurado das “coisas” e, dessa maneira, não só restabelecer o equilíbrio entre o significante e o significado, mas também, quando fosse possível a escolha, dar preferência à “semântica” sobre a “fonética”. Que significado e *Sache* se correspondem é um fato que pode ser notado em quase todos os problemas etimológicos. Porém, deve entender-se *Sache* num sentido muito amplo; segundo Schuchardt, a “coisa” “se refere tanto a acontecimentos e estados como a objetos, ao sensível como ao insensível, ao real como ao irreal”.

Segundo Schuchardt a etimologia pretende chegar ao conhecimento do verdadeiro ou correto (étymos significado de uma palavra (lógos). O correto e verdadeiro significado de uma palavra é o originário, ainda não mudado, ao seja, a palavra originária (tò étymon) com a qual se indicou uma determinada coisa (*Sache*).

Para Schuchardt que, junto com o indo-europeista R. Meringer, foi o pioneiro do método *Wörter und Sachen*, a *Sache* vem em primeiro lugar, e ela existe efetivamente inclusive por si só, completa e em sua integridade, enquanto a palavra depende dela, está ligada a ela e é um satélite seu. Por isso, ao contrário de Meringer, ele fala de *Sachen und Wörter*, e não *Wörter und Sachen*; uma concepção em que os dois termos são entendidos não como conceitos independentes, mas em estreita correlação entre si. O *Sachforschung* (“estudo das coisas”), para ele, não deve estar ao lado da *Wortforschung* (“estudo das palavras”), mas ambas devem interpretar-se mutuamente. A conjugação das mesmas em *Wörter und Sachen* deve ser considerada não como um signo de adição, mas de multiplicação: “que se desenvolva uma *Sachwortgeschichte* (“história da coisa-palavra”). Desta *Sachwortgeschichte* nos dão testemunho seus clássicos trabalhos neste campo. Já em 1904, ele falava com entusiasmo de um *Bilderatlas* (“atlas de imagens”), com fotos e desenhos dos objetos comuns

referentes à vida cotidiana dos povos neolatinos, e considerava desejável que se constituíssem museus etnológicos para cada povo românico e um museu românico geral, no qual o romanista pudesse familiarizar-se com as *Sachen* da România e estudar melhor a origem dos seus nomes. Em 1909, começava a ser publicada a revista *Wörter und Sachen, Kulturhistorische Zeitschrift für Sprach- und Sachforschung*, por obra de R. Meringer e W. Meyer-Lubke, entre outros. A denominação do novo movimento foi *Wörter und Sachen* precisamente por influência daquela revista, em vez de adotar o nome de *Sachen und Wörter* lançado por Schuchardt.

Graças aos estreitos laços de *Sachforschung e Wortforschung*, graças a *Sachwortgeschichte* de Schuchardt, graças a seu credo metodológico, traduzido na prática, de que “jamais se deve cometer um erro de método por excesso, mas somente por defeito”, graças a que ele reunia não só formas (palavras) em “massa das formas” e fatos fonéticos, mas também fatos semânticos (*Sachen*), “massa semântica”, obteve-se, em meu entender, precisamente este resultado: o equilíbrio entre matéria e espírito, conturbado pelo domínio da fonética, foi estabelecido e foi descoberta a autêntica vida da linguagem. Já que o objetivo do movimento *Wörter und Sachen* e o da Geografia Linguística é o mesmo, revelar a vida na linguagem. É evidente, desde logo, que a Geografia Linguística devia acrescentar outras partes para completar o objetivo desse estudo, e ao lado da Geografia da Língua devia juntar uma Geografia das Coisas (*Sachen*).

A Geografia Linguística não só tem levado em conta como merecia o movimento *Wörter und Sachen* como o impulsionou vigorosamente. Entre os Atlas de Línguas Românicas realizados até o presente, o mais perfeito foi o AIS (um *Wort- und Sachatlas*), com as centenas de desenhos que ilustram os objetos, os costumes, as ocupações etc. da população do território estudado, e com o suplemento publicado por um dos colaboradores com numerosas gravuras, desenhos e fotografias, que mostram os trabalhos agrícolas e os instrumentos das populações da Itália e do território linguístico reto-românico, representa um passo significativo nessa direção.

Como o movimento de *Wörter und Sachen* está intimamente ligada à chamada *Onomasiologia*⁵, que estuda as diversas denominações de um objeto, animal, planta, conceito etc. em um só território linguístico ou em vários. Como a corrente de *Wörter und Sachen*, ela põe em primeiro plano o aspecto semântico

⁵ Quem primeiro empregou a palavra Onomasiologia (derivada do gr. <<modo de nomear>>, <<denominação>>) foi Zauner no seu trabalho intitulado *Die romanischen Namen der Korperteile*, Erlangen, 1902. Depois foi adotada por C. Merlo num livro, que chamou *I nomi romanzi delle stagioni e dei mesi* (Saggio di Onomasiologia). Torim 1904. (Vasconcelos, 1973).

da palavra (a *Sache*), ou seja, busca o significado⁶ e não a fonética, e, como *Wörter und Sachen* e a Geografia Linguística esforçam-se por descobrir a vida da linguagem e as forças criativas na língua.

Além do aspecto psicológico, também o lado cultural é iluminado pela *onomasiologia*. Essa que, no princípio, era praticada com a ajuda de dicionários e de vocabulários dialetais, textos, monografias dialetais, recebeu um poderoso impulso graças ao atlas linguístico. Um atlas, com efeito, não é outra coisa senão uma coleção de mapas onomasiológicos.

É certo que os atlas linguísticos favoreceram poderosamente os estudos do tipo *Wörter und Sachen* e contribuíram eficazmente para o nascimento de toda uma série de estudos onomasiológicos. Estes estudos onomasiológicos ou monografias sobre as palavras, que, em certo sentido, são as enciclopédias dos objetos usuais, atividades etc. da população românica, referem-se, entre outras coisas, à casa, ao curral, à agricultura, à apicultura, ao pastoreio, aos instrumentos agrícolas, ao mobiliário, utensílios e objetos das casas, aos fenômenos atmosféricos etc. Em lugar de um objeto ou conceito só, ou de poucos, pode ser investigada onomasiologicamente toda cultura popular, todo o caráter folclórico de uma região ou de um país. Pode, além disso, priorizar o aspecto diacrônico ou sincrônico, isto é, pode focalizar o assunto mais linguisticamente com etimologias e reconstruções, ou mais descritivamente do ponto de vista dos objetos, da cultura popular.

A importância do atlas linguístico é indispensável para o auxílio do estudo onomasiológico. No Brasil, alguns atlas regionais já estão publicados, trabalho que teve como pioneiro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, tendo Nelson Rossi como autor e como coautores Carlota Ferreira e Dinah Maira Isensee, *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, realizado por José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antonio Gaio, *Atlas linguístico da Paraíba*, de autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, o *Atlas linguístico de Sergipe* de autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg, o *Atlas linguístico do Paraná*, de autoria de Vanderci Aguilera. Há ainda outras novas contribuições: *Atlas linguístico do Ceará*, *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul*, *Atlas linguístico do estado de São Paulo*, *Atlas Etnolinguístico*

⁶ A busca do significado das palavras já era uma preocupação desde os povos mais antigos conforme a afirmação que é feita na *Iliada*: “Volúvel é a língua dos mortais; as palavras têm muitos e variados sentidos, e o âmbito da fala é extenso para um e outro lado” (XX,vv.248-9). (Ullmann, 1964:11)

dos pescadores do estado do Rio de Janeiro. Ainda em andamento o Atlas linguístico do estado do Acre.

Deste modo, percebe-se que ainda não existe um número satisfatório de estudos que permitam o conhecimento amplo do português do Brasil com base na investigação direta da realidade linguística do país. Nesse sentido, este trabalho pretende dar alguma contribuição a esses estudos em nosso país.

INFORMAÇÕES SOBRE O ESTADO DO ACRE

1.1 DADOS GERAIS

O nome Acre, que passou da denominação do rio ao território, em 1904, e ao estado, em 1962, tem origem talvez do termo indígena *a 'kiru*, “rio verde”, ou da forma *a'kir*, de *ker*, “dormir, sossegar”. É quase certo, porém, que seja uma deformação de *Aquiri*, modo pelo qual os exploradores da região grafaram *Umákuru*, *Uakiry*, vocábulo do dialeto ipurinã. Há também a hipótese de *Aquiri* (> Acre) derivar de *Yasi'ri*, *Ysi'ri*, “água corrente, veloz”.

Acredita-se também que em 1878, em viagem, o colonizador João Gabriel de Carvalho Melo tenha escrito ao comerciante paraense Visconde de Santos Elias, pedindo-lhe mercadorias destinadas à “boca do rio Aquiri”. Como em Belém, os donos e os empregados do estabelecimento comercial não conseguiram entender a letra de João Gabriel ou porque este, apressadamente, tivesse grafado *Acri* ou *Aqri*, em vez de *Aquiri*, as mercadorias, como também as futuras, chegaram ao colonizador como destinadas ao rio Acre. Esta é outra versão para a origem do nome do estado do Acre.

O estado do Acre está situado no sudoeste da Amazônia brasileira, na região Norte. Limita-se com o estado do Amazonas, ao norte; com o Peru, ao

sul; com a Bolívia, a sudeste, e com o estado de Rondônia, a leste. Todo o estado compreende uma área de 164.221,36 km²; sua altitude média é de 152,5 metros. Praticamente todo o relevo se integra no baixo do platô arenítico, ou terra firme, unidade morfológica que domina a maior parte da Amazônia brasileira. Esses terrenos se inclinam, no Acre, de sudoeste para nordeste, com topografia, em geral, tabular. No extremo oeste, se encontra a serra da Contamana ou do Divisor, ao longo da fronteira ocidental, com as maiores altitudes do estado (609m). Cerca de 63% da superfície estadual fica entre 200 e 300m de altitude; 16% entre 300 e 609; e 21% entre 200 e 135. O clima é quente e muito úmido, do tipo Am de Köppen, e as temperaturas médias mensais variam entre 24 e 27° C. As chuvas atingem o total anual de 2.100mm, com uma nítida estação seca nos meses de junho, julho e agosto.

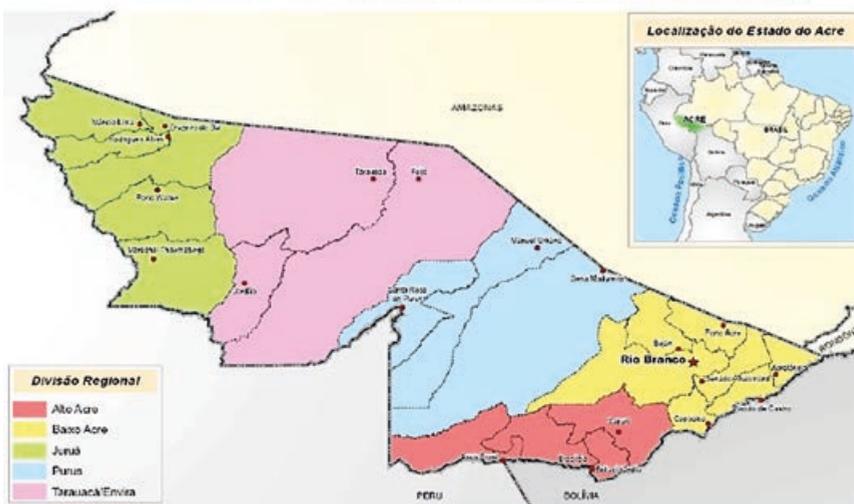
A floresta amazônica recobre a maior parte do território estadual. Muito rica em seringueiras da espécie mais valiosa, a floresta garante ao Acre o lugar de primeiro produtor nacional de borracha. Os principais rios (Juruá, Tarauacá, Embira, Purus, Içá, Caeté, Envira, Muru, Xapuri e Acre) são navegáveis apenas por pequenas embarcações, pois atravessam o estado com cursos quase paralelos e só vão confluir fora do seu território. Possui 22 municípios e tem uma população estimada em 733.559 habitantes conforme o censo de 2010 e estimativa de 869.265 em 2018. A população é constituída basicamente por descendentes de índios e nordestinos, principalmente cearenses; no entanto, há também descendentes oriundos de outros estados nordestinos (Bahia, Pernambuco e outros). A capital do estado é Rio Branco, com uma população de 336.038 habitantes de acordo com o censo de 2010. O gentílico é rio-branquense. Suas principais cidades são: Rio Branco, Cruzeiro do Sul, Sena Madureira, Tarauacá e Feijó. A economia principal do estado é a cultura da mandioca, milho, banana; criação de bovinos e ovinos. Os recursos naturais são o extrativismo da borracha, a coleta da castanha e o comércio de madeira. A indústria é basicamente madeireira, processamento de borracha, cerâmica e alimentos. O gentílico de quem nasce no Acre é acreano. A distância de Brasília, em linha reta, é de 2.249,7 km e por rodovia é de 3.123 km.

1.2 O ACRE NO BRASIL



1.3 DIVISÃO POLÍTICO – ADMINISTRATIVA DO ESTADO DO ACRE

Mapa da Divisão Político-administrativa do Estado do Acre



1.4 HIDROGRAFIA



2 SINOPSE DA HISTÓRIA DO ESTADO DO ACRE

2.1 POVOAMENTO INICIAL

De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional, durante o séc. XVIII, as penetrações portuguesas já haviam atingido os pontos máximos no Brasil. Consequência inevitável foi a dilatação do horizonte geográfico na direção oeste, atingindo terras de posse espanhola, fato que se tornou matéria dos tratados de Madrid (1750) e de Santo Idelfonso (1777). Ambos os tratados, partindo das explorações feitas por Manuel Félix de Leme nas Bacias do Guaporé e do Madeira, estabeleceram como linha divisória das possessões respectivas na área em questão, os leitos do Mamoré e do Guaporé até seu limite máximo ocidental, na margem esquerda do Javari.

O povoamento da zona, estimulado pela criação da nova capitania real de Mato Grosso (1751), deu-se na direção da fronteira, surgindo alguns centros importantes: Vila Bela (1752), às margens do Guaporé, Vila Maria (1778), no rio Paraguai e Casalvasco (1783). Até meados do sec. XIX não se pensou em povoamento sistemático da área. Nessa época, o grande manancial virgem de

borracha, que aí se encontrava, atraía o interesse mundial, provocando sua colonização de modo inteiramente espontâneo.

A política econômica do império, orientada para a atividade agrário-exportadora com base no café, não comportava o aproveitamento e a incorporação dos territórios do extremo ocidental. Desse descaso resultou que, no *Atlas do Império do Brasil* (1868) de Cândido Mendes de Almeida, modelar no seu tempo, não figurassem o rio Acre e seus principais tributários, completamente desconhecidos dos geógrafos. Nos mapas bolivianos essas terras eram denominadas como “Tierras non descubiertas”.

Malgrado tal política, alguns sertanistas brasileiros exploravam aquela região agreste e despovoada, desconhecendo se pertenciam ao Brasil, ao Peru ou à Bolívia. Assim, ainda em meados do séc. XIX, no impulso que a procura da borracha ocasionou, solicitada que era no mercado internacional, várias expedições esquadrinharam a área buscando facilitar a penetração dos colonos.

Segundo Cleusa Maria Rancy (1992, p. 14), as terras, hoje acreanas, já foram palco de inúmeras tentativas de posse por parte dos países fronteiriços: Brasil, Peru e Bolívia.

Conforme Rancy (1992) o estado do Acre está situado no extremo noroeste da Amazônia brasileira, que primitivamente era recoberta pela floresta equatorial; sua formação é de planícies, rios, floresta, seringueiras, castanheiros, calor e umidade.

Foi por influência do extenso domínio florestal, que a árvore produtora do látex foi motivo da exploração, conquista e posterior anexação dessa região ao domínio brasileiro, região esta que fez com que o Brasil se tornasse o primeiro produtor de borracha natural.

A economia extrativa vegetal, principal fonte de sobrevivência do homem na região, foi auxiliada também pela coleta da castanha, fruto de alto valor nutritivo, de delicioso paladar e de fácil aceitação até no exterior; a exportação desse fruto permitiu amenizar parcialmente os danos gerados quando do declínio gumífero.

2.2 AS PRIMEIRAS CONQUISTAS

Cleusa Rancy (1992, p. 15) afirma que a conquista das terras acreanas teve seu início por volta de 1850, no Purus. Para essa autora, os primeiros a percorrerem essa região foram os pescadores e coletores de drogas, porém a maior investida foi a dos *encarregados de índios*, que eram funcionários que tinham

por objetivo transmitir ensinamentos gerais e religiosos que melhorassem a vida dos índios e, ao mesmo tempo, facilitassem os interesses dos civilizados.

Para Rancy (1992), algumas controvérsias existem sobre quem primeiro chegou a desbravar as terras acreanas, independente dessas terras terem pertencido à Bolívia ou ao Peru. Entre os desbravadores registram-se João da Cunha Corrêa e Manoel Urbano.

De acordo com Rancy (1992), em 1857-1858, Manoel Urbano fez uma viagem pelo rio Juruá e depois pelo rio Tarauacá, passando em seguida para o Envira e chegando por terra ao Purus. Em 1861, João da Cunha Corrêa foi mais além dessa região e desbravou os afluentes da margem direita: Aquiri, Hynama e Aracá, que banham essa região. Atualmente, esses rios são denominados Acre, Jacó e Chandless.

Leandro Tocantins (1979, p. 110) empresta a João da Cunha Corrêa o título de desbravador do Juruá, à semelhança de Manoel Urbano, no Purus.

2.3 A OCUPAÇÃO CEARENSE

De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional (1975) à proporção que subia no mercado o preço da borracha, crescia a demanda e aumentava a corrida para a Amazônia. Os seringais multiplicavam-se, assim, pelos vales do Acre, do Purus e, mais a oeste, do Tarauacá: em um ano (1873-1874), na bacia do Purus, a população subiu de cerca de mil para quatro mil habitantes. Por outro lado, o governo imperial, já sensível às ofertas decorrentes da procura da borracha, considerou brasileiro todo o Vale do Purus.

Também na segunda metade do séc. XIX, registraram-se perturbações no equilíbrio demográfico e geoeconômico do império com o surto cafeeiro no Sul canalizando os recursos financeiros e de mão de obra, em detrimento do Nordeste. O empobrecimento crescente dessa região impulsionou ondas migratórias em direção ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. O movimento de populações tornou-se particularmente ativo durante a seca prolongada no interior nordestino, de 1877 a 1880, expulsando centenas de cearenses, que rumavam então para os seringais em busca de trabalho.

Para a colonização dessa região, foram inúmeras as caravanas migratórias, que vinham principalmente do Ceará. De acordo com Tocantins (1979, p. 151), a primeira caravana migratória partiu de Belém em 06 de fevereiro de 1878, a bordo do vapor Anajás, com o objetivo de chegar à Boca do Acre. João Gabriel,

símbolo de pioneirismo nordestino, fez desembarcar o pessoal em 3 de março de 1878, dando início à colonização das terras acreanas.

Os governos do Amazonas e do Pará logo instituíram as chamadas *casas aviadoras*, que financiavam vários tipos de operações, garantiram créditos e promoviam o incentivo comercial nos seringais.

Segundo Roberto Santos *apud* Rancy (1992, p.21), essa migração teve como pontos básicos os seguintes fatores:

- a) O trabalhador sonhava operar como se fosse empreiteiro de si mesmo, isto é, seringueiro autônomo, não se submetendo sequer ao regime salarial, pois o látex que ele vendesse pertenceria somente a si.
- b) A ilusão de enriquecimento fácil e rápido.
- c) O recrutamento e a propaganda realizada pelos seringalistas do Pará e do Amazonas em Fortaleza, Recife e Natal para atrair os nordestinos para o trabalho nos seringais.
- d) Facilidades oferecidas pelos governos do Pará e do Amazonas, bem como as facilidades do transporte de cabotagem até o porto de Belém.
- e) Falência dos senhores das terras e a permanência da seca que só aumentava cada vez mais a miséria nas regiões de origem.

Cleusa Maria Damo Rancy (1992, p. 22), afirma que as terras do Acre eram as que mais atraíam imigrantes e enumera algumas causas dessa grande atração:

- a) A tendência dos emigrados em buscar recursos rápidos e temporários;
- b) A grande incidência de seringueiras na região;
- c) A necessidade de aumento da produção gumífera, estimulada pela valorização do produto no mercado externo;
- d) A predominância de atividades diversificadas de coleta e pequenos núcleos agrícolas nas regiões próximas a Belém e Manaus, impelindo muitos a buscar novas áreas;
- e) A impossibilidade de aproveitamento desse contingente humano nas colônias agrícolas próximas aos centros regionais da Amazônia;
- f) O esgotamento parcial das árvores produtoras do látex nas regiões dos baixos rios amazônicos.
- g) A facilidade de acesso através da rede fluvial.

Para essa pesquisadora, esses fatores independentes se completam e ajudam a compreender a escolha da região, onde a incidência maior de seringueiras é explicada em parte pelas próprias condições geográficas, visto que toda ela é recoberta por vegetação florestal, local em que sobressaem as árvores de látex.

2.4 BREVE HISTÓRICO SOBRE O EMBATE FRONTEIRIÇO

Em 1890, um oficial boliviano, Juan Manuel Pando, alertou seu governo para o fato de que na bacia do Juruá havia mais de trezentos seringais; as terras acreanas eram ocupadas, em sua quase totalidade, por brasileiros, grupo de desbravadores oriundos do Nordeste; no entanto, devido ao problema da fixação das fronteiras, havia uma grande intervenção por parte dos países limítrofes, Bolívia e Peru. Mesmo havendo dois tratados para a delimitação territorial, conforme Rancy (1992, p. 28) (O tratado de Madri, de 1750 e o de Santo Ildefonso, de 1777), esses dois países não cessavam as tentativas de incorporação dessa faixa de terra aos seus territórios.

Em 1867, foi assinado o tratado de Ayacucho, no qual eram fixadas as fronteiras brasileiro-bolivianas, Tocantins (1979, p.126) nos informa a delimitação que ficou estabelecida “desde o rio [Beni, na sua confluência com o Madeira] para o oeste, seguirá a fronteira por uma paralela tirada da sua margem esquerda, na latitude 10° 20’, até encontrar as nascentes do Javari”. Desse modo, o Acre passava a fazer parte do poder da soberania boliviana.

Rancy (1992, p. 29) nos diz que

A questão da delimitação das terras aflorou quando se deu efetividade ao Tratado pela ação das comissões demarcadoras. Em 1870, foi nomeada a primeira dessas comissões, cujos trabalhos de demarcação estenderam-se até 1878, quando, por divergências entre aos pontos de limites estabelecidos no Tratado e as situações confrontadas, levaram os comissários brasileiro e boliviano a suspenderem os trabalhos e a sugerirem aos dois governos uma revisão dos limites inicialmente fixados. Os trabalhos, porém, ficaram paralisados até fevereiro de 1895.

Ainda citando Rancy (1992), em 3 de janeiro de 1899, a Bolívia implantou administração em Puerto Alonso, assegurando, oficialmente, o domínio sobre o Acre. Fazendo cessar a autoridade dos funcionários brasileiros, ali representados pelo superintendente e pelo Juiz de Direito da Comarca da vila amazonense de Floriano Peixoto, nomeados pelo governo daquele estado.

Sabemos que as autoridades brasileiras protestaram veementemente; as autoridades bolivianas, porém, não recuaram de forma alguma.

A partir desse momento, a insatisfação era uma constante e generalizava-se entre a população dos seringais do Acre, visto que o abandono por parte do governo brasileiro era visível e tudo contribuiu para uma grande revolta.

A população do estado pouco a pouco passou a resistir à tentativa de dominação boliviana sobre o território desbravado e ocupado por brasileiros.

O primeiro passo foi a não aceitação dos tributos solicitados pelos bolivianos. A partir daí, começava a preparar-se a revolta, que garantiria a posterior anexação ao território e à soberania brasileira.

José Carvalho, um advogado cearense, liderou uma ação armada, que culminou na expulsão das autoridades bolivianas. Logo depois, a Bolívia iniciou negociações com um truste anglo-americano, o Bolivian Syndicate, a fim de promover, com poderes excepcionais (cobrança de impostos, força armada), a incorporação política e econômica do Acre a seu território. O governador Ramalho Júnior, do Amazonas, informado do ajuste por um funcionário do consulado boliviano em Belém, Luiz Galvez, enviou-o à frente de contingentes militares para ocupar Puerto Alonso. Em 14 de julho de 1899, Luiz Galvez Rodrigues declarou o Estado Independente do Acre, sob a forma republicana, tornando-se seu presidente com a aquiescência dos seringalistas, visto que o Brasil permanecia indiferente à realidade e às reivindicações dos seringueiros; a partir desse momento, os acreanos tomaram as rédeas de seu próprio destino. Sob protestos da Bolívia, o presidente Campos Sales extinguiu a efêmera república (março de 1900).

Os bolivianos reinstalados na região sofreram, ainda em 1900, a investida da chamada expedição Floriano Peixoto ou “expedição dos poetas”, assim chamada por se constituir, na maior parte, de intelectuais da boemia de Manaus. O conflito não teve maiores consequências, uma vez que, em seguida, nas imediações de Puerto Alonso, a expedição foi completamente desbaratada.

Por fim, o governo da Bolívia firmou contrato com o Bolivian Syndicate (julho de 1901). O congresso brasileiro, impressionado com a arbitrariedade do ato, tomou represálias: cancelou convênios de comércio e navegação entre os dois países e suspendeu o direito de trânsito para a Bolívia.

Ao mesmo tempo, os acreanos brasileiros organizaram uma investida armada de grande vulto na região conflitada. As operações foram chefiadas por um ex-aluno da Escola Militar do Rio Grande do Sul, José Plácido de Castro. Os seringueiros armados ocuparam a vila de Xapuri no Alto Acre (agosto de 1902), prendendo as autoridades bolivianas. Finalmente, as forças de Plácido de Castro assediaram Puerto Alonso e obtiveram outra vitória proclamando, o Estado Independente do Acre, após a capitulação das tropas bolivianas (fevereiro de 1903).

O Brasil enviou tropas para ocupar militarmente o Acre e iniciou as negociações com a Bolívia. O barão de Rio Branco, ministro do Exterior, pagou ao Bolivian Syndicate uma indenização de 110 mil libras pelo fim da concessão, e assinou com a Bolívia, em 17 de novembro de 1903, o Tratado de Petrópolis,

que reconheceu os direitos do Brasil sobre toda a região. Em troca, o Brasil se comprometia a pagar 2 milhões de libras esterlinas, pagos em duas parcelas e ainda a providenciar a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, ligando Santo Antônio do Madeira a Vila Bela, na confluência Beni-Madeira. Tais foram as principais cláusulas do tratado de Petrópolis (novembro de 1903), pelo qual o Brasil adquiriu definitivamente as terras hoje acreanas.

Restava a questão com o Peru, que também reclamou a soberania sobre todo o território do Acre e parte do estado do Amazonas, à luz de títulos coloniais. Após conflitos armados entre brasileiros e peruanos no Alto Purus e no Alto Juruá, estabeleceu-se uma administração conjunta naquelas regiões (1904). Os estudos para a fixação dos limites prosseguiram até fins de 1909, quando foi assinado um tratado que completou a integração política do Acre em território brasileiro.

Em 25 de fevereiro de 1904, foi criado o território do Acre pela lei nº 1.181, sancionada pelo presidente Rodrigues Alves. A administração do território do Acre foi exercida por prefeitos designados pela presidência da República até 1920; de 1921 a 1962, por governadores, também nomeados pela presidência e interventores federais.

Em 15 de junho de 1962, o presidente João Goulart sancionou a lei que elevou o Acre à categoria de estado da Federação. Em 1990, o Acre elegeu seu 12º governador, Edmundo Pinto de Almeida Neto, que foi assassinado em 1992. Assumindo o governo do estado o vice-governador, Romildo Magalhães. Em 1995, assumiu o governo do estado Orleir Messias Cameli, após ter vencido as eleições de 1994, pelo PPB.

Após esse breve relato sobre a história e as conquistas do estado do Acre, é possível afirmar que a formação da sociedade acreana se deveu essencialmente à seca e à seringa, pois os principais formadores dessas terras foram os brasileiros nordestinos, atraídos pela abundância da *hevea brasiliensis*.

3 INFORMAÇÕES SOBRE OS PONTOS PESQUISADOS

3.1. ASSIS BRASIL



Estrada do Pacífico BR 317

Cidade anteriormente chamada Seringal Paraguassu, passou a se chamar Vila Assis Brasil e, em 19 de abril de 1976 passou a município. Possui uma área de 3.991 km² e sua população é de 2.918 habitantes. A principal atividade econômica é a agricultura. Os naturais do município denominam-se “Assis-brasilienses”.

3.2. BRASILEIA



Brasileia possui uma área de 6.232 km², tem uma população estimada em 13.955 habitantes. No dia 03 de julho de 1910 às 17:00 horas, foi fundada como Vila Brasília. Em 31 de dezembro de 1943, passou a denominar-se Brasileia, uma composição do nome pátrio Brasil, com o significado potencial da Amazônia Hileia.

A principal atividade econômica desse município é a produção extrativista vegetal da borracha e da castanha-do-pará; em seguida vem a produção agrícola, sendo o milho e a mandioca os principais produtos. Na produção extrativista animal, destacam-se o couro e a pele de animais silvestres. A produção industrial é representada principalmente pelas indústrias de transformação de produtos alimentares (farinha de mandioca, açúcar banguê, arroz beneficiado, planificação etc.), desdobramento da madeira, tijolo e extração de lenha. A pecuária, nesse município é ainda pouco desenvolvida. Os naturais do município denominam-se “brasilienses”.

3.3. PLÁCIDO DE CASTRO



Templo Senhor Bom Jesus do Abunã

O município de Plácido de Castro foi criado em 30 de março de 1963. Inicialmente, era uma colocação de seringueiros, passando posteriormente a depósito do seringal São Gabriel, com o nome de Pacatuba . Em 1922, com o crescimento do povoado, surgiu a Vila Pacatuba, que logo depois recebeu o nome de Plácido de Castro, em homenagem ao herói da Revolução Acreana.

O surgimento desse município deu-se em razão da posição comercialmente estratégica para compra de borracha, castanha e o fornecimento de mercadorias, função de entreposto que concentrava toda produção da rica e vasta região boliviana. A autonomia veio com a lei estadual nº 588, de 1 de maio de 1976 e teve sua efetiva instalação no dia 30 de março de 1977.

Sua população atual é de aproximadamente 20 mil habitantes, com cerca de 40% de população urbana e 60% de população rural. Possui uma área de 2.972 km². Situa-se a uma altitude de 120m, o índice pluviométrico é de 2.000 mm³.

Atualmente, com o asfaltamento dos 97 km da rodovia AC 40, a população de Rio Branco passou a utilizá-la intensamente. O fluxo de pessoas levou os vizinhos bolivianos a trazerem mercadorias da Zona Franca de Cobija, intensificando o comércio.

O comércio se desenvolveu no território boliviano e teve reflexo imediato na margem brasileira, estimulando o comércio e serviços para atender às necessidades dos comerciantes bolivianos e dos turistas brasileiros. Plácido de Castro, atualmente, é uma cidade de grande atração para o turismo. Sua economia está baseada, principalmente, na compra de borracha e castanha providas da Bolívia. Com o assentamento do MIRAD (Ministério da Infraestrutura e Reforma Agrária e Desenvolvimento), ultimamente a agricultura e a pecuária vêm disputando a primazia. Movelaria, cerâmica e beneficiamento de café são suas atividades industriais.

3.4 PORTO ACRE



Vista da cidade de Porto Acre

Cidade desmembrada de Rio Branco e criada pela lei nº 1.030, de 28 de abril de 1992. Possui uma população de 9.347 habitantes, equivalente a 4,36% em relação à população do estado. As atividades deste município baseiam-se na agricultura de subsistência, extrativismo da borracha natural e extração de madeira. Cultivam-se alguns produtos como a melancia, feijão e o milho. A indústria de laticínios e o cultivo de pupunha, para ser industrializada, são atividades prósperas. Os naturais do município denominam-se “porto-acrenses”.

3.5 XAPURI



Igreja de São Sebastião

Xapuri tem uma área de 8.137 km² e foi criada em 22 de março de 1905. Está localizada à margem do rio Acre, em frente à confluência com o rio Xapuri; essa denominação foi originada pela homenagem ao nome de uma tribo dos primeiros habitantes deste lugar, a tribo dos *xapuris*. Segundo tradição oral, os primeiros exploradores encontraram, acima da foz do rio, a maloca da tribo dos “xapuris”, originando o nome do rio, e posteriormente, o da cidade, cuja grafia primitiva era “CHAPURI”, termo que significava “rio antes”.

Em 1902, este município era formado apenas de um pequeno povoado com algumas casas e mais ou menos cento e cinquenta pessoas. Em 1904, fez-se a divisão do território em departamentos. O prefeito do Departamento

do Alto-Acre, Coronel Rafael Augusto da Cunha Matos, em 25 de agosto do mesmo ano, elevou o povoado à categoria de vila e, em março do ano seguinte, passou à condição de cidade.

Em 1912, tornou-se sede da comarca e, nessa fase político-administrativa, a cidade pouco a pouco foi sendo organizada, conseguindo, com isso, um certo progresso incrementado pelas condições financeiras, o que possibilitou melhorias em diversos setores da atividade humana. A presença de funcionários da justiça e da administração central, neste município, beneficiou fortemente a população, principalmente no âmbito sociocultural, visto que esses possuíam uma boa formação intelectual; prova disto é que em 1913 já circulavam jornais como o Alto-Acre.

Atualmente, o município de Xapuri tem uma população de 12.716 e apenas 305 famílias de seringueiros. A principal atividade econômica é a produção extrativista vegetal, seguida pela coleta da castanha-do-pará; trabalha-se também na produção agrícola, sendo os principais produtos a mandioca e o milho. Devido ao fato de a extração da borracha estar em baixa, a atividade econômica em expansão está sendo a pecuária.

A SERINGUEIRA HISTÓRICO

A seringueira é conhecida desde tempos remotos, sendo que os índios já usavam o látex dela retirado, apesar de não verem grande utilidade nesse material.

Nas antigas civilizações da América pré-colombiana, a borracha parece ter desempenhado importante papel. Pinturas murais astecas, das quais pelo menos uma cópia permanece no Museu Nacional do México, aludem o uso da borracha nativa para pagamento de tributos ao monarca reinante e contribuição a cerimônias religiosas. Presume-se que tais empregos da borracha datem do século VI d. C.

Quando Cristóvão Colombo veio pela segunda vez à América (1493-1496), desembarcou no Haiti e em terra confraternizou-se com os índios assistindo a um jogo típico, no qual os índios utilizavam uma bola preta. Interessou-se em saber qual era a substância utilizada para fazer a bola e ficou sabendo que se tratava da seiva solidificada de uma árvore local. Enquanto os habitantes naturais da América conheciam há tanto tempo os vários empregos úteis e as propriedades físicas da borracha, para os europeus a descoberta do notável material foi motivo de completa surpresa. Maravilharam-se, primeiro, com a capacidade que tinham as bolas de saltar acima do nível de que fossem arremessadas. Além disso, a extraordinária substância era impenetrável à água.

Em 1521, os espanhóis conquistaram o México e verificaram que os nativos extraíam a seiva de certas árvores e transformavam-na em goma elástica, que era utilizada para diversas finalidades, uma das quais era untar os recém-nascidos para protegê-los do frio; usavam-na também com combustível para tochas e flechas incendiárias em época de guerra.

Os relatos de Pierre Martyr d'Anghiera, B. de Sahagun, D. Duraa, A. de Herrera Tordesillas (1601), F. J. Torquemada e P. de Neuville, (1723), constituem apenas a parte documentada do acervo de informações iniciais sobre a borracha, antes de La Condamine e Fresneau. Em adição a essas, os colonizadores certamente remetiam a seus países de origem outros dados e elementos, aguçando a curiosidade da Europa a respeito. A curiosidade era justificada também por preocupações de ordem prática. Naquela época, tubos e mangueiras eram feitos de couro e vazavam pelas costuras, prejudicando grande rol de atividades, desde a de um químico de laboratório até a de um bombeiro. As capas de couro, além de pesadas, não ficavam à disposição de todos, dado o seu elevado preço. Botas de couro nunca ofereciam proteção perfeita contra a água. As bexigas de porco infladas também não eram bolas ideais para os jogos.

Coube a Charles Marie de La Condamine e François Fresneau chamar a atenção dos cientistas e industriais para as potencialidades contidas na borracha. La Condamine achava-se no Equador, comissionado pela Academia de Ciências de Paris para a medição do arco do meridiano, quando escreveu a primeira comunicação sobre a borracha, lida por Buffon em 1736 perante a Academia. Em resumo, a nota mencionava uma árvore, que os nativos da região chamavam de *Hhevé* e os índios maias de *cautchuc*; dela escorria uma resina “branca como o leite” que, uma vez endurecida ao sol, prestava-se para a confecção de tochas; a resina permitia também, quando tratada em moldes de terra, o fabrico de garrafas mais leves que as de vidro e absolutamente infensas à fragmentação. Quase dez anos se passaram até a publicação, em 1745, do *Relato abreviado de uma viagem feita ao interior da América Meridional*, onde La Condamine voltou a falar sobre a “resina elástica”. No mesmo ano, o livro de La Condamine apareceu traduzido em Londres, levando à Inglaterra, alguns anos antes da Revolução Industrial, seus informes e observações.

Mas o pioneiro da indústria francesa da borracha foi o engenheiro François Fresneau, amigo de La Condamine, que, designado para reconstruir o forte de Caiena e secundariamente para desenvolver pesquisas botânicas, esteve quatorze anos envolvido com observações sobre árvores gumíferas. O original de Fresneau foram suas previsões do emprego industrial da borracha, sua persistente

dedicação e, já de volta à França, em 1749, a investigação e experimentos sobre o novo material. Em 1747, anunciava que, em se aplicando sobre o pano, poder-se-ia obter encerados, luvas para bombeiros, roupas para mergulhadores, sacos para bolachas etc. Seu grande desígnio era converter a borracha em matéria-prima de uma nova indústria. Mas o problema residia no fato de o produto chegar à Europa em estado já sólido, dada à facilidade de coagulação do látex no lugar da extração. Fresneau dedicou cerca de vinte anos à pesquisa da liquefação da goma coagulada. Os solventes comuns não serviam. Afinal, depois de vários experimentos, conseguiu a dissolução em terebintina, comunicando suas conclusões ao governo francês em 1762.

Seguiram-se outras descobertas até o final do século, tanto na França como na Inglaterra. Registraram-se patentes para lonas impermeabilizadas e roupas à prova de água. Os professores franceses Chales e Robert subiram ao ar, em 1785, em seus balões de hidrogênio, cuja envoltura era de seda revestida de borracha. Mas com exceção da borracha-de-apagar, os primeiros artigos de borracha só passaram a ter curso verdadeiramente comercial em 1803, quando se instalou perto de Paris a primeira fábrica de borracha, produzindo ligaduras elásticas para suspensórios e ligas. A segunda fábrica surgiu em Viena, em 1811. A terceira, em 1820, na Inglaterra, implantada por Thomas Hancock, considerado “o pai da indústria da borracha”, em razão de ter sido o primeiro a executar com sucesso um projeto de manufatura de borracha em larga escala. Por volta de 1823, Charles Macintosh passa a empregar a nafta do carvão como solvente e funda uma fábrica de tecido à prova de água, em Glasgow, na Escócia.

Persistiam, porém, sérios problemas técnicos. A borracha, pelos tratamentos até então conhecidos na Europa, tornava-se pegajosa ao calor ambiente e muito dura e inflexível no frio. Macintosh removera parcialmente a primeira dificuldade, colocando a borracha de permeio entre duas peças de pano, para a fabricação de seu “tecido duplo” patenteado. Mas uma solução definitiva estava por surgir, a da *vulcanização*, que só Goodyear iria descobrir 1839, nos Estados Unidos. Neste país, a borracha começara a ser importada talvez em 1800, procedendo do Brasil sob a forma de garrafas.

Em 1820, fabricantes de sapatos de Boston e proximidades enviavam calçados ao Pará para serem cobertos de borracha; outros remetiam moldes de madeira para a confecção de calçados desse material. E somente em 1833 surgiu a primeira indústria americana de borracha, a Roxbury India Rubber Factory Mass. Nesse ínterim, novas fábricas do setor iam se instalando no continente europeu.

A demanda primitiva da borracha pela nova indústria na Europa e nos Estados Unidos prendia-se a necessidades relacionadas com os bens de consumo como roupas e calçados. Ao mesmo tempo, invenções e aplicações apareceram no campo das necessidades industriais.

Naturalmente, essa demanda original fazia apelo a novos equipamentos, tendo sido inventados então, na estimulante atmosfera da revolução técnica da Inglaterra, o mastigador de Hancock e a “spread machine” de Chafee. Permanecia sem solução satisfatória, no entanto, o problema da pegajosidade. O uso de talco por Hancock, em 1838, apenas adia os inconvenientes da borracha não-vulcanizada.

O termo vulcanização foi empregado por Willian Brockedon pela primeira vez em 1842, ao mostrar a Hancock alguns pedaços de borracha preparada nos Estados Unidos por Goodyear. O material assim tratado não se deixava alterar pelo frio, calor, solventes comuns ou óleos. Como o tratamento de Goodyear implicava o uso de enxofre e calor, familiares ao deus mitológico Vulcano, o termo pareceu apropriado e logo se disseminou pela Europa e a América.

Goodyear dedicou muitos anos, recursos e tranquilidade nas pesquisas com borracha, que, por várias vezes, levaram-no à pobreza. Seu maior passo em direção à descoberta da vulcanização parece ter sido o entendimento do inteiro alcance da técnica de Hayward. Este descobriu que, misturando borracha com enxofre e expondo o composto à luz do sol, a superfície perdia a adesividade. Em fevereiro de 1839, Hayward patenteou esse processo, chamado de “solarização”, mas logo Goodyear adquiriu os direitos da patente. Prosseguindo em seus experimentos, Goodyear conseguiu chegar, no mesmo ano, a uma nova substância, cujas propriedades eram, em vários pontos, diferentes das da borracha nativa: estava descoberta a vulcanização.

Essencialmente, a vulcanização consistia em misturar enxofre com borracha a uma temperatura elevada (140 ou 150°C) durante um certo número de horas. O invento, aplicado quase simultaneamente em ambos os lados do Atlântico, acresceria enormemente os usos confiáveis e duráveis da borracha, impelindo a indústria do setor a uma posição destacada na economia mundial. Como era de esperar, por essa altura a demanda do produto se intensificou e a Amazônia sentiu os bons efeitos da mudança.

No início de sua exploração, a borracha, extraída na Amazônia, alcançou preços muito altos, uma vez que a extração do látex era difícil por ser a área explorada muito densa e a planta muito espalhada. Suas sementes foram contrabandeadas para as colônias inglesas da Ásia e desde então a seringueira foi

cultivada, visando a fins comerciais. As mudas levadas pelos ingleses ao Ceilão aclimataram-se perfeitamente. No entanto, no início da séc. XX, o grande desenvolvimento da indústria de pneumáticos atraiu os interesses internacionais para o mercado brasileiro, uma vez que a produção no Oriente não correspondia à procura. Já no início da Segunda Grande Guerra, o produto vindo do Oriente dominava o mercado. A economia brasileira da borracha viu-se então abalada. Apesar da descoberta da borracha sintética em 1916, continuou intensa a procura da borracha natural, uma vez que aquela não apresentava todas as propriedades do produto natural. Durante a Segunda Grande Guerra, com a perda das terras orientais pelos aliados, foram incentivadas as plantações na Amazônia. Vários períodos de desenvolvimento e queda se intercalaram; os períodos áureos marcaram, inconfundivelmente, toda a vida de região amazônica e as consequências se fizeram sentir por todo Brasil. Hoje, ainda é pequena a produção brasileira de borracha, sendo necessária a importação de produto, em geral, do Oriente, quando assim exigem as necessidades do consumo interno.

De meados do séc. XIX, quando a borracha natural vulcanizada começou a ser usada no fabrico de capas, galochas e, por fim, pneus, até meados do séc. XX, quando o emprego da borracha sintética se generalizou, a seringueira foi de extrema importância para todo o Ocidente.

A cultura da seringueira é vantajosa, além da alta rentabilidade, favorece a absorção de mão de obra. O consumo brasileiro é de ordem de 120 mil toneladas por ano, mas a produção do látex não atinge 27 mil toneladas por ano, exigindo considerável suprimento exterior. Segundo dados do IBGE, em 1987, foram produzidas cerca de 25 mil toneladas de látex coagulado e pouco mais de 1,5 mil toneladas de líquido, sendo o Acre o maior produtor de látex coagulado (14,1 mil toneladas) e o Pará o maior produtor de látex líquido (cerca de mil toneladas). A cultura da seringueira, consorciada com os cafezais na região Sudeste, demonstra a viabilidade da exploração dessa planta, em cultivos artificiais em outras regiões que não a região Norte.

2 A CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA DA SERINGUEIRA

O botânico francês Fusée Alet foi o responsável pela classificação científica da seringueira: designou-a do gênero de *Hevea*, do tupi *hjévé*, “árvore que chora”; as “lágrimas” da árvore seriam o látex, de cuja coagulação resulta a borracha, em seu estado bruto. Como a *Hevea* era abundante no Brasil, o botânico designou a espécie de *brasiliensis*.

A seringueira é denominada cientificamente *Hevea brasiliensis* (árvore-da-borracha), da família *Euphorbiaceae*, sub-família *Crotonoideae*, tribo das *Acalífeae*.

É uma árvore de grande porte e chega a atingir até 50 metros de altura, quando plenamente desenvolvida; chega a viver 200 anos e a colheita do látex pode ser iniciada por volta dos sete anos de idade. O tronco é de casca fina, perene, latescente e possui numerosos vasos lactíferos que, cortados, fazem escorrer o látex; possui folhas compostas, trifoliadas (alternas), membranáceas de cor verde-escuras por cima e acinzentadas por baixo, com até vinte centímetros de comprimento. As flores são em panículas androgínicas de cor branco amareladas; as masculinas possuem estames monadelfos, as femininas com ovário súpero. Sua semente contém uma amêndoa da qual se extrai um óleo amarelado, utilizado na indústria de vernizes e tintas, a madeira branca é própria para obras internas.

Quando em exploração racional, a seringueira produz látex durante 35 anos seguidos, seis anos após o plantio.

3 O SERINGUEIRO

Devido à Revolução Industrial iniciada na Inglaterra no século XVIII e o crescente domínio da ciência sobre a indústria, foram incrementadas de forma sensível as descobertas. Entre os diversos inventos, um, o do automóvel, trouxe significação singular para o Brasil, uma vez que trouxe modificações no desenvolvimento dos transportes, pois o automóvel necessitou da borracha para o revestimento das rodas, o que era riqueza em potencial na Amazônia e principalmente no Acre, rico em seringueiras nativas. A partir da descoberta dessa riqueza natural é que foi processada a exploração e conquista e a posterior anexação dessa região ao Brasil.

Para a colonização dessa região foram inúmeras as caravanas migratórias que, a partir de 1878, chegaram principalmente do Ceará. Alguns fatores foram relevantes para explicar essa migração. A primeira delas foi a seca que dizimava a população, pois não havia trabalho e apenas acumulava miséria nos campos e nos refúgios dos núcleos urbanos. A quebra na produção do café também contribuiu imensamente, além da ilusão de enriquecimento rápido a que o “boom” da borracha expunha o nordestino.

Essas pessoas que chegavam às terras acreanas repetiam a proeza dos bandeirantes dos séculos XVI e XVII. Esses trabalhadores passariam a constituir

a mão de obra dos seringais. Logo que chegavam aos seringais para trabalhar, eram considerados *brabos* ou *arigós*, já que desconheciam totalmente aquele ambiente e o trabalho a que seriam submetidos. Era necessário adaptar-se a essa nova realidade, à densa floresta e à abundância de água, sobretudo na época das chuvas, o que contrastava com o ambiente até então conhecido. O trabalho, que causara a ilusão de enriquecimento rápido, tornava o homem nordestino um escravo solitário, pois ele sempre chegava às terras acreanas sem suas famílias e desde as primeiras horas da madrugada já estava cortando as estradas de seringa; após o corte, fazia a coleta do látex. Ao retornar para a tapera ou barraca, colocava o látex para defumar; assim, por dias e dias, ia defumando o látex até que a bola de borracha atingisse o peso de 50 a 60 quilos.

4 HABITAÇÃO E COSTUMES DOS SERINGUEIROS

Em geral, a população dos seringueiros mora em casas muito simples, construídas com troncos de árvores finas e paxiúba (espécie de palmeira); são cobertas com palhas de ouricuri e são sempre pequenas. A divisão dos cômodos consiste em um quarto, uma sala e cozinha. A mobília é simples; na sala, bancos de madeira, uma tabuinha que serve como prateleira para colocar o rádio, principal e único meio de comunicação existente nos seringais. A cozinha dispõe de uma mesa grande, bancos de madeira, um pote, jirau para lavar a louça e um fogão à lenha coberto com tabatinga, que fica aceso o dia inteiro, pois na casa do seringueiro o que não pode faltar é um cafezinho quente. O quarto é do tipo alcova.

A alimentação do seringueiro é muito frugal: arroz, feijão, macaxeira, farinha e carne de caça. No café da manhã ou quebra jejum, é consumido o que sobrou do jantar.

Todos os seringueiros cultivam um pequeno roçado; a macaxeira é a mais cultivada, pois além de ser consumida cozida, é usada na fabricação de farinha, que também faz parte da alimentação. Todos os seringueiros têm uma pequena criação de galinhas ou porcos; no entanto, a carne consumida no cotidiano é a de caça, pois eles são exímios caçadores e sabem preparar muito bem esperas ou armadilhas. Nos tempos ruins de caça, época em que os animais estão mais sensíveis à presença dos caçadores, eles fazem simpatias para atrair e abater os animais.

O vestuário é muito simples; para o trabalho são usadas camisetas, bermudas e sapatos de seringa, que são muito resistentes e protegem os pés de espinhos

ou isentos da mata. Para o dia a dia é muito comum o uso de sandálias do tipo havaianas. As roupas são leves: camisetas, camisas, “shorts” ou bermudas devido ao calor da região, que durante o dia é escaldante; na época das chuvas, durante a noite, esfria um pouco, sendo necessário o uso de cobertores.

Todo o vestuário e demais peças de roupa são lavadas às margens da fonte ou olho d’água; a água límpida da fonte também é usada para beber, cozinhar e tomar banho.

Os seringueiros casam-se muito cedo e logo têm filhos; em geral, as famílias são numerosas, com cinco ou seis filhos.

Para o lazer, aos domingos os vizinhos se reúnem para “bater bola”; fazem torneios entre as colocações e disputam prêmios oferecidos pelos próprios moradores.

5 A EXPLORAÇÃO DAS SERINGUEIRAS

A exploração da seringueira consiste em expedições pelo interior da mata para encontrar as seringueiras, árvores nativas que estão espalhadas pela densa floresta. Para encontrá-las é necessária a ajuda do experiente *mateiro*, que conhece as seringueiras pelas folhas; o *mateiro* precisa da ajuda do *toqueiro*, a quem cabe o trabalho de preparar o caminho ou *pique*, roçando o mato de uma seringueira até à outra. Quando são encontradas uma quantidade de cento e oitenta a duzentas árvores de seringa, está pronta uma estrada. A partir disso, o seringueiro começa o trabalho do corte; primeiramente faz a raspagem da epiderme do caule; depois dá o primeiro entalhe na seringueira para “acostumá-la”, corte cuja denominação é “sangra”; após essa primeira incisão, é possível riscar a seringueira todos os dias. O trabalho do seringueiro é sempre o mesmo: riscar as seringueiras, coletar o látex das tigelas, defumar o leite até que a péla de borracha atinja o peso de 50 a 60 quilos.

6 PROCESSO DE CORTE E COLETA DA SERINGA

Para fazer os cortes na seringueira, as primeiras horas do dia são ideais para a sangria. O processo de corte e extração do látex, desde a descoberta da seringueira na Amazônia, consiste em marcar um determinado espaço de mais ou menos palmo e meio no caule da seringueira e raspar a epiderme para poder aplicar os entalhes no caule para fazer escorrer o leite até a tigela, que é uma espécie de caneca de flandres colocada na extremidade da incisão da seringueira para aparar o látex. No entanto, a forma de coagulação da matéria-prima passou por diversas experiências. O primeiro processo utilizado foi a defumação, trabalho

extremamente cansativo que exigia muito tempo e esforço do seringueiro, pois ele entalhava a seringueira e colhia o látex. Ao chegar em casa cortava o cavaco, acendia a fornalha para defumar o látex; dia após dia ele acrescentava lavagens de látex à borracha para finalmente formar a péla ou bola de borracha, que chegava a atingir 50 a 60 quilos. Para o desenvolvimento e execução desse trabalho, eram necessários vários objetos.

Atualmente, esse processo já não é mais utilizado para a coagulação do látex, pois estão sendo desenvolvidos alguns projetos e pesquisas por diversos órgãos públicos como o UNB/LATEQ-ffiAMA/CNPT ou o DIREN/DECOM-MMA/SCA-CNS-DITAN, que visam a melhorar a qualidade e a aumentar o valor da borracha e, além disso, a diminuir o esforço e o trabalho para o seringueiro.

Para fazer a Placa Bruta Defumada de Borracha Natural (PBD) é necessária uma bandeja de plástico ou madeira medindo 40 cm de comprimento, 30 cm de largura e 11 cm de altura; assim, o seringueiro enche essa caixa com látex e acrescenta um coagulante, que em geral é a *caxinguba*, deixa-se tudo em repouso por cerca de quinze horas até que esteja completa a coagulação. Depois de coagulada, faz-se uma prensagem para retirar o excesso de água contida na borracha; leva-se essa placa ou prancha para um pequeno *tapiri*, no qual se encontram uma pequena fornalha e os varais de bambu para colocar as pranchas, para que estas possam receber a fumaça por pelo menos vinte quatro horas e assim evitar bolores e os efeitos prejudiciais do sol e das chuvas.

O método mais recente que está sendo implantado pelo Projeto TECBOR é a produção da folha por defumação líquida (FDL). As instruções para o desenvolvimento desse trabalho são oferecidas pelas entidades envolvidas no projeto, bem como o material permanente que consta de: um conjunto de duas calandras, uma lisa e uma estriada, conjunto de trinta bandejas para a coagulação do látex, uma bandeja média para a preparação do coágulo, dois baldes de vinte litros graduados para a manipulação do látex, um balde de sessenta litros, para o preservante, uma proveta graduada de plástico para medir o coagulante e o formol, um densímetro, uma espátula de plástico para misturar os componentes na bandeja, uma espátula de fórmica para retirar a espuma do látex, após misturado, uma garrafa plástica de um litro para diluição do coagulante, uma jarra para medida, um pedaço de lona plástica de 0,65 x 8,0 metros para cobrir as bandejas, um pedaço de lona plástica de 8,0 x 10,0 metros para cobrir o galpão, um conjunto de tubetes plásticos (separadores de varal), um rolo de 210 metros de cordão de polipropileno, um pedaço de tela para a coagem de látex; uma caneta de retroprojektor para identificação da lâmina de borracha, um par de luvas de borracha, uma

esponja para a aplicação do talco. Há também o material de insumos: talco, sacos plásticos pequenos e grandes, fita adesiva, uma garrafa de 600 ml de preservante, uma garrafa de dois litros de coagulante, formaldeído e estopa.

Para a produção da folha por defumação líquida é preciso coar o látex e acrescentar cerca de 50 ml de formol que auxilia na limpeza do látex. Após coar o látex é necessário fazer a correção da densidade com o densímetro para evitar o uso do látex muito concentrado, pois se ficar muito concentrado forma um coágulo e torna-se muito difícil na hora de calandrar. O coagulante deve ser misturado na quantidade de um volume de coagulante para quatro volumes de água, usando-se a proveta. Para a coagulação coloca-se, nas bandejas, na seguinte ordem: 600 ml de água limpa, 50 ml de solução coagulante, 400 ml de borracha diluída espalhando por toda a bandeja. Mistura-se tudo muito bem e retira-se a espuma com a espátula de fórmica. Cobrem-se as bandejas com plástico preto. Espera-se de uma ou duas horas para a borracha coagular.

Retira-se o coágulo da bandeja com a mesma espátula que foi usada para retirar a espuma. Na bandeja maior, coloca-se água e o coágulo. Amassa-se bem até ficar fino para passar na calandra lisa, depois de fino passa-se por três vezes pela calandra lisa, entre cada passagem lava-se a calandra e o coágulo. Depois, passa-se a borracha pela calandra estriada. Ao final a folha deve ter a espessura de 2 mm. Lava-se novamente a borracha, colocam-se as luvas e mergulham-se as folhas calandradas no banho de preservante por três minutos, após o banho as lâminas devem ser dependuradas em varal duplo para gotejar. De três a cinco dias as folhas estarão secas. Depois de secas escrevem-se no canto esquerdo da folha as iniciais do nome e as três primeiras letras do local de produção para identificar o produtor. Depois que a borracha secar bem, que fique sem pontos esbranquiçados, empilham-se as folhas e coloca-se talco entre elas. Envolve-se o pacote de lâminas em um pano embebido de formol e coloca-se em um saco plástico. Assim o produto estará pronto para venda.

Os seringueiros mais idosos mostram-se saudosistas quando falam do antigo processo de coagulação da borracha: a defumação. Para eles esse processo era o que valorizava as pélas. Atualmente, por não ser mais defumada, o preço é baixíssimo; segundo eles, naquela época, poderiam até ser escravos do patrão, no entanto, ganhavam muito bem.

VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO DO VALE DO RIO ACRE

ABROCHAR

Discordam os romanistas a respeito do étimo de *brocha*, do qual *abrochar* é um parassintético. O termo português *brocha* veio através do francês *broche*, devido a /ca/ > /ch/, característico do francês. Contudo, o lat. vulg. *broccus*, “de dentes salientes”, “dentuço” (REW, 1319) tem continuadores nas línguas românicas em várias acepções, com exceção apenas do romeno. A ideia central parece ser a de “algo pontudo e penetrante”, como *broche* no francês, “peça pontuda”, “espeto”, em português *brocha*, “prego curto de cabeça larga e chata”, “tacha”. Numa acepção mais específica, em francês, designa um “objeto para fechar a roupa, com enfeites”, significação emprestada também ao português. Por ampliação semântica, passou a designar aquilo que serve para prender, principalmente vários tipos de correia, usados em geral em carros de boi. Generalizou-se o conteúdo semântico para “apertar”, “unir”, “ligar”, “prender”; encontram-se várias expressões regionais com significados específicos, como “apertar-se com trabalhos” em Alagoas (Melh.), ou “*abrochar os bois*”, “atrelar os bois ao carro” (Aul.).

Nesse inventário, *abrochar* significa “amarrar”, “ligar”, segundo a significação geral.

Para verificação, veja o depoimento abaixo:

I: Aí fazia um panêro tícido de cipó... panêro dessa grussura (**) [ah] aí a gente fazia o pé de bode pa invitá do dum inseto... da cobra [hãrã] um pau lachado assim (**) im cruz ... aí fazia disbastava pur dento as ponta aquilo fica cum a boca aberta aqui aqui cá im cima era mitido uns pauzim e *abrochava* cum ilasto assim de burracha [sei] e no que batia ele abria [hãrã] que tiNa elasto aqui [hãrã] um amarradio era de elasto no que batia lá no uriço [hãrã] ele abria aí no que a gente puxava ele murdia no que ele abria por ele entrava que cum a fôça ele entrava mermo [hãrã] fastá aí sigurava aí daqui tá. (G.N.S.-PA 44)

Nesse tópico, é bem claro o sentido de “amarrar”: *abrocham-se* uns pauzinhos com elástico feitos com o próprio látex.

ALUMIAR

Alumiar provém do lat. *alluminare*. Note-se a conservação regional da forma arcaica, enquanto a forma corrente é iluminar (através da assimilação /a/>/i/). Em algumas línguas românicas, a forma antiga se manteve, como it. *alluminare*; fr. *allumer*; val. *alumé* “relampejar”, prov. *alumenar*; cast. *alumbrar*; no port. *alumiar*. O sentido antigo de *alumiar* era “acender”, “brilhar” (REW 372); depois passou a significar “dar luz, lume, claridade”, “iluminar”, “acender”, “reluzir”, “rebrilhar”, “resplandecer”, “derramar claridade sobre”, “pôr luzes em”, “trazer uma luz para que alguém veja”, “trazer brilho, vida”. Em sentido figurado significa “dar vista a”; “dar luz intelectual a”; “ilustrar”, “instruir”, “esclarecer”. Popularmente, significa “ingerir bebida alcoólica para espertar” (Melh.); na linguagem agrícola, *alumiar a vide, a cepa* é “desafogá-la da terra que se lhe tinha encostado para a abrigar” (Aul.).

Na forma regional dos pontos pesquisados, note-se a síncope do /-n-/ intervocálico, característico do port., com a significação “dar luz, claridade a”; “iluminar com lamparina ou com *facho*” (q.v.), “com *morrão*” (q.v.), “com *chupil*” (q.v.), “com *champil*” (q.v.) e “com *poronga*” (q.v.). Veja-se o tópico:

A estopa (q.v.), poronga pra colocá na cabeça que é a luz pra *alumiá* a parti da noite, quano a gente tá na mata (V.N -ASBR 20)

Para melhor compreensão do processo de *alumiar*, veja-se a descrição dos objetos: *poronga* (q.v.), *champil* (q.v.) etc.

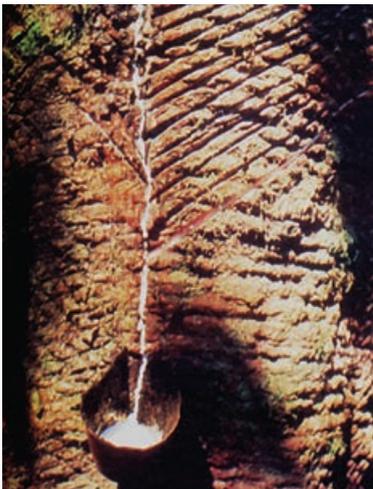
ARIGÓ

Não se encontrou em nenhum dicionário consultado a etimologia de *arigó*, que tem acepções específicas nas várias regiões do Brasil. No Amazonas, significa “pacóvio”, “simplório”; “pessoa rústica” (Aul.). No estado de São Paulo, é “trabalhador das estradas de rodagem ou das de ferro” (Melh.). No Rio de Janeiro e Centro-Oeste, significa “indivíduo matuto”, “caipira”, “homem da roça sem instrução”(Aur.). Pode significar também *cassaco* (“trabalhador de engenhos e usinas de açúcar ou construção de estradas de ferro”) (Aur.).

Com o significado específico nessa pesquisa, *arigó* era o empregado novo, sem experiência, recém-chegado do Nordeste, na época do desbravamento do estado, para trabalhar no corte da *seringa* (q.v.). É sinônimo de *brabo* (q.v.). Vejam-se os testemunhos:

I: Papai ora o papai veio pra cá nesse tempo num era nem *arigó* era bra::bo que chamavo [*arigó*?] antigamente era os brabo que viero pro Acre isso aqui era vige isso aqui era vige ele vei do tempo que isso aqui era vige isso aqui ele o papai foi um dos você num vê falá dessa revolta de Plácido de Casto? (P.M.R.-XA 08)

I: Dessa época que eu comecei já usava num tiNa mais bitola a seringueira porque era no come::ço dos *arigó* chegaro as medida das bandêra era cum vinte centimos ficava vinte centimos era vinte centimos a bandêra aí depois que...já foi amudernando mais os *arigó* foro se entendo eles mais já começaro já acrescentá as bandêra já saia de trinta ...quarenta ...quarenta e cinco nessa faxa assim né aí saino e quano terminava de cortá aquela bandêra viNa chegano de lá que chegava em baixo o leite já viNa pingano na faca (O . B -BRA 10)



ARRIAÇÃO

Arreação é variante de *arriação*; por esse motivo causa divergências entre os romanistas sobre sua origem; *arreação* é de formação provável do latim **arredare*, que significa “endireitar”, “arranjar”. O *REW* (672) apresenta o vocábulo no: esp. *arrear*, it. *arredare*, fr. antigo *arreer*. A. Coelho deriva de *arreo*; no entanto, Antenor Nascentes afirma que *arreo* é do antigo gótico *reds*. cujos derivados, através dos Pireneus, chegaram à Península Ibérica relativamente tarde; no esp. *arreo*, it. *arredo* são os móveis da casa, no francês *arro*. Nascente citando Petrocchi diz que ele considera *arredo* de

origem desconhecida. Segundo Nascentes, Stappers tira *arroi* de *arroyer*, *arrer*, que filia ao gótico *raidjan*, “preparar”. A. Coelho, reunindo essas quatro formas românicas, prende-se ao germânico *rat*, “conselho”, “auxílio”, “provisão”, forma do antigo alto alemão a que correspondem o antigo nórdico *rad* e o anglo-saxão *roed*. Nascentes afirma que Equilaz filia ao ár. *arrekhat*, plur. de *rakht*, “atavio”, “adorno”, de origem persa. Lokots prefere a origem germânica à persa e manda ver Fauto Lasínio. A Academia Espanhola deriva de *ad-* e do gót. *rêdan*, “adornar”. Antenor Nascentes acredita que *arriar* seja originária do catalão *arriar*, “abaixar as velas dos navios”: o espanhol tem *arriar* com o mesmo sentido. G. Viana atribui o sentido de *arriar* à própria forma de *arrear* (Nasc.). “Ato de arrear”; “arreamento”. de *arrear* (Aul.). “Sangria da seringueira por meio de entalhes”(Melh.). “Ato ou operação de arriar-se”, conforme *arreação* (Aur.).

Nesse inventário, *arriação* significa uma espécie de canaleta, de sulco, em sentido vertical, aplicado no caule da seringueira, para onde escorre o látex dos outros cortes obliquamente horizontais, e na base da qual está a tigela receptora.

I: Aí vai dividi [hãrã] divide ela toda em pedaço assim (...) já são assim (**) arriação é um palmo no regulamento era um palmo e u’a pulegada [sei] aí vadiava dois palmo du’a *arriação* pra ota. (A . A -PA.43).

ARREAR

Em uma primeira acepção, como verbo transitivo, significa “aparelhar”, “pôr os arreios numa cavalgadura”; “ataviar”, “ornamentar”, “enfeitar”; como pronominal, “enfeitar-se”, “ataviar-se”, “vestir seus melhores trajes”; em sentido figurado significa “gloriar-se”, “jactar-se” (Aul.). Especificamente na Marinha esse vocábulo significa “baixar o que estava em ponto elevado”, por meio de cabos e redonas; “abater”, “amainar”; “fazer recuar”; “deitar para trás”, “pôr para trás”. *Arrear bandeira*, “abaixar a bandeira em sinal de deferência e submissão”. *Aparar as crinas, as sedas da cauda e fazer os trovadouros dos cavalos*. Em sentido figurado é “declarar-se vencido”. Como verbo intransitivo, “não poder mais”, “ficar exausto”; “desanimar”. No vocabulário acadêmico de Lisboa, *arriar* é mera variante de *arrear* (Aul.).

ARRIAR

“Colocar, deitar no chão, sobre um móvel, etc. objeto pesado”. “Depor as armas”; “render-se”. Na Marinha, significa “deixar correr pouco a pouco” (um cabo que aguenta um peso: arriar o tirador da talha). “Cair ou vergar sob peso”;

“arriar-se”. “Perder as forças, o ânimo”, “desanimar”, “desistir”, “afrouxar”. Como gíria, é “ficar intensamente apaixonado, perdido de amores por alguém”. Com acepção automobilística, “descarregar”. Palavra de origem catalã (Aur.). Veja-se nos testemunhos a relação entre esse grupo de termos:

P: E pra primeiro o senhor falou que tem que impicar né [impicá] e pra cor pra raspar pra riscar como que faz?

I: Aí vai dividi [hãrã] divide ela toda em pedaço assim (...) já são assim (**) *arriação* é um palmo no rigulamento era um palmo e u’a pulegada [sei] aí vadiava dois palmo du’a arriação pra ota (A . A . -PA 43)

I: Porque cê sabe que u’a siringuêra vamo dizê que ela teNa quato *arriação* dessa quato bandêra [certo] mas ela dá u’a tigela número quato que chega tê essa altura assim (**) de tãmai aí eu vô e dô oito risco nela... [certo] aí rapaiz num tem cumo sigurá se hoje é u’a situação que tem muita siringa morta é divido essa inexperiência que os siringuêro tivero no caso que aí o premêro dia sigundo ela dá um leite bom mas do tecêro quarto im diante ela vai dá mais é água ...ele vai chegá um um saco cum bastante peso vai mas vai chegá menos da metade [de leite] de leite o resto é água [entendi] é u’a u’a inexperiência do siringuêro (P.S.S -XA 07)

I: Hã é porque aqui é o seguinte aqui é a bandêra né (**) [isso] você bota a bandêra bem aqui né (**) aí daqui você bota pra baxo isso aqui chama-se arriação a bandêra né [hunrum] e pra cá chama-se a pestana [pestanda] aqui você corta dois traço aí corta essa daqui né corta oto mais aqui daqui você risca pra cá e imbote a tigela aqui aí fica aqui que (F.P.S -PC 35)

AVIAÇÃO

Aviação é o deverbal de *aviar*, parassintético cuja base é lat. *via*: *a+via+(-a)r*. *Via* significa “estrada”, “rua” e por extensão “por onde se caminha”, opondo-se, de certo modo, ao neutro *iter*, que designa o trecho da *via* que é percorrido. Assim, *aviar*, em sentido etimológico, é “pôr-se a caminho” e daí “executar”, “concluir”, “aprontar”, “expedir”, como “aviar os negócios”, “aviar uma receita”; daí também os muitos sentidos derivados, resultativos de qualquer ação empreendida, como “assassinar”, “apressar-se”, “fornecer mercadorias aos seringueiros”(Aul.).

Nascentes, ao citar Diego Vicente, diz que para esse *aviar* se formou segundo o modelo de *desviar*, “apartar do caminho”, nas línguas da Península Ibérica, como uma espécie de antônimo. Dá o significado específico de *aviação*, na acepção dos seringueiros acreanos de “provisão de mercadorias para período de quinze dias ou um mês, fornecidas a prazo ao seringueiro para pagamento com a produção de borracha. São utilizados como meio de transporte, para a entrega dessa mercadoria, animais de carga, bois ou burros, pois, devido à

dificuldade de locomoção dentro das matas, só era possível fazer a *aviação* com a ajuda desses animais”.

Torna-se claro que, nessa pesquisa, *aviação* nada tem a ver com o seu homônimo *aviação*, do fr. *aviation*, cujo ponto de partida é o lat. *avem*; significa primeiramente “o que imita o voo das aves” (Nasc.) e atualmente, “navegação aérea com veículo mais pesado que o ar”; “ciência que rege tal sistema de navegação” (Aul.). “Técnica da construção ou conservação de aeródinos (aparelho de voo mais pesado que o ar: aviões, helicópteros, autogiros e planadores)”. Trata-se, portanto, de uma invenção moderna, pois somente em 1863 *aviação* tornou-se uma palavra de uso comum (FEW), e no Brasil principiou somente em 22 de outubro de 1911, com o voo de Edmund Plauchut.

Veja-se como a acepção advinda de *via* se enquadra perfeitamente nos depoimentos:

P: Aí você compra as coisas como é que você dá o nome pra essas compras?

I: Aí a gente compra u’a *aviação* (M.R.S -XA 06)

I: É que chama *aviação* : - Vô dexá a *aviação* de fulano de tal... aí ia só paquele lugá né quano saí e trazê a castãia dele aí quano dexava a mercaduria que chama-se mercaduria né esse negoço de comprá açúcar

café sabão o que a pessoa tudo isso né sal ...aí quando voltava já carregava o combói cum castãia (M.T.C. -XA 09)

I: Não avia traz a mercadoria *aviação* é quando a gente faz a nota pu comboiêro vim dexá na casa da gente né aí é na hora que ele tá fazendo *aviação* pra gente [hunrum eu sei] porque ele tá aviando né o freguês (D.B.A . - ASBRA 24)



BANDEIRA

Os romanistas divergem ao tratar da origem do vocábulo *bandeira*. Para alguns tem origem no gótico *bandva*, * *bandwa*, *bandvo* ou *bandvja* (REW 929). Nessa acepção primeira é “sinal”, passando depois a “estandarte” (distintivo de grupo); para outros romanistas, a palavra tem origem no lat. **bandaria*, calcado no radical germânico que deu origem a *banda*. O REW (929) tira dessa origem o port. *bando* “chamada”, “manifesto”; log. *bandana*, “lado”, “parte”; o cast. e o it. *banda*, o fr. *bande*, “grupo”, “bando”, “divisão”, “secção”; muito possivelmente também “os mesmos sinais seguintes”, também

banda “lado”, “direção” (no rio); daí se derivam fr. *bannière*, it. *bandiera*, cast. *bandera*, port. *bandeira*.

Atualmente, são vários os significados da palavra *bandeira*, mas o principal é “pedaço de pano de uma ou mais cores, e às vezes com legendas e emblemas pintados, preso na parte superior de uma haste, de modo que possa desenrolar-se e flutuar, servindo de distintivo de uma nação, corporação ou partido, ou para fazer sinais”; tem como sinônimo “estandarte”; “pavilhão”. No Brasil, nos tempos coloniais, significava “expedição oficial armada que explorava os sertões com a finalidade de descobrir minas e prear índios”. Pode ser o mesmo que “bagre-bandeira” (*peixe teleósteo*). No Nordeste, significa “flecha, a inflorescência de cana-de-açúcar, desprovida de sacarose, empregada como semente”. No Norte, é “um grupo de jornaleiros rurais contratados por um só dia”. Ainda com acepção regional, nos estados da Paraíba e de Pernambuco é “a procissão noturna em honra de um santo e que inclui um banho de rio ou lagoa”. Especificamente em Pernambuco, é “promessa não cumprida após a obtenção do que se desejava”. Na Paraíba, o mesmo que “muxirão”, “ajuri”, “ajutório”; (auxílio gratuito que se prestam os lavradores uns aos outros, reunindo-se todos e realizando trabalho em benefício de um só). No Rio de Janeiro, significava “sinaleiro em encruzilhadas de bondes” (arcaísmo). Na Bahia, significa “frota de canoas que transportam o cacau para o porto marítimo de embarque”; pode ser também “os frutos de cacau reunidos em montículos”.

Como se vê, há muitos empregos da palavra *bandeira* por metáfora, metonímia, analogia ou simples comparação, como: “bandeira vermelha”, “capitão de bandeira”, “bandeira de janela”, “bandeira de milho”, “bandeira de torre”, “chapa metálica de taxímetro”, “bandeira alemã”, “bandeira da quadra”, “bandeira de canto”, “bandeira de reis”, “bandeira do divino”, “pedir bandeira”, “bandeira em funeral”, “arriar a bandeira”, “rir às bandeiras despregadas”, “dar ou levar uma bandeira”, “não ter bandeira”, “virar a bandeira”, “bandeira branca”, “bandeira de proa”, “bandeira do cruzeiro”, “bandeira de conveniência”, “bandeira mercante”, “bandeira nacional”.

A acepção neste inventário de *bandeira* é o conjunto de incisões aplicadas no caule da seringueira para extrair o látex. As incisões são feitas sempre da direita para a esquerda e de cima para baixo para conseguir uma forma oblíqua, como se infere dos depoimentos:

P: Certo de caminhada seu Paulo como que o senhor dá por exemplo os cortes tem como chama bandeira né [bandêra] aí como que o senhor chama por exemplo porque que o senhor chama bandeira? Ou outros tipos de corte ?

I: *Bandêra* é porque tem a espécie de *bandêra* (P.S.S. -XA 07)

I: É já rapêmo já virô bandêra [hunrum] né aí no propi instante que nois que nois pôeva cortava lá os dois palmo desse lado aí a *bandêra* (...) a tigela rapava desse oto lado pôeva ota tigela aí no propi instante que a gente cortasse a *bandêra* imbutia a tigela na madêra [certo] então quando eu era piqueno que as vez eu era cortava leva assim pa imbuti a (...) as vez eu quebrava o beicho da casca aí pegava já viNa na miNa venta (!!!) era [no::ssa senhora] eu era pequeno cum oito ano né [é pequeno mesmo] intão a colha eu saia culheno nu'a latiNa de bãia [hãrã] furava butava o cordãozim e saía culheno mas quano eu caía o leite só viNa pa miNa cabeça [no::ssa] melava miNa cabeça todiNa aí meu irmão brigava cumigo que eu caía mas minino u só anda as queda no mato (!!!) contano esses disastre tudo eu passei [eu sei] perante a miNa vida [hãrã] que fui criado mas nas zonas rurais na zona das mata [hãrã] sem cuNicê o que era um camiNã e nem um trem de ferro (B.F.S-PC 34)

Possivelmente chama-se *bandeira* pela semelhança que o conjunto dos cortes apresenta em relação a uma bandeira, pela forma retangular ou quadrada, também pela forma oblíqua que parece uma *bandeira* ao vento ou até mesmo a relação com a aparência de algumas *bandeiras* de estados ou países, como se nota na figura ao lado.



BANDEJA

Divergem os etimologistas sobre o étimo da palavra *bandeja*. O REW (6193) deriva *bandeja* de *pandus* “encurvado, torto”. Nascentes, citando A. Coelho, diz que ele o deriva de *banda*, mais o suf. *-eja*; e Cortesão, que é um vocábulo espanhol derivado do lat. * *pandicula*, cuja origem é *pandus*.

Algumas definições de *bandeja*: “tabuleiro de diversas formas, ordinariamente oblongo e feito de folha-de-flandres”, “charão de prata ou outra matéria, para serviço de mesa”, “grande abano de palha para aventar o trigo e separar-lhe as alimpaduras”; “escudela grande em que os marinheiros comem” (Aul.). “Espécie de prato quadrado, preso por um de seus cantos, sobre o qual gira, no lado direito de certos modelos de linotipo”. Como gíria, em teatro, diz-se “do ator que não progride”; há também as expressões: *pegar de bandeja*, *dar de bandeja*. *Bandeja d’água*, em botânica é *nenúfar* (Melh.). Em basquete, “jogada que consiste em o jogador se aproximar mais ou menos livremente da cesta para lançar a bola quando salta”. “Estrado de madeira ou de metal, com dimensões padronizadas, sobre o qual se arrumam os volumes de carga geral, para ser movimentada pela empilhadeira; bandeja de carga” (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *bandeja* é um recipiente de madeira ou plástico, de forma retangular, com dimensões internas de 40 cm de comprimento, 30 cm de largura e 11 cm de altura, na qual cabem aproximadamente 4,5 litros de látex de seringueira em estado líquido, para coagular e fazer a borracha em *prancha* (q.v.). Tem como sinônimo: *gamela*(q.v.), pelo que se enquadra na acepção geral. Confira o depoimento dos informantes:

I: É u'a avre é na mata a gente corta ela tira o leite aí mistura cum água né aí bota um poquim assim dento do da *bandeja* né aí bota o tanto de leite que pode sê aí vai butano aqueles poquim de leite de caxinguba u'a culhê ou duas culhé aí mexe assim cum a palheta que colhe aí mexe aí dexa lá quietim que aí dendi de dez minuto tá qualhado e bem fica bem durim bem limpiNa a burracha [e sei] no jeito (M.R.S. -XA 06)

P: Hoje é agora é pra fazer a borracha ...coleta [hunrum] aí o que mais que precisa?

I: Precisa dum ...um apreparo pa pa qualhá o leite tem as *bandeja* ainda aí tem u'a... (()) um ácido que vem daí [a é um ácido ?] da cooperativa sim

P:E esse ácido é de quê? É natural?

I: Num sei num sei nem dizê ...

P: Tem planta que você tira esse ácido?

I: Tem mais ...esse ácido é muito mais forte de que a o ácido que a gente tira da (...essas coisa

P: E como que é o nome da ...dos outros ácidos que você tira das árvores?

I: Tem o limão ...tem a caxinguba...que é a merma gamilêra ... (R. O . O . XA 02)



Ueliton Santana - Barracão – Carvão sobre papel.

BARRACÃO

Há divergências entre os estudiosos sobre a etimologia de *barracão*: *barraca*+*ão* (Melh.). Nascentes, com relação à barraca, afirma que a Academia Espanhola deriva o cast. *barraca* talvez de *barra*; já Petrocchi deriva o it. *barracca* de *barra*: “casa feita com barras”. Segundo Nascentes, Larousse, Brachete e Clédât tiram do fr. *baraque*; Stappers lembra o escocês e o irlandês *barrachad*, derivado de *bar*, “longa peça de madeira”. Nascentes diz que A. Coelho, seguindo Diez, liga-o à raiz céltica *bar* e seu derivado *barra*. Já Dizy tira do berbere e Pacheco e Lameira acreditam ser do árabe *barr* “campo e carra”, “habitar” (Nasc.). O REW (963) mostra que **barra* com origem provável

do latim vulgar, com o significado de “travessão”; nas demais línguas românicas, há o it. *barra*, fr. *barre*, cast. e port. *barra*. Os dicionários estudados apresentam *barracão* com a acepção de “telheiro, teto ou abrigo provisório, geralmente de madeira, particularmente para guardar os materiais de construção num canteiro de obras”. “Casa comercial situada no campo ou em lugar escassamente habitado” (Aul.). Nos navios, “toldo de lona, que se arma a bordo ou em tempo de chuva”. Em Goiás, designa uma “pequena construção ao pé do mercado, para depósito de gêneros do país”. Na Bahia, “local onde se realizam as cerimônias públicas do candomblé”. Em São Paulo, é “a casa onde se selecionam e acondicionam as laranjas destinadas à exportação”. No Amazonas, “construção à margem dos rios e de fácil abordagem para vapores e canoas”, também pode ser “habitação dos donos de seringais e depósito das mercadorias para os seringueiros, bem como da borracha colhida”. “Estabelecimento de comércio em lugares pouco habitados; estabelecimento da mesma espécie nos engenhos e usina” (Melh.). A ampliação semântica de *barra*, “travessão”, “peças”, com as quais se constrói algo para a construção resultante, seria um caso de metonímia, caso se aceite essa etimologia para o termo.

Nesta pesquisa, *barracão* designa a casa grande, construída de madeira, em que morava o dono do seringal; era utilizada também como armazém de mercadorias para venda aos seringueiros, bem como o lugar de armazenamento das bolas de borracha colhida antes de vendê-las, ou seja, era a casa matriz do seringal.

É provável que a relação da palavra *barracão* com o sentido etimológico seja pela construção das primeiras casas de seringueiros, que eram construções rústicas, sempre com madeira roliça (troncos finos) para a armação e o acabamento feito com paxiúba (espécie de palmeira) e a cobertura era sempre de palha de palmeira, ligada aos caibros com “embira”. A casa do seringueiro era chamada *barraca*, talvez para estabelecer a relação de oposição e poder; a casa do dono do seringal era designada no aumentativo - *barracão*- por ser construída com algum requinte. Nesse sentido, enquadra-se na acepção geral de “depósito”. Veja o depoimento de informante:

I: Era [(antigamente era patrão)] antigamente era patrão só tiNa o patrão a gente chamava assim na mage aí tiNa aqueles *barracão* chei de mercadoria de tudo que precisasse [hã] tudo tipo era pa rôpa era tudo aí um seringal quinze vinte colocação [(centi e cinquenta colocação)] era aí viNa aquela burracha toda só pra aquela pessoa que comprava num sabe? (M.L. O. S - ASBR 27)

I: Nois é até difiço nois a gente vê diNêro [ah é?] nois fazia as nota no *barracão* [hãrã] o *barracão* tiNa dorni da cocal né [hum] a ...a piula a tebrina [tebrina?] a tebrina

P: Que que é a tebrina?

I: É hoje era a piula que que combatia a nossa febre aqui ?

P: Ah tinha febre?

I: TiNa nossa tiNa era muita [hãrã] pois é intão os barracão conduzia isso intão nois tiNa de fazê a nossa nota e o barracão viNa dexá de tudo pra nois [hunrum eu sei] do leite a mantêga a bulacha o doce [é] tudo exportado de Belém pra cá [eu sei] o fumo nois chamava tabaco (!!!) (B.F.S - PC 34)

BARREIRO

Barro é de origem pré-romana; talvez através do lat. vulg. **barru* (Aur.). *Barreiro* tem a formação *barr(o)+eiro*; o mesmo que *barreira* ou *barral*. Este significa “terreno baixo em que há efflorescência salino-salitrosas e onde, por esse motivo, muitos animais lambem o solo”. “Lugar, em tal terreno, onde se esperam antas, veados e outros animais, que ali vão lamber a terra por causa do sal” (Aul.). “Terra alagada; tijucal”. Em ornitologia, “ave do Brasil, também chamada joão-de-barro” (Melh.). “Lugar donde se extrai o barro para a fabricação de tijolos e telhas”. Na região Norte, “local onde se amassa o barro para tapagem de casas de taipa”. Em Pernambuco e Alagoas, significa “fosso cavado em terreno argiloso para conservar por algum tempo as águas pluviais”. Na Amazônia e em Mato Grosso, “terra salgada, na mata, onde os animais escavam e refocilam” (Aur.).

Neste inventário, *barreiro* é o lugar no meio da mata em que é encontrada grande quantidade de animais silvestres, fuçando e lambendo o barro que contém sal, local de espera de caças silvestres; local em que ficam as marcas das pegadas dos animais silvestres; fica, portanto, dentro da acepção comum, conforme o depoimento do informante:

P: Então quando a anta faz um caminho ela faz o barreiro?

I: Tem ela vai po *barrêro* [hunrum] ou vai pu’a cumida de uchii né [eu sei] ou ou oto tipo de fruta da mata né [hãrã] é é nois temo o uchi nois temo o manitê são tudo é fruta dos animais se alimentá [sei] mas (...) nois acha aquela vareda que vai e nois coloca armadilha mata a anta ou o veado ou o animal que fô aquela vareda

P: Ah tá certo

I: Agora eles tem o cumedô deles certo que eles come acho que eles acho u’a vitamina boa no barro come aquele barro (!!!)

P: Aí eles comem a vitamina do barro é?

I:É aí fala aquele *barrêro* grande (B.F.S-PC 34)

BATERIA

Bateria, do fr. *batterie d'artillerie*; mais tarde simplificado em *batterie* somente. Segundo o REW (1995), “ação de bater”, “luta”. “Estrondo produzido por objetos que batem uns nos outros: contínua bateria dos oficiais”. “Assalto, arremetida”. Em sentido figurado, há várias expressões “dar *bateria* a alguém”, “dar bateria a alguma coisa”, “combatê-la energicamente”, “tratar de vencer ou render algo: dar bateria à honestidade”; em artilharia, “lugar onde as bocas de fogo estão prontas para atirar, assentes em plataforma e abrigadas do fogo inimigo”. Na Marinha, significa “cada uma das pontes de um navio, guarnecidas com as suas peças de artilharia”. “Fração de um regimento de artilharia de campanha, correspondente à companhia nas outras armas”; compreendem-se nessa denominação “o pessoal, os animais e o material”. Em marcenaria, “conjunto de esperas, alinhadas no banco de carpinteiro, para encostar ou apertar a peça de madeira em que se trabalha”. “O conjunto dos instrumentos de percussão de uma banda de música ou orquestra”. “Rosário de bombas que se queimam nas festas de igreja”. Em física, é “bateria elétrica, reunião de pilhas ou acumuladores elétricos em uma caixa de matéria plástica ou de madeira e comunicando umas com as outras interiormente por meio de hastes e de metal e exteriormente por uma folha de estanho que reveste o fundo da caixa e se acha em contato com as armaduras exteriores das células”. “Bateria galvânica”, “bateria de cozinha”, “bateria de acumuladores”, “a última das caldeiras onde, nos engenhos do açúcar, se deita o xarope para aí cozer e chegar ao ponto conveniente” (Aul.). “O disparar da artilharia”. “Fração de um regimento de artilharia de campanha sob o comando de um capitão”. “Obra de fortificação com peças assentadas: bateria elétrica ligada no circuito de placa de uma válvula eletrônica para produzir nela uma corrente de elétrons, bateria de placa; bateria de acumuladores. *Bateria de chumbo*, *Bateria de Edison*, *bateria de placa*: o mesmo que *bateria anódica*. *Bateria Galvânica*: o mesmo que *bateria primária*, *bateria nuclear* (Melh.). Tem também a acepção de “fortificação com peças assestadas”. Em eletricidade, significa “conjunto de acumuladores ou de pilhas elétricas associadas em série ou em paralelo, com o fim de produzir uma diferença de potencial maior, no primeiro caso, ou maior durabilidade, no segundo; acumulador”. “Pilha eletroquímica”. “Qualquer conjunto de componentes elétricos iguais, associados para a obtenção de um efeito aditivo de suas propriedades”. No serviço militar, “a unidade tática elementar de um corpo de artilharia”. Na Marinha, “o conjunto de canhões de características idênticas, ou seja, bateria de grosso calibre, bateria de médio calibre etc. ou

de idêntica finalidade, bateria antiaérea, instalados a bordo de um navio de guerra”. Variação lusitana *bataria*. Na região Norte, é “o processo empregado pelos seringueiros para extrair o látex, utilizando uma ordem dupla de tigelas”. *Bateria primária*. Em física e química, “aquela em que a produção de energia elétrica resulta de reações químicas irreversíveis, e que não pode ser carregada de eletricidade como um acumulador”. *Bateria secundária*. Em sentido figurado, “dar começo a uma campanha, a uma polêmica, a uma manifestação de hostilidade” (Aur.).

Na acepção específica da região em estudo, *bateria* é o processo empregado pelos seringueiros para extrair maior quantidade de látex da seringueira, aplicando no caule da seringueira incisões que circundam todo o caule, para utilizar uma ordem dupla de tigelas.

Veja os depoimentos de informantes:

I: Tem muitos corte que não convém porque tem gente que risca pum lado risca pra o to risca tudo pra u'a tigela só né aí circula a madêra aí já num

P: A circula

I: É circula aí já num tem aonde passá o leite que aquele ali já é pa matá a siringa

P: Eu sei aí tem outros nomes?

I: *Bateria* diz que dá o nome de *bateria*

P: A quando circula toda a madeira? [hunrum] aí dá o nome de *bateria*? [*bateria*] a interessante eu não sabia (!!!) (D. A . C -BRA 18)

I: *Bateria* é quando o cara coloca as veze vamo dizê assim u'a lata na madêra aí ele circula a madêra pa todo lado de bandêra e puxa tudo pu'a u'a lata só u'a tigela grande [sei] puxa quato cinco risco aí é que se dá o nome de *bateria* [*bateria*?] ele tá matendo tá acabano (!!!) é aí ele tá matando [aí ele não tá só batendo não tá matando] não num tá matando ele num tá batendo não tá matano né [eu sei] num é pois é assim essa que é a batéria falada aí quano ele tá na *bateria* já pode butá o cara fora porque ele tá matando... já num tá mais fazeno nada tá fazeno mas tá istragano pel'uma parte né (M. A . N - BRA 13)

BERLIM

Em nenhum dos dicionários pesquisados não foi encontrada a palavra *berlim*; no entanto, nesta pesquisa esse vocábulo tem a mesma acepção que *bigode* (*q.v.*), *pestana* (*q.v.*). Embora tenha ocorrido apenas uma vez nos depoimentos, tudo indica que se trata de um vocábulo corrente na região. Não se encontrou também qualquer indício que apontasse para uma possível etimologia. Confira o depoimento.

P: Sei e José deixa eu te perguntar uma coisa pra você cortar né pra você tirar o leite da seringueira você precisa cortar você sabe como que chama aqueles cortes que vai dá um corte em cima depois dá um corte em baixo você sabe como que chama?

I: Tem deles que chamo bigode otos chamo *berlim* (J.F.M.-PC 28)

BIGODE

Para J. Pedro Machado, a origem da palavra *bigode* ainda não está esclarecida. Meyer-Lubke (REW 944) acredita ser uma possível formação do diminutivo de *viga*. J. Corominas afirma que é uma palavra antiga tanto no português quanto no castelhano, porém de etimologia obscura; mas acrescenta que parece resultar em definitivo da frase germânica *bi God*, “por Deus”. Esta aparece em outras línguas românicas: cast. *vigote*, cat. *bigoti*. *Bigode* significa a “parte da barba que se deixa crescer por cima do lábio superior”. Pode ser “jogo de cartas em que os parceiros se descartam pela ordem dos naipes, e em que ganha quem primeiro deitou todas fora”. “Espécie de canário da Angola”. “Tumescência produzida nas águas pela proa da embarcação em movimento”. “Pássaro fringilídeo”, também denominado “bigodeiro” e “coleiro” (*sporophila lineola*). Com acepção familiar, “descompostura”, “quinau”. “Friso de espuma no copo de cerveja, do chope”. “Partida, troça”. Nas tipografias, “divisão ligeira de títulos e texto” (Melh.). Várias são as expressões com essa palavra: *bigode de sopa*, *dar um bigode*, *emendar os bigodes* (Aur.), *bigode-de-aramé* (Melh.), *homem de bigodes*, *ter bons bigodes*.

Neste nosso inventário, *bigode* é um tipo de corte aplicado na parte mais alta da seringueira, quando os cortes aplicados na parte baixa já estão esgotados e não produzem mais leite de boa qualidade. Note-se a relação semântica da acepção regional com a acepção primeira, que era *viga* “peça de sustentação horizontal”, e pela aparência, a parte da barba que se deixa crescer por cima do lábio superior. Não há dúvida de que o termo seja aplicado devido à aparência, pois *bigode* é algo que se destaca no rosto masculino, sendo de uso opcional, de acordo com a cultura na qual o homem está inserido. Na seringueira, esse *bigode* designa o corte na parte superior da *bandeira* (q.v.), lembrando um *bigode*, como se o corte inferior representasse a boca. É possível observar nessa informação abaixo:

P: Sei, e José deixa eu te perguntar uma coisa pra você cortar né pra você tirar o leite da seringueira você precisa cortar você sabe como que chama aqueles cortes que vai dá um corte em cima depois dá um corte em baixo você sabe como que chama?

I: Tem deles que chamo *bigode* otos chamo *berlim* (J.F.M.-PC 28)

BOCA

A palavra *boca* tem origem no lat.vulg. *bucca*. Da acepção primeira de “parte do rosto”, “início do aparelho digestivo”, ou “entrada”, o termo passou a ser usado em sentido figurado de “começo”, tanto no plano panromânico como em sentido figurado; a noção se aplica no sentido temporal e espacial.

Na acepção específica da região em estudo, *boca* é o começo dos caminhos dentro da mata, em que são encontradas as seringueiras. Note-se a relação semântica entre a acepção da palavra *boca* em anatomia com a acepção regional, pois *boca* é a parte inicial do aparelho digestivo, a porta de entrada do organismo, sentido metaforicamente aplicado ao início da estrada ou picada, que leva ao interior da mata onde estão as seringueiras produtoras de látex. Confirma-se o testemunho:

I: Não eu eu [explique pra mim] vô explicá agoriNa eu chego na *boca da istrada* [hum] tem o cabilhozim deu dexá miNa istopa cum o saco dipindurado né [hunrum]je vô me imhora cortá quano fecho a colha eu dexo o saco eu num levo o saco quano fecho a colha aí é que pego o saco cum o balde aí é que vô culhê né dispejano o lei a ti o leite dendo balde as tigela (R.N.S -XA 05)

I: É aquilo a gente saía riscano riscano a istrada entrava assim siNora ela entrava fazeno um oito aqui era a *boca* a gente entrava aqui aí vai lá naquele mei de mundo nessa istrada tiNa que dá esse circulá o matêro que fazia a istrada sempe ele fazia a istrada a veiz pegava assim vai e aqui (**)ele fazia a varação [sei] do leite varação do leite que era pa dexá o saco circulá esse resto cum o baldo [sei] ...êi (!!!) pois era (G.N.S. -PA 44)

I: Bom a *boca da istrada* é quano a gente chega chega lá tem as duas perna essa que vai pra cá (**) e essa que vai pra cá (**) né aqui é a boca da istrada (P.M.R -XA 08)



BORNAL

Antenor Nascentes, citando Figueiredo, afirma que *bornal* é forma com aférese de *embornal*. Já para Cortesão é uma palavra do baixo latim *bornellu*, “tubo”, derivação que a Academia Espanhola admite para o cast. *imbornal*, *embornal*. *Bornal* significa “saco de pano ou de cabedal”(Aul.).

No inventário em estudo, *bornal* é uma bolsa pequena, feita com o látex defumado, que os seringueiros usam a tiracolo; é utilizada para conduzir pequenos objetos. É sinônimo de *capanga* (q.v.), ambas já dicionarizadas. Confirma o depoimento de informante:

I: Rapaiz olha quano a gente vai cortá a gente leva u'a faca primêro a gente (()) a cabrita u'a faca de cintura [hunrum] inxistia naquele tempo a gente usava um *bor-nalzim* pa butá o sarnambi dento dum saquim de pano pa botá o sarnambi dento tem que usa a ispingarda também ia saia trabalhá (F.G.O -BRA 16).



Ueliton Santana – Índio Seringueiro II
Lápis grafite sobre papel.

BORRACHA

Nascentes diz que A. Coelho derivou de *borro*, “macho da espécie ovelhum até dois anos de idade”. Tais *borrachas* são feitas de couro de animais, como do bode etc. M. Soares tira do b. lat. *borratiu*. Não se sabe como tomou o sentido de goma elástica. Segundo Nascentes, o cast. tem *borracha*, “vasilha para vinho”. O it. tem *borraccia*, que o REW (1408) prende ao germ., rejeitando o lat. *burra*. J. Pedro Machado, citando J. Corominas, diz que *borracha*

vem do cast. *borracha*, que “parece resultar de um cruzamento das palavras cat. *botella*, “bota”, e *morratxa*, “redoma”. A . G. Cunha afirma ser do cast. *borracha*, de *borracho*, de origem incerta. “Odre de couro bojudo, com bocal, para conter líquidos; e, por extensão, substância elástica feita do látex coagulado de várias plantas”.

Nesta pesquisa, *borracha* é o látex da seringueira ou de outras árvores, coagulado pelo processo da defumação, que por esse motivo tem cor escura; são bolas de forma mais ou menos cilíndrica, com uma marca deixada pelo *cavador* (*q.v.*), e em média pesa de 50 a 60 quilos. É uma matéria-prima específica com propriedades já assinaladas. É certa a relação por semelhança com o étimo dessa palavra, embora sua forma seja mais cilíndrica, com polos mais convexos que redondos. Observe o depoimento dos informantes:

I: Que dizê mais quem trabalha im beijo de rio não faz até de cem quilo u'a só né [uma só] agora quem trabalha no siringal que nem nois nois num pode fazê u'a carga de *bur-racha* cum mais de cem quilo porque culé o animal que pode tirá daqui pra rua porque transporte de carro num tem né [eu sei] o transporte daqui é o animal que a gente possui e quem é que vai butá mais de cento e tanto quilo im riba do animal né [é] pois é

P: Porque aí faz o bichim ficá doente né?

I: E a gente num precisa só puma vez né porque hoje im dia quem quem quem possui um animal ou dois a gente qué sabê se tem mais um progusso né [é]o cara num vai pegá e usá ele e amãã matá ele (!!!) num dá né [quer dizer] tem que trabalhá pu futuro um pôco

P: Claro...quer dizer então que faz bola até de cem quilos? (R.N.S XA 05)

I: [certo] que era pra fazê a bola de *borracha* aí a gente fazia assim de um pedaço de de malva ...pedaciNo assim (**) aí furá ele aí colocá um pau por dento dele cum um varo num bom tãã dá-se o nome de cavadô ...dá u'as duas lavage cum leite naqueles rolo de pau e bota no sol pra eles secá depois que tá seco que aí é os premêro dia que a gente vai cortá quano a gente corta chega aí vai difuma im cima daquela burracha seca ...aí quando parou de difumá bota im cima da tauba que é u'a tauba assim (...) aí ele quando bate ali im cima ele froxa daquela capa seca aí a pessoa tira aquela capa verde e aí inrola im otro pedaciNo de pau que ali cumeçou o chamado principe que de fato é o princípio mermo porque (P.S.S. -XA 07).

BRABO

A palavra *brabo* é variante de *bravo*, cuja origem está no lat. *barbarus*, “estrangeiro”, “selvagem” (REW 945), que se manteve nas línguas românicas: prov. *brau*, it. *bravo*, log. *bravu*, fr. *brave*, embora com acepções especiais. A partir do significado de “selvagem”, desenvolveram-se os de “valente” e “hábil”. Atualmente, a acepção de *brabo* é “feroz”, “espesso”, “denso”, “nocivo”, “prejudicial”, “rixento”, “briguento”, “inexperiente”. Também tem a acepção de “caibro amarrado aos dois extremos da mesa do carro de boi”. “Grosseiro”, “trado”, “sanhudo”, “recém-vindo”, “falta de prática”. “Seringueira ainda não golpeada” (Melh.). Pode ser também “sem educação, treino ou preparo adequado”; “bisonho e/ou incompetente”. Por extensão, “de má qualidade”; “feito sem apuro”; “malfeito”, “ruim”, “muito forte”; “intenso”, “nocivo”, “danoso”, “daninho”, “violento”, “impetuoso”, “exaltado”, “arreatado”, “genioso”, “compacto”(Aur.).

A acepção que mais se aproxima do significado dessa pesquisa é “trabalhador novato ou inexperiente” (Aul.), pois na acepção específica da região em estudo, *brabos* eram as pessoas recém-chegadas do Nordeste para o trabalho do corte da seringa e não tinham qualquer conhecimento ou habilidade para esse trabalho. É possível que essa palavra, na acepção regional, tenha relação com o significado primeiro, pois para o seringueiro o ambiente e o trabalho a que eram submetidos eram totalmente novos, contrastando com o ambiente por eles conhecido; por isso é possível afirmar que esses eram realmente *selvagens* àquele ambiente, além disso, devido à evolução de b>v é possível que assim fossem chamados devida a sua coragem. Veja o depoimento do informante:

I: Papai ora o papai veio pra cá nesse tempo num era nem arigó era *bra::bo* que chamavo [arigó?] antigamente era os *brabo* que viero pro Acre isso aqui era vige isso aqui era vige ele vei do tempo que isso aqui era vige isso aqui ele o papai foi um dos você num vê falá dessa revolta de Plácido de Casto?

P: Revolta hunrum

I: De Plácido de Casto pois bem o papai foi um dos que revoltou

P: Ah é?

I: É

P: Eu sei então o seu pai era brabo quando chegou aqui?

I: É brabo quando chegou aqui porque ele era do Ceará

P: Ah ele era do Ceará o seu pai?

I: É eu sô filho de um mãe e pai todos dois do Ceará. (P.M.R -XA 08)

BROCA

Divergem os romanistas a respeito da origem da palavra *broca*. No REW (1319) diz-se que se origina no lat. *brocca*, *broccus* “com dentes salientes”. No Melhoramentos,* *brocca* é mostrada com origem céltica. O termo aparece também em algumas línguas românicas: cast. *broca*, it. *brocco*, *brocca*, fr. *broc*. (Nasc.). É definida como “pua”, “instrumento com que se abrem perfurações circulares”. “Instrumento formado pela pua”, “eixo e respectivo arco”. “Instrumento com que se perfura o solo”. “O eixo da fechadura, que entra na cavidade da chave fêmea”. Em artilharia, significa “a cavidade ou falha na alma de uma boca de fogo”. Também tem a acepção “de espécie de joeira larga para limpar o café em grão”. “Fístula, chaga”. Designa ainda “várias espécies de larvas e lagartas que atacam as plantas, a madeira, livros e outras coisas”. Com acepção regional, no Sul, tem o sentido “de grande apetite”; “fome”. Pode também significar “mato rasteiro, entre árvores corpulentas”. “Espécie de lagarto”. No Norte, é a derrubada de arbustos ou mato, preparando terreno para a roça; (Aul.), “barra de ferro com que se abrem, nas pedreiras, os orifícios que se enchem de material explosivo”. Em odontologia, “instrumento rotante, rotatório, de formas variadas, destinado a perfurações, limpeza e preparo das cavidades cariadas”. “Furo feito com broca”. Como gíria, tem a acepção de “alavanca de ferro para arrambar”. “Moléstia que ataca o casco do animal cavalos ou muar”. “Moléstia que dá no interior dos chifres dos bovinos”. “Mentira, patranha”. “Broca de raiz: inseto que estraga o algodoeiro (*gastero-cercodes gossypii*)”. “Broca do café: inseto coleóptero (*Hypothenemus hampei*), que ataca o grão verde do café” (Melh.). “Vários

deles atacam produtos armazenados, sobretudo sementes, inflorescências, raízes e outras partes das plantas, cavando galerias ou pequenos buracos”; “caruncho”, “broca de mineiro” (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *broca* é o resultado do corte do mato e arbustos para preparar terreno para o roçado. O instrumento utilizado para a *broca* é o *terçado* (*q.v.*) e não tem aparência pontiaguda para assemelhar-se com “dentes salientes”; pode significar também a larva que ataca a casca da seringueira, conforme o depoimento dos informantes. Essas acepções já estão dicionarizadas.

P: Ah o senhor corta o mato?

I: Corto o mato cortano o mato fica só o pique mermo [certo] aí depois que quadreja aquela terra aí que vô brocá

P: Ah tá é isso [ah tá] tem a broca né?

I: É tem a *broca* pois é aí eu vô brocá ele quano ternino de brocá [hunrum] aí vô derribá no machado os pau né ...(R..N. S - XA 05)

P: Tem você conhece essas doenças?

I: Ela dá a *broca* na madêra

P: É? E o que que é a broca?

I: É que a *broca* é na casca

P: E o que que é a broca o que que a broca faz?

I: Ela faz cumê a casca da madêra

P: Ela é o que? É um mosquito...uma lagarta que que ela é Socorro ?

I: Ela é u'a lagrata

P: A broca é uma lagarta?

I: É

P: Aí ela come a casca toda é? (!!!) tá distraída olhando o pessoal é?

I: É

P: E assim Socorro é ela você falou que a lagarta...é uma lagarta a broca?

I: É u'a lagarta

P: E ela come toda a casca né?

I: É

P: E além da lagarta o que tem?

I: Que que tem?

P: Hum (M.S.B.S - PA 39)

BROCAR

A. G. Cunha deriva *brocar* de *broca*, afirmando que *broca* é do catalão, com provável origem céltica. *Brocar*, em catalão, significa “esporear o cavalo”. O Novo Dicionário Aurélio apresenta o verbo *brocar* com a acepção de “furar com broca”, “fazer broca, ou brocas em; furar, esburacar”. Também tem a acepção de “limpar, joeirar o café”. Pode também significar “mentir, lorotar”. A acepção que mais se aproxima da acepção regional em estudo é “cortar o mato miúdo com foice; roçar” (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *brocar* significa cortar e derrubar o mato com terçado para limpeza de uma área de terra para proceder ao plantio de cereais, ou seja, é o primeiro passo para a preparação do roçado. De acordo com a origem provável de *brocar*, é possível retornar à forma *boccus* “com dentes salientes”; no entanto, o seringueiro usa o terçado para *brocar* (q.v.), e esse instrumento é bastante afiado e tem uma ponta que não aparenta ser tão fina, não havendo semelhança com algo pontiagudo, como é possível no catalão, pois para esporear o cavalo é usada a espora, objeto pequeno com pontas. É possível que *brocar*, com a acepção de “cortar o mato”, seja pelo fato de que em algumas regiões do país se corta o mato com foice, que tem uma forma curvada e pontiaguda. Veja-se o depoimento de informantes.

P: No meio do mato mesmo?

I: Não ...*broca* o roçado aí depois queima ...depois que dá u'a chuvaNa pode sê qualquer chuva que é pa apaga a cinza

P: A sim e broca como que faz a broca?

I: Cortano os mato ...vai cortano os mato aí depois de que ele teja bastante seco aí a gente vai lá derruba depois que aderruba tá seco aí a gente vai e queima ...aí depois de queimado que dá u'a chuva aí pode prantá

PA é? E corta esse mato com que? (R. O . O .-XA 02)

I: É a gente pega e *broca* lá um actare ou duas que é [eu sei] que é o que a gente pode fazê mermo mais de que duas hectare a gente num pode a gente *broca* e nas hora vaga trabaia na siringa e trabaia im roçado é assim que siringuêro num tem os seus trabalho ...marcado as hora não (M. A . N -BRA 13)

P: Ah então tem diferença entre broca e roça?

I: Tem :: entre *broca* e roça tem que a gente vai *brocano* é cortá o mato alto né vru vru vru *brocano* e roçá é ispanano num sabe ? Teçado baxo

P: Só aqueles matinhos pequinininhos?

I: É tudo e aqueles toco que vai dexano na *broca* a gente vai pegano e torano dendo chão que é pa num furá o sapato ou o pé da pessoa né do seringueiro (M.R.S. -XA 06)

I: Ah é *brocá* derrubá tocá fogo e plantá o milho e arroz o feção [eu sei] depois que apaNa o arroz aí depois planta alimpa a terra aí palanto feção (M.C.S -ASBR 23)



BUJÃO

A palavra *bujão* tem origem no fr. *bouchon* cuja acepção é “tampão”, “buchá” (FEW), nada tem a ver com o *bujão*, presente no vocabulário do seringueiro acreano, pois para chegar a essa forma, *bujão* passou por várias alterações fonéticas: *boião*>*buião*>*bujão*. Note-se que as mudanças ocorridas são bastante comuns na evolução das palavras; em *boião* para *buião* houve o fechamento o>u; em *buião*>*bujão*, a consonantização de i>j. Há ainda, como variante, a forma *bulhão*. *Boião* tem origem provável no mal. *Boyong*, e significa “vaso bojudo de barro ou de vidro, de boca larga, usado para guardar doces e conservas”. Tem também a acepção de “fogão para defumar borracha” (Aur.). *Bujão*, nos pontos pesquisados, era um instrumento de ferro, preparado para expelir fumaça para defumação do látex; ainda hoje é mantida a mesma forma do *bujão* de ferro; no entanto, o material utilizado para fazê-lo é o barro. Assim, é possível afirmar que a relação semântica de *bujão* com o étimo da palavra é bastante próxima, pois a aparência do *bujão* é realmente de uma forma bojuda, assemelhando-se um pequeno vulcão, conforme a figura ao lado. Note-se nos testemunhos dos informantes:

P: Buião?

I: Era *buião* de ferro mas adepois dexaro o *buião* e pegaro a fazê essa fornaia u’a fornaia um buraco no chão né porque o *buião* matô muita gente porque cum a quintura esquentava e adepois o camarada adepois ia tomá bãie e muitos morria por causa disso aí inventaro a fornalha ...fornalha era o buraco no chão e aí fazia um buraquim aí subia fazia um *buiãozim* de barro compreende aí ficava...ficava fazeno ali ela num isquentava certo [não esquentava] bem grosso né num esquentava [sei] é (P.M.R.- XA 08)

I: Porque dento se botava aqueles cavaco denda da tal fornaia que é um um *bujão* assim um negoço feito de barro assim cum a boquiNa mermo assim [sei] e a gente toca o fogo por baxo assim num sabe? Porque tem a fornaia aqui (**) agora pra li a gente faz um quadradozim assim de mei meto de fundura ...de chão a dento né aí abre oto bojozim assim que é pra sai por baxo daquelas fornaia lá im cima feita que fica cum a boquiNa assim (M.T.C. -XA 09)

I: Não trabalha mais não porque era muito difiço né a o povo da antiguidade a maió parte é duente da vista da cabeça né porque perdia muito sono pegava muita quintura né porque aquilo ali era assim u'a fornaia aí tiNa aquele *buião* lá im baxo cum aquele buraco lá imbaxo pa pessoa puxá o cavão que mete e leNa pro cima né pa subi aque-la fumaça mas imbaxo cai o cavão a gente tem que disintupi que se não num sobe pressão sabe aí naquilo pegava muita quintura ou as vez nesse tempo pegava muita frieza (M.R.S. -XA 06)

CABRESTO

Vocábulo de formação latina, *capistrum*, com metátese do *r*, (REW 1631) “cabresto”. Daí saem o rom. *capastra*, it. *capestro*, *cabresto*, “patife”, log. *kra-bistro*, eng. *kavaistre*, friul. *kavestri*, cast. *cabresto*, fr. *chevêtre* (Nasc.). *Cabresto* tem a acepção de “arreio de corda ou de couro com que se prendem as cavalgaduras pela cabeça e sem freio”. “Boi manso que serve de guia ao rebanho de gado bravo”. Em sentido náutico, significa “cabo grosso que segura o gurupés a argolas fixas no costado do navio”. “O mesmo que socairo, corrente ou corda que prende o cabeçalho à canga”. São várias as expressões com a palavra *cabresto*: braço em *cabresto*, hipoteticamente “fazer de cabresto” (Aul). No Rio Grande do Sul, *sentar no cabresto* significa “volver o cavalo, com toda violência, o corpo para trás, quando preso ao palanque pelo cabresto” (Melh.). No Nordeste, “ligamento de cordas que prendem os bancos à jangada” (Aur.). “Espécie de buçal mais grosso, com todos os componentes da cabeçada, exceto a embocadura”. “Freio”. “Amarrio que se faz na ponta da vara de pesca, ampara maior segurança da linha”(Melh.).

Na acepção específica da região em estudo, *cabresto* é o conjunto de dois cortes oblíquos no tronco da seringueira, ligados por uma canaleta em sentido vertical, unindo os dois cortes para recolher o látex. Como sinônimos são empregados pelos seringueiros *cu de barrão* (q.v.) e *espinha de peixe* (q.v.). Em relação a este último, a metáfora é evidente.

P: Que outro nome pode chamar esse corte?

I: Chama como quisé tem seringueiro que fala que é cabresto

P: Cabresto?

I: É (M.S.B.S -PA 39)



CABRITA

É o feminino de *cabrito*, ou seja, “cabra pequena”. *Cabrito* tem origem no lat. tardio *caprittu*, “pequeno bode” (REW 1655). As línguas românicas em geral conservam o termo. Há várias acepções para *cabrita*, podendo ser “pequeno peixe, chamado também cabrinha ou cabra”. Antigamente, significava “máquina de guerra para atirar pedras”. “Inflamação dos olhos”. No Minho, “fecho de meada”, “fila de malhadores de espigas, quando vence em destreza a fila contrária”. No Douro, “molhadura ou vinho dado pelo comprador de uma junta de bois, na feira, a todos os que entram na transação”. “Pirraça”. “Choro ou amuo de crianças”. “Espécie de cunha, que aperta o encedoiro do mangual contra o pirtigo”. Em Barcelos, “sinal feito de linhas enroladas, para indicar o começo da meada”. “Empunhadura da serra braçal”. No Brasil, pode significar “mulatinha nova” (Aul.).

Nesta pesquisa, *cabrita* é um instrumento de corte, composto de um cabo de madeira no qual se insere uma lâmina, e que o seringueiro utiliza para aplicar as incisões no caule da seringueira. É provável que a denominação do objeto seja por metonímia, a parte pelo todo, pois a aparência do cabo, juntamente com a lâmina, assemelha-se à cabeça de uma cabra com um pequeno chifre. Para confirmar, observe a figura ao lado, além das descrições dos informantes. É importante ressaltar que o instrumento utilizado para fazer os entalhes na seringueira era o machadinho, com o qual, entretanto, não se conseguia obter um sulco pouco profundo e abaulado, de modo que se conseguisse o látex sem ferir desnecessariamente a árvore. Esse tipo de corte se tornou muito mais fácil com a *cabrita*, instrumento mais delicado, cujo uso se difundiu somente a partir de 1913.

I: Não pra culhê não precisa da *cabrita* que a *cabrita* é quando vai cortar [ah então] é que eu tô dizeno a faca é a tal *cabrita*

I: Eu só cuNeço dois porque ...no tempo do que o meu pai era soltêro assim a miNa vó contava que cortavo de machadim num era *cabrita* [não era de cabrita] o machadim o machadim assim dessa largura desse tãmãim

(**) aí justamente cortavo cumo eu tava fazendo aqui que corta o caucho né começava aqui (**) e depois viNa assim (**) e ota mais im baxo (...) (M.T.C -XA 09)

I: A *cabrita* que é feita dum pau aí tem ... aí tem um ferro né [hum] que é propi pra esse pau aí vem aí vem a lâmina pa pu ferro (F.C.S.A . -XA 01)

I: Incastroa a faca na *cabrita* é oto ferro feito um gancho aí agente dá o nome de cabrita aí incastroa a faca [hãrã incastroa] só tava bom se a seNora visse [eu sei] (!!!) (A . A . - PA 43)

I: Olha pa riscá pa cortá pa juntá ixiste u'a lâmina que os ferrêro faz chamado de faca de cortá siringa incostroado num oto negoço que se chama *cabrita* tá e dali que é o processo de se riscá aí tem a tigela que é pa imbuti pa culhê o leite pa recebê o leite que vem da siringuêra (J.F.S -PA 40)

P: Como é que chama esse cabozim ?

I: É chama se cabrita [ah] põe a lâmina na cabrita na cabrita é (()) ela ingancha assim (**) aí fica assim tem u'a peçaziNa assim drobada aí mete aqui dento aí ela fica sigura ali [certo] é a *cabrita* (G.N.S. -PA 44)

CANDEEIRO

Palavra formada de *candeia*+*eiro*; *candeia* vem do lat. *candela* > *candea* > *candeia*, “vela de sebo ou de cera”. No cast. *candeleiro*, prov. *candelía*, fr. *chandelier*. Significa “aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente”; “lâmpião”, “leocádio”. “Parapeito que nas minas abriga os operários”. Antigamente, “chapéu de três bicos; tricórnio”, “carreiro”. No Minho, “homem ou rapaz que vai à frente dos bois”. No Rio Grande do Sul, “modalidade do fandango”. “Cantiga de roda infantil difundida em todo o Brasil, mas hoje esquecida” (Aur.). Como gíria, significa estudante do último ano de curso secundário ou superior. Em botânica, é nome comum a diversas plantas da família das compostas, tais como a *lychnophara ericoides*, também chamada “acende-candeia”, e a *L. rosmarinifolia*, também chamada *acende-candeia* e *candeia* (Melh.).

Neste inventário, *candeeiro* designa um instrumento que serve para iluminar, feito com pedaço de bambu verde, em cuja parte oca é colocado um pedaço de tecido mais comprido que largo para formar o pavio, mergulhado em querosene ou outro líquido inflamável; em geral, o instrumento apresenta uma pequena peça de lata cobrindo a parte superior, para que o pavio fique seguro e não se derrame o querosene, nem se queime o bambu. É utilizado para iluminar a casa do seringueiro ou os varadouros. Tem como sinônimo: *cano que alumeia* (q.v.), *champil* (q.v.), *morrão* (q.v.).

P: A.: lamparina tem lamparina [tem] mas é lamparina

I: Pode ser u'a lamparina feita de baxo mas feita lá num sei aonde lá por baxo vem a feita e também pode fazê usá um [fazer em casa] fazê im casa ...casêra

P: Hã o senhor tem uma...pode deixar ela tá só brincando...o senhor já conhece conhece uma que é feita com pedaço de bambu...

I: *Candiêro* (M. A . N-BRA 13)

CAPANGA

Palavra de origem quimbundo, *kappanga* “é uma espécie de bolsa pequena, que os viajantes usam a tiracolo para conduzir pequenos objetos”; “bocó ou mocó”. “Pequena bolsa de mão, usada, sobretudo, por homens”. Significa também “valentão que se coloca ao serviço de quem lhe paga”, “guarda-costas”, “jagunço”. Sinônimos nessa acepção são: “cabra”, “cabra-de-peia”, “cacundeiro”, “curimbaba”, “espoleta”, “mumbava”, “peito-largo”, “pistoleiro”, “quatro paus”, “satélite”, “sombra”. Na Bahia e Mato Grosso, “o montante das compras de diamantes feitas pelos capangueiros”; “partida de diamantes” (Aur.). Na Bahia, “capanga de Oxóssi” é o *fetiché* deste orixá (Aul.). “Avental ou bolsa usada nas cerimônias de toré”. “Pequeno embornal com o qual se apresenta Oxóssi, que traz também um polvarinho” (Melh.).

No inventário desta pesquisa, mantém-se o significado original, pois *capanga* é uma bolsa pequena com peculiaridade de ser feita com o látex defumado, que os seringueiros usam a tiracolo; é utilizada para conduzir pequenos objetos. É sinônimo de *bornal* (q.v). Veja-se o depoimento de informante:

I: Aquele buião um buião assim grandão assim de barro um que a gente enche de madeira de cavaco aí ela dá aquele polme medoNi aquele fumacêro quente aí tudo que metê a burracha já assado faz os sapato sapato de siringa [hãrã] Leone vai buscá a gente faz a *capanga*

P: Faz capanga?

I: Faz a *capanga* pa carregá cartucho faz a bolsa pa carregá tabaco não pega pode chuvê que num se molha [eu sei] não se molha de jeito neNum (J. F.S -ASBR 27)



CAPEMBA

José Pedro Machado afirma que *capemba* é de origem tupi, *caá-pemba*, “folha esquinada”. Designa “o estojo dos cachos novos das palmeiras”, “folha larga e consistente que se desprende do mangará” (Melh.).

Nesta pesquisa, *capemba* é a parte mais dura do ouriço de castanha partido em duas metades, sem as amêndoas. Essa denominação proveio sem dúvida da semelhança do *ouriço* da castanha com o estejo dos cachos dos coqueiros. É empregada em usos domésticos, como pilar ou pisar os grãos da pimenta-do-reino,

também pode ser usada para alimentar as chamas do fogão a lenha ou a *fornalha* (q.v.). É sinônimo de *quenga* (q.v.), ou *quengo*.

P: Aquele que fica duas metades aí dentro tem as castanhas?

I: Pois é aquele que eu chamo que é o uriço que tem as castãia dento

P: Pois é quando ele é inteiro ele é uriço [hãrã] e quando quebra ele ao meio?

I: Ele fica a *capemba* (J. A. M. - ABRA 19)

CARONCHA

Para J. Corominas, é uma palavra de origem incerta e significa “carcoma da madeira”, “bicho que corrói a madeira”. Segundo a Real Academia Espanhola, *caroncho* vem do lat. **cariuncula*, “cáries”, “carcoma”.

Nos pontos pesquisados, é uma doença da seringueira, que faz secar o leite da árvore quando a incisão é feita em dias chuvosos. Acredita-se também que a *caroncha* surja quando o corte é feito na lua minguante. Observa-se que a palavra *caroncha*, pertencente ao vocabulário do seringueiro acreano, passou para o gênero feminino; além disso, sofreu, na passagem do latim para o português, várias alterações: síncope do /i/ em hiato, síncope da pós-tônica, palatalização do grupo /cl/ > /ch/ não intervocálico e mutação de /u/ > /o/, todos bastante comuns nessa evolução diacrônica do latim para o português. O vocábulo não consta em nenhum dicionário consultado. Veja o depoimento de informantes:

I: Ah (!!!) a ca essa aí essa eu sei porque a *caroncha* num sabe a caroncha é quando o siringuêro cumo bem ...tipo quando tá caindo esse frio a friage que o cara raspa a siringa a bandêra e cai a friage cum a aquela chuviNa fina e o cara ir cortá no oto dia dá a *caroncha* ela fica cum toda pintadiNa de preto (M.T.C.- XA 09)

I: É a gente rapa pa cortá [hã] aí da u'a chuva aí pe dá aquela *caroncha* ...aí aquele tampozim ali cai num presta mas pa gente cortá (J.A .M.-ASBR 19)

I: Primêro raspa ela aí dexa aquela raspaga três quato cinco dia conforme as condições da gente [hunrum] que é pa ela inxugá que é pa num dá *caroncha* que senão dá um lodo assim que nois chama *caroncha* que é pa pudê cortá ela[sei] porque se dexá secá aí cortá antes do tempo que ele *incaroncha* aí seca o leite num dá leite [hunrum] aí tem que cuidá ela raspa aí dexa oito dia conforme as condições que a gente teje que é pa ela enxugá pa pudê cortá que é pa num quebrá o leite [certo corta com a cabrita] (M.L.O .S -ASBR 27)

CAXINGUBA

José Pedro Machado afirma ser uma palavra de origem tupi e apresenta as variantes *caxinduba*, *caxinduva*. É uma planta da família das euforbiáceas (*hippomane spinosa*) que também produz um tipo de látex.

Nos locais pesquisados, *caxinguba* designa o leite extraído daquela planta, uma espécie de *gameleira*, que serve para misturar ao látex da seringueira; é usado como coagulante, pois em pouco tempo coagula o látex e a prancha de borracha está pronta. Veja o depoimento de informantes:

I: Porque ixisti dois dois tipo que u'a é chamada de gamilêra e ota é chamada de *caxinguba* ...mas são gêneros iguais (P.S.S -XA 07)

P: Ah tá certo e agora trabalha cum o senhor trabalha ainda com defumação?

I: Não agora eu até uns ano atrás inclusive esse três ano que esse rapaiz trabaivava comigo já antes eu fiz prancha cum esses depois que passô à prancha eu ainda fiz prancha e esses três ano que os rapaiz trabalharo cumigo foi fazeno prancha e pra fazê essa prancha a gente tem que fazê u'a caixa de madêra né pra qualhá o leite [sei] chega cum o leite a caixa bem tampadiNa né [hãrã] coloca o leite ali dento aí coloca o leite da *gamilêra* uns chamo *gamilêra* otos chamo *caxinguba* né [isso] aí aquele leite qualha a ota caixa (J.M.A -ASBR 25)

I: Não a gente aqui eu não difumo eu pego o leite eu teNo uns kitiziNo que a gente recebeu né aí pego o leite aí dispejo nos nas caxiNas que é até da inmaté aí tiro o leite du'a du'a *caxinguba* aí bot dento aí mexo mexo até ele qualhá bem rápido ele qualha [eu sei] aí quano qualha é só tira das caxiNa e mazenano (R.N.S -XA 05)



CAUCHO

Palavra originária do idioma indígena, provavelmente do quéchua, *cáuchuc*, *caucho*, “natural”. A Academia Espanhola afirma que a interpretação do vocábulo é “impermeável”. Nascentes, citando Larousse, afirma que significa “suco de árvore”. Para J. Corominas, tem a origem em uma língua indígena americana, provavelmente do Peru. Corominas, ao citar Friederci, diz que para ele *caucho* saiu de um dialeto quíchua do Chinchasuyo, ou seja, a zona Norte do Peru, ribeirinha do Marañon, do Alto Amazonas. Sem dúvida, não consta em parte alguma que venha do quíchua. *káucu*, “bruxo, enfeitiçador”. A causa do emprego medicinal que o *caucho* poderia fazer aos curandeiros indígenas parece muito pouco fundada. O nome do *caucho* em quíchua é

bem conhecido: *wékke*, propriamente “lágrima”, porém já definido como “goma ou resina que corre das árvores” no alto Amazonas. Aurélio diz que *kautchuk* é palavra de tribos indígenas do Alto Amazonas e em botânica designa uma “árvore morácea (*castila ulei*)” de grande porte, de estípulas grandes, lanceoladas e espartiformes, receptáculo frutífero solitário, quase sésil, com as sementes envoltas em polpa mole, comestível e com látex de qualidade inferior.

Na região em estudo, a aceção adotada é similar à definição que é apresentada em Aurélio: árvore que produz látex de qualidade inferior. Confira o depoimento dos informantes:

I: O *caucho* tem a diferença que deve tê um que tem o leite bem grosso cai aquelas tora compreende e tem otos do leite fino ...samente o *caucho* é ...ota qualidade de madêra que dá leite mas o corte é diferente a gente sangra ele e tira o leite e tira o sernambi faz as prancha é o *caucho* que chamo ... o *caucho* é diferente da siringa

P: É melhor ?

I: É mais rúim (P.M.R -XA 08)

P: Então a seringa pra cá e o *caucho* tem usa *caucho* também pra fazer?

I: Não o *caucho* aqui na nois invistia muito no *caucho*

P: É ?

I: É a gente sangrava ele [hunrum] anelava ele todim e ficava derramano e aí cum uns quinze dia a gente podia culhê aqueles anel de burracha do *caucho* e cum uns tempo a gente derrubava ele anelava todim aí acabava cum ele cortava tirava todo o leite dele (B.F.S. - PC 34)

CAVACO

Palavra de formação *cav(a)+-aco*, do lat., significa “operação de cavar”; também significa “estilha ou lasca de madeira”; “guaivira”, “xarelete” (peixe teleósteo), (Aur.). Variante de *cavaca* (bolo seco coberto de açúcar; espécie de biscoito) (Melh.).

Nos pontos pesquisados, *cavaco* significa pequenos pedaços de madeira que servem para alimentar o fogo da *fornalha* para a defumação do látex, em geral são tirados de uma árvore conhecida pelo nome *breu*. Observe o depoimento dos informantes:

I: Rapaiz eles chegavo eu era pequeno mas me lembro ele chegavo tirava o *cavaco* na mata num sabe tirava pu leite [hunrum] aí tiravo um cavaco tiNa a difumacêra né tiNa aquela fornaiona de sai a fumaça tocava fogo né aí tiNa os as grade de coisá num sabe? Aí tirava *cavaco* dois saco de *cavaco* aí trazia e partia *cavaco* de breu de pau

num sabe? Partia tudo miudim aí butava dento tocava fogo im baxo aí butava pur cima aí subia aí pegava um cavadozão um pau assim que nem assim (**) esse pau aí (**) aí (M.S.S. -XA 04)

I: Que pra nois difumá [hunrum] nois usava nois tiNa a arvre isculhida o breu ...[hãrã] né é *cavaco* bom né [eu sei] e tiNa vários otos nome de de madêra que a gente tirava pa pa difumá [eu sei] derrribava o pé de arvre na mata [hunrum] né aí tirava o cavaco miudava aquilo de machado e trazia pa pa difumacêra e lá nois acabava de miudá cum o teçado centi e vinte oito centi e vinte sete (B.F.S -PC 34)



Ueliton Santana – Índio seringueiro I
Lápis grafite sobre papel

CAVADOR

Palavra formada por *cav(a)+dor* de origem lat. *cava* “aquele que cava”. “Ativo, diligente, esforçado, trabalhador”. Em zoologia, é “animal que se enterra na areia (marinha, desértica) ou em outro solo qualquer”. “Trabalhador de enxada”. Como gíria, é indivíduo que “arranja colocação, negócios, etc. geralmente por meios ilícitos”. “Pescador”. Com acepção folclórica

regional (Guarapari-ES), é “grande membranofônio de uma só membrana, usado nas festas de São Benedito” (Melh.).

Nas localidades pesquisadas, *cavador* é um pedaço de madeira roliça, apoiado nas duas extremidades por pequenos toros de madeira, ao redor do qual se forma aos poucos a péla de borracha, através de movimentos rotatórios, depois de colocado por cima da bacia, por sua vez colocada por sobre a boca da fornalha. O processo da defumação consiste precisamente em banhar a borracha no látex, depois levá-la à fumaça; processo constante e repetitivo até que a péla atinja o peso ideal para a venda. A acepção mais próxima da de nossa pesquisa é a acepção apresentada em zoologia, pois o látex é coagulado envolvendo o *cavador*, ficando ali dentro até que a péla atinja o peso de 50 a 60 quilos, conforme o depoimento do informante:

I: Aí mete aquele o *cavadô* né tira aquele pauzim de dento porque depois que ele gruda a gente pode tirá ele fora num sabe [sei] aí coloca o cavado aí é que vai

P: Começar a fazer a borracha

I: Cumeçá pa pudê ficá a burracha de cinquenta quilo de sessenta de setenta (M.T.C XA-09)

P: E aquele tem um pau que coloca a borracha

I: O *cavadô*

P: A é o *cavadô*?

I: O *cavadô* que chamo (!!!)

P: Tá certo então tem o *cavadô* né (F.M.A . F -BRA 17)

I: *Cavadô* aí começa o principizim no *cavadô* aí já quano chega cum o leite quano vai cortá que chega aí já vai difumá im cima o cara vai difumá ele (R.N.S -XA05)



CERNAMBI

Cernambi ou *sernambi* é de origem tupi *sarina'mi* e designa algumas espécies de moluscos bivalves, especialmente a *anomalocardia brasiliana*, da costa meridional do Brasil, de coloração variável - branca, castanho-escura, negra ou rajada e de uso na alimentação. Vivem enterrados na areia a 0,20 m de profundidade. Na Amazônia, é o nome de uma “borracha de qualidade inferior” (Aur.). Var. *sernambi*, *sarnambi*.

Nesta pesquisa, *cernambi* são as sobras de leite de seringa que se solidificou naturalmente, no pé da própria seringueira, nos cortes ou nas tigelinhas ou no fundo do balde de seringa. Esse *cernambi* também é vendido, mas por um preço bem menor que a péla de borracha; é mais utilizado para iluminar a casa do seringueiro. Em geral, coloca-se areia dentro de uma lata com pedaços de *cernambi* para depois acendê-los. É utilizado, também, para fazer *fachos* (*q.v.*). Sem dúvida, o que levou o seringueiro a dar o nome indígena do molusco a esse produto da seringueira foi a forma do animal, bem como sua coloração.

I: Pra cortar seringa a faca um teçado e e'a tipo assim um um saquim nois chamava marico atiracol aqui que era pra ir juntano *cernambi* [ah tinha] do risco num sabe? (M.T.C.-XA 09)

CHAMPIL

Nos dicionários consultados, não foi encontrada a origem da palavra *Champil*. Apenas que ela é formada de *champa*, “parte da armadilha de caçar, onde se punha o chamariz ou negaça para atrair a caça”. “Pedaço de cortiça, em que se pousa o pombo que serve de negaça na caça aos pombos bravos”(Aul.).

Nenhum dos significados encontrados se adequam a esse instrumento, pois neste inventário, *champil* designa um instrumento feito com pedaço de

bambu verde para iluminar; na parte oca do gomo do bambu é colocado um pedaço de tecido, mais comprido que largo para formar o pavio, mergulhado em querosene ou outro líquido inflamável. Alguns seringueiros mais jeitosos colocam placas de latão para que o pavio fique seguro, não se derrame o combustível e a chama não queime o bambu. Trata-se, portanto, de uma espécie de lampião ou lamparina. Em geral, é utilizado para iluminar a casa do seringueiro ou os varadouros. Tem como sinônimos: *cano que alumeia (q.v.)*, *champil (q.v.)* e *morrão (q.v.)*.

É provável que nessa acepção a forma inicial da palavra *champil* fosse *chamil*, com o radical de chama, do lat. *flamma*, “labareda”, que com a evolução sofreu a epêntese da homorgânica /p/ e passou a *chamil* > *champil*. Var. *chupil*. Veja o testemunho:

P: Como é que chama esse?

I: Eu num sei bem como é o nome desse não eu chamava *chupil*

P: *Chupil*?

I: Sim (!!!)

P: Então esse é o *chupil* que?

I: De queroseno dendo da taboca e o pano [hunrum] usara também pa andá na mata (J. A . M. -ASBR 19)

I: É *chupil* que chama

P: A é?

I: É (!!!)

P: Faz ele cum cano de taboca [é] joga

I: Querosene dento aí faz um pavio aí bota aí acende

P: Ah, é?

I: Uns chama lampião otos chama *chupil* (A.J.L.F -BRA 14)

CINTURÃO

Cinturão é formado por *cintura*+*ão*, do lat. *cintura* e significa “parte média do tronco humano, situada abaixo do peito e acima dos quadris”. *Cinturão* significa “faixa larga e ordinariamente de couro, que se traz à cintura para suspender as armas e as cartucheiras ou para trazer dinheiro” (Aul.). “Boldrié largo”. Assim, *cinturão verde* é “faixa extensa de plantações de hortaliças e legumes em redor de grandes aglomerações urbanas” (Melh.). Pode ser também “área onde

estão situadas as granjas que fornecem aos grandes centros urbanos os produtos hortigranjeiros” (Aur.).

No inventário desta entrevista, *cinturão* é um tipo de corte oblíquo que circunda todo o caule da seringueira para obter maior quantidade de látex; no vértice mais baixo é colocada apenas uma tigela para aparar o látex. Observa-se a relação analógica da acepção regional ao sentido primitivo da palavra, pois o corte é dado de forma que envolva a seringueira, semelhante a um cinturão, conforme o depoimento de informante:

I: É aí chama se o *cinturão* porque dexô aqui né e a rapagem vem desceno aqui onde findô a raspagem aí dá o traço aqui e continua pra baxo aquele fica perdido [ah] quer dizê num se risca ali mais nunca (G.N.S.-PA 44)

I: *Cinturão* ele pega só um risco só arrudiano a madêra assim (**) inté chegá no toco se ela tivê condições de de cortá direto é assim mas isso quem faz isso assim é aquelas pessoa que num...[eu sei] que num tem utilidade que num tem colocação deles mermo que morá im as veiz no que é dos oto ali pocos dias só pra istragá mesmo [eu sei] porque quem tem seu lugá num faz um papel desse [(é quase ninguém num usa isso não)] (M. A . N.-BRA 13)

P: Eu sei e o cinturão

I: O *cinturão* ele pega só um risco só arrudiano a madêra assim (**) inté chegá no toco se ela tivê condições de de cortá direto é assim mas isso quem faz isso assim é aquelas pessoa que num...[eu sei] que num tem utilidade que num tem colocação deles mermo que morá im as veiz no que é dos oto ali pocos dias só pra istragá mesmo [eu sei] porque quem tem seu lugá num faz um papel desse [(é quase ninguém num usa isso não)] (F.M.A . F -BRA 17)

COLOCAÇÃO

Vem do lat. *collocatione*, “ação de colocar”. “Justa e harmônica disposição das palavras e orações, pode ser direta, inversa ou transposta”. Em sentido figurado é “o emprego, posição social”; “obter uma boa colocação”. “Posição dada ao cavalo, por meio de ensino, de forma que possa equilibrar-se perfeitamente” (Aul.). “Saída, venda, distribuição”. “Investimento de capital” (Melh.). “Apresentação, exposição de fatos ou ideias”. “Casa, geralmente sobre palafitas, do seringueiro amazônico” (Aur.)

Nos locais pesquisados, *colocação* significa o espaço físico dentro do seringal em que o seringueiro habita e trabalha no corte da seringa. Várias colocações formam um seringal, de modo que *colocação* designa, no Acre, a extensão territorial que abrange o local da habitação e do trabalho de um ou vários seringueiros. Confira-se o depoimento:

- I: Mesmo assim é o siringal quano só é um siringal quano tá completo de *colocação*
- P: Ah são várias *colocações*
- I: São várias *colocações* aí é um siringal porque aí tem muita siringa [aí] que im cada *colocação* tem a sua quantidade de siringa
- P: Tá era isso que eu tinha dúvida entre *colocação* e siringal *colocação* são pequenos pontos dentro de um siringal maior
- I: É quando eu tenho ...quinze *colocações* aí você não vai me perguntá assim :
- Paulo, você tem quinze *colocação*, Paulo? Não você chega pra mim e fala :
- Paulo você tem um siringalziNo num num é que é quinze *colocação* não num um siringal grande porque tem siringal que tem cem cento e tantas *colocação* você não vai dizer que eu tenho um siringalzão não você fala : - Você já tem um siringalzim quinze *colocações* [é] né (P.S.S. -XA 07)
- P: Tem alguma diferença entre *colocação* e siringal?
- I: Acho que não
- P: Não tem diferença não?
- I: Não
- P: É por exemplo assim o siringal é a parte maior ou é a parte menor?
- I: No siringal tem vária várias *colocação* num sabe?
- P: A ...tá e como é que é essa ...essa *colocação*?
- I: É assim da extensão de u'a hora duas hora du'a pra ota três hora
- P: Aí todas essas ...são dentro de um siringal
- I: São dento de um siringal cada qual cum um nome (R. O . O . -XA 02)



Ueliton Santana – combioi no inferno verde
Carvão sobre papel

COMBOIO

Comboio é uma palavra do francês antigo, *convoi*, “que faz caminho”; o /v/ regrediu para a homorgânica /b/; houve paragoge de um /o/ para dar forma masculina ao vocábulo (REW 2199). Significa também “reunião de carros de transporte que caminham juntos e com o mesmo destino”.

“Certo número de carros com mantimentos e munições escoltados por uma força militar”. “Leva de feridos ou prisioneiros de guerra, escoltados por tropa”. Na marinha, significa “um navio com mantimentos, munições ou mercadorias, escoltado por embarcação de guerra”. “Os navios que guardam e acompanham

o comboio”. “Reunião de carregadores livres ou escravos, que, na África e na América, transportam mercadorias entre o sertão e as povoações”. “Reunião de carruagens engatadas e movidas por uma locomotiva ou por duas máquinas conjugadas”; “trem: o comboio de mercadorias”; “comboio misto”; “comboio do correio” ; “comboio expresso”; “o comboio de Madri”. “Grupo de animais cavалares, que transportam carga” (Aul.). “tropa”, na Amazônia, “ lote de muares que conduzem víveres e utensílios destinados aos seringueiros” (Aur.).

Na região em estudo, *comboio* significa o grupo de animais de carga, principalmente burros, que transportam mercadorias a serem entregues aos seringueiros ou a borracha para a casa do patrão ou outro local de venda. A relação semântica com o étimo é bem próxima, pois tem-se a noção de grupo de animais reunidos que se encaminham a um destino comum, conforme o depoimento de informantes:

I: Ele tiNa o *combóio* de animal burro chama-se combóio

P: Aí levava a castãia

I: Quando é...o siringuêro ia avisá né que tava pronto é cumo a burracha né ...veNa tirá miNa burracha tal dia fulano de tal e aí entrava quinze vinte burro tiNa os comboiêro que era quem trabaivava os home que trabalhava

P: E com a borracha?

I: E cum a burracha

P: Mas levava assim setenta quilos de borracha nas costas do ?

I: Rapaiz levava era de mil quilo era muito animal combói de vinte tantos burro

P: E não amarrava assim aquele monte de borracha e saía arrastando não?

I: Não os burro tem um u'as cangalha ...uns pau assim grudado [certo] é desse jeito aqui (**) prega u'a taubiNa assim u'a daqui pra cá é u'a furquilhiNa assim pa frente e a ota atrás né no mei do ispiNaço do burro agora ali eles infiavo um pauzim nos buraco da borracha né e ingancha as corda no num cabiçote da gangalha que é a que vai na costa do burro isso e butavo u'a dum lá e ota de oto u'a de um lado e ota de oto (M.T.C -XA 09)

I: Ah o varadô é era o patrão tiNa aqueles impregado pa mandá poNiá as ponte pranchão assim dessa largura (**) um burro passa num pranchão dessa largura (**) ele passa tuc tuc tuc vai imhora (!!!) é o burro agora o boi num passa [num passa ?] é aonde tiNa *combói* de boi num dava só só ponte de aço é que o boi passa (G.N.S. -PA 44)

CORREIA

Correia vem do lat. *corrigha*, (REW 2253) “correia”, “açoite”. Esta palavra aparece nas demais línguas românicas rom. *Curea*, prov. *coreia*, cast. *correa*,

fr. *curroie*, it. *corrigia*. A acepção atual é “tira de coró para atar, prender ou cingir, soga; loro”, “cinta de couro, metal, plástico, borracha, lona, que liga duas rodas ou polias”. Em sentido figurado, *encurtar as correias de alguém*, significa “diminuir-lhe o arbítrio”. *Pôr as correias às costas*, “assentar praça”. Há também as expressões: *Correia contínua*, *correia compensada*, *correia sem fim*, *fazer correia*. Em botânica, “gênero de plantas da família das diosmáceas”. “As folhas da correia alba são preparadas por infusão como chá pelos colonos da Nova-Holanda”. “Espécie de jogo popular”. “O mesmo que tirapé”, também pode significar “os arreios do cavalo de tiro”(Aul.).

Nos pontos pesquisados, *correia* é uma liga feita com leite de seringa para amarrar a boca do saco encauchado quando está cheio de látex, para que não derrame. Os métodos para fazê-la são muito simples: coloca-se o látex dentro de um talo de folha de mamoeiro e, quando coagulado, está pronta a *correia*. Também é feita com os restos de látex coagulado, que ficam no fundo do balde ou do saco encauchado. A particularidade do termo, na acepção acreana, reside, portanto, no material do que é feita e na sua finalidade específica. Como sinônimos existem as palavras *sarugo* (q.v.), *tobiba* (q.v.).

I: Não depois que o balde eu encho o balde aí boto o leite o leite dendo saco aí amarro cum a *correaziNa* de liga sernambi mermo e boto nas costa e vô me imhora incheno oto balde eu arreo o saco dispejo o leite dento de novo [a tá] e é assim (R.N.S -XA 05)

P: Ah e deixa o saco aberto?

I: Não amarra cum a *correia* assim ó (**)

P: Ah é? [hunrum] você conhece essa correia só por *correia* mesmo (())

I: É *correia* a gente faz da siringa mermo [ah é] dispeja dendum cano aí faz aquela correia aí amarra

P: Aí você só conhece o nome dessa *correia* por correia mesmo ?

I: Só cuNeço pur correia mermo (!!!) (J. A .M. - ASBRA 19)



CU DE BARRÃO

Palavra composta por *cu* que vem do lat. vulg. *culum*, “ânus”, encontrado também no cast. *culo*, it. *culo*, fr. *cul*, rom. *cur*, veigl. *chol*, log. *kulu*, eng. *kul*, friul. *kul*, prov. *cul*, cat. *cul* com a mesma acepção. *Barrão* vem do lat.**verrone*, calcado em *verre*,” porco por capar”, como no cast. *verrón* (Nasc.).

Cu de barrão, na região em estudo, é um conjunto de cortes aplicados na seringueira, que consiste em fazer um traço oblíquo na parte superior, um na

parte de baixo da seringueira e uma canaleta em sentido vertical ligando esses dois cortes, em cujo final é colocada a tigela para aparar o látex. É sinônimo de *espinha de peixe* (q.v.). Neste vocábulo nota-se uma conotação pejorativa, pois é proibido fazer esse tipo de corte porque pode matar a árvore, uma vez que é extraído muito leite de uma só vez, o que dificulta a recuperação dos vasos laticíferos da seringueira. Segundo os seringueiros, quem o faz está fazendo um trabalho muito mal feito. É como se a árvore fosse “castrada”, tornando-a improdutiva, o que torna a expressão semanticamente compreensível. A outra expressão, *espinha de peixe*, explica-se perfeitamente pela semelhança.

P: Mas não dá outro nome?

I: Chamo *cu de barrão* otos chamo ispiNa de peixe [certo] mas isso num num é um trabalho [sério] de seriedade não isso é um trabalho assim de o ... imaginalização (P.S.S.-XA 07)

I: Já pois não eu pois é isso aí porque a uns chama pestana

P: Certo é esse de cima

I: Pois é e otos a gente chama *cu de barrão*

P: É esse de baixo?

I: É eu eu *cuNeço* o de o de o de cima o de cima [certo] porque esse de baxo aqui é a bandê bom é o seguinte [esse aqui] é esse esse traço aqui (**) de baxo aqui esse daqui (***) né é a bandêra e aqui (***) im cima é o *cu de barrão*

P: Ah é não é em baixo não ?

I: É num é im baxo o *cu de barrão* não é im baxo o *cu de barrão* é em cima que é a tal pestana que a gente chama é

P: Quer dizer que pestana e *cu de barrão* são a mesma coisa ?

I: É a merma é a merma coisa agora aqui daqui aí puxa esse traço aqui aí faz o golpezim e imbica a tigela (R.N.S- XA 05)

P: Explica então pra mim como que faz (!!!) e por que que faz? Esse nome assim

I: *Cu de barrão*?

P: É

I: Rapaiz eu num sei porque que corta im baxo e im cima né ...assim a pessoa já tá tudo cortado assim néaí a pessoa corta aqui im baxo que num tem risco né aí corta im cima aí iscorre pa dendo desse oto [e se eu fosse na mata] já embote im baxo [eu podia ver uma] pode

P: Você sabe identificar? Onde que tem por exemplo uma árvore que tem o corte *cu de barrão* outra que tem *espinha de peixe* outra que tem a bandeira tem essas diferenças?

I: Tem

P: Aí é possível entrar pra ver

I: Tem ali tem u'a siringa (...) (F.C.S.A - XA 01)



DEFUMADOR

Palavra de formação transparente: *de+fuma+dor*, cujo radical é *fumo*, de origem latina, “vapor pardento-azulado que sobe dos corpos em combustão ou muito aquecidos”. Significa também, “vaso onde se queimam os perfumes para defumar; o mesmo que perfumador”. “Aquele que defuma”. Por extensão, “substância para defumar”. Na acepção amazônica, significa “choupana onde o seringueiro defuma a borracha”(Aur.). No inventário desta pesquisa, a acepção coincide com a que foi dicionarizada por Aurélio, pois *defumador* é uma pequena casa, geralmente de madeira e coberta com palhas de ouricuri, próxima à casa do seringueiro, destinada ao trabalho da defumação do látex. Observe-se que a acepção está de acordo com o étimo da palavra. Var. *defumadoiro*, *defumadouro*, *fumeiro*, *casa da defumadeira*, *fumacêra*. Observe-se o depoimento dos informantes:

P: Aí o senhor trabalhou como como que o senhor fazia? como é que o senhor chamava a casinha?

I: *Difumadô*

P: Difumador?

I: Difumadô (F.M.A .F. -BRA 17)

P: Como que o senhor chamava aquela aquela casinha que o senhor faz pra defumar?

I: É a *difumacêra*...é (A . J. L. F (BRA 14)

I: Porque uns chama a *defumacêra* e eu num sei o porquê eu sempre chamei a casa da defumacêra porque a defumacêra que eu considero [hã] é a fornalha que é de onde vem a fumaça (P.S.S. -XA 07)

EMBICAR

Embicar é um parassintético, cuja formação é *em+bic(o)+ar*. *Beccu*, de origem gaulesa, através do latim (Aur.), significa “extremidade”; daí *embicar* é “dar forma de bico a”, “tornar bicudo”. Caldas Aulete define-o “erguer em ponta”. No Nordeste, significa “beber”, “emborcar”, “escorropichar”. Pode significar também, “tropeçar”, diz-se particularmente das bestas; “estar a cair”; “embater”; “ir de encontro a”, “dirigir-se”, “encaminhar-se”, “estacar”. Em náutica, significa

“chegar-se o navio para a vertical da âncora”, “embicar em terra”, “encalhar na praia indo com a proa”. Na aviação, “baixar o nariz (o avião)”. Em sentido figurado, significa “ser detido por uma dificuldade”, “questionar com alguém; ter que dizer, embirrar” (Aul.). “Abicar”. “Fazer reparo” (Melh.). “Encostar”, “contender”; “implicar”. “Dar com empecilho ou obstáculo inesperado”. “Ficar confuso, enleado”; “encontrar embaraço”. “Encaminhar negócio” (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *embicar* é a ação de introduzir ou empurrar uma pequena parte da beira da tigela no caule da seringueira, de forma que fique bem fixa para poder aparar o látex. Não é difícil compreender a razão semântica dessa aplicação de *embicar* à ação descrita, pois para introduzir a tigela no caule da seringa é necessário apertar suavemente a tigela, formando um pequeno bico com parte da tigela que ficará dentro do caule.

I: Quano terminava de cortá aquela bandêra viNa chegano de lá que chegava em baixo o leite já viNa pingano na faca já já viNa melano ali só era *embicá* a tigela já (!!!) (O . B. -BRA 10)

I: É que as pessoa judeia né [hunrum] que nois lá im casa por exemplo né riscava [certo] e só *imbicava* u’a tigela ali [é] já tem gente que puxa dois três risco pra u’a tigela só [hunrum] só que aí desgraça a seringa rapidiNo [é mesmo?] é rapidiNo a seringa se acaba (M.S.C-PA 38)

EMBUTIR

Divergem os etimologistas a respeito da origem do vocábulo *embutir*. Antenor Nascentes, ao citar o REW (1427), diz que *embutir* tem origem no gr. *buttis*, “tonel”, “barril” e descarta a aproximação com o germ.* *bauta*. A Real Academia Espanhola tira o esp. *embutir* do lat. *imbutu*, de *imbuere*, “embeber”. J. Corominas, citando Diez e Cuervo, diz que eles acreditam na etimologia germ. *botan*, “empurrar”, “ferir”. Foneticamente é evidente que não pode sair de *botus*, suposto e inverossímil derivado regressivo de *botulus*, “intestino”. Aurélio Buarque de Holanda diz que *embutir* tem origem no it. *imbottire* “meter à força”. Por extensão, existem os significados de “introduzir uma peça de madeira ou de outra substância (pedaços de madeira ou de outra matéria para formar desenhos, ornatos etc.)”, “marchetar”, “tauxiar”. Em sentido figurado, significa “pregar”, “ferrar”, “impingir”, “engolir” (Aul.) . “Inserir, fixando”; “encravar, engastar, pregar”. “Fazer acreditar”, “pregar”, “impingir”. “Embutir uma peça em outra de modo que a ela se ajuste, em geral sem deixar interstícios” (Aur.).

A origem e a acepção que mais se aproximam da acepção nessa pesquisa é inserir fixando de forma que se ajuste sem deixar interstícios. No universo léxico do seringueiro, embutir é a ação de empurrar uma pequena parte da beira da tigela no caule da seringueira de forma que fique bem fixa para aparar o látex.

I: U'as tigeliNa assim que *imbote* assim (**)

P: Ah imbote ? Aí depois depois é que ele colocava

I: Infia na casca da siringa intão enquanto ele ia im casa almoçá (...) chama-se tigela (M.T.C. -XA 09)

I: Precisa primêro a bacia pa juntá o leite pa difumá né [isso] aí mas pa culhê ela da istrada é um balde [é] e u'as tigeliNa assim que até tiNa u'a inda agora [hunrum] aí a gente corta aqui aí *imbote* ela aqui aí dexa lá né [é] cada u'a bandêra se é de três bandêra assim a gente corta aqui (**)*corta aqui(**) e aqui (**) aí fica aí as quato tigeliNa aí de tarde quano vem regressano de novo aí vem culheno aquelas tigeliNa no balde ...[eu sei] dexa lá no toco nos toquim assim né que é guardá as tigela aí vai tirano chega nota madêra aí tira aquela tigeliNa dispeja no balde de novo é assim (M. L. O. S -ASBR 27)

EMBUTIDOR

É um parassintético derivado de *embutir*, cuja formação é *em+buti+dor*, “aquele que embute”, “que trabalha em embutidos e obras de marchateria” (Aul.).

Embutidor, nesse inventário, é a parte em forma de bico ou mais arredondada, da tigela que foi introduzida mais profundamente no caule da seringueira para aparar o látex, conforme o depoimento de informante:

I: Eu comecei a ...a trabalhá cum o meu pai na siringa eu tiNa provavelmente uns oito uns oito ano uns nove ano dez ano a gente começa já andá na siringa né [eu sei] depois de ... sempre filho de siringuero tem aquele ...o pai tem aquele costume de levá prá prá istrada prá limpá imbutidó de tigela [a é ?] é *imbutidó* de tigela... é nos coNece é o canto que incosta na siringa ... muito desse povo que hoje trabalha sentado eles coNece bem talvez a seNora não coNeça [isso] mas ... precisa coNecé né essa forma aí me levava e daí fui cresceno desenvolvono até até miNa idade de de dezoito ano eu cortei siringa... parei uns tempos e... sempe eu corto sabe ? Eu sei como é que corta sei como é que faz a borracha depois é que a pessoa é...trabalha na siringa fica coNeceno (O . B. -BRA 10)

EMPICAR

No Norte do Brasil, significa “abrir picada”, “derrubar árvores” (Aul.).

No Acre, a acepção é semelhante, pois significa abrir caminhos estreitos; cortando o mato para chegar ao pé da seringueira ou da castanheira; pode ser

também o desmate de uma pequena faixa para marcar a área que será desmatada para fazer o plantio. Quanto à formação do vocábulo, o ponto de partida é *picar*, semanticamente compreensível, pois para se abrir a picada é necessário cortar ou *picar* o mato. Poder-se-ia esperar *empicadar*, mas não é corrente nem foi encontrado. Confira o depoimento dos informantes:

I: Aí pra pessoa tira ela de novo aí tem que a pessoa que intende bem andá no mato aí tem que porque no lugá de muita restinga não né tudo bem a gente de longe vê né as arvres ou o quê e quando é num tabocal u'a siringa muito serrada ...u'a istrada muito serrada aí a pessoa pega um vai quem já cuNece a siringa né ou a istrada direitim vai lá pa arvre aí bate cum um teçado pa pa pa aí o que ficô cá né no cumeço responde né aí vai incrontano vai *impicano* aí depois que a gente *impica* ela todiNa aí a gente vai distocano né roçano bem roçadim (M.R.S-XA 06)

P: Ô José o que que é empicar?

I: *Impicá* é fazê um câmiNo pa ir po pé (J.F.M. PC 28)

ENCASTRAR

É de origem fr. *encastrer*, que significa “encaixar”, “enganzar”, “endentar” (Aur.).

Na região em estudo, essa palavra é utilizada como variante de *encastoar*; que na região significa introduzir ou encaixar a lâmina de corte na *cabrita* (q.v.). Portanto, enquadra-se na acepção comum.

I: *Incastra* a lâmina na cabrita é um ferro feito um gancho aí agente chama de cabrita aí *incastra* a lâmina ali no seu Zé tem u'a . (M.R.S XA- 06)

I: A cabrita um ferro incastrado assim num pau ...que é o cabo (W.N.S- PA 37)

ENCASTOAR

De *en+castão+ar*, segundo REW (4682), que o tira do it. *incastonare*, do ant. alto al. *kasto*, “caixa”, “arca” (Nasc.). Significa, portanto, “colocar numa caixa”, “embalar”, “embutir”, “envolver”.

Nos pontos pesquisados, a acepção é variante de encastrar. Note-se que houve a síncope do /-n-/ intervocálico, esse é um metaplasmo comum no português. Veja-se o depoimento do informante.

I: *Incastroa* a faca na cabrita é oto ferro feito um gancho aí agente dá o nome de cabrita aí *incastroa* a faca [hãrã incastroa] só tava bom se a seNora visse [eu sei] (!!!) (A .A . -PA 43)

P: Sei e daí pra cortar pra riscar pra juntar o leite que que precisa?

I: Olha pa riscá pa cortá pa juntá ixiste u'a lâmina que os ferrêro faz chamado de faca de cortá siringa *incastrado* num oto negoço que se chama cabrita tá e dali que é o processo de se riscá aí tem a tigela que é pa imbuti pa culhê o leite pa recebê o leite que vem da siringuêra (J.F.S. -PA 41)

I: A gente tem que cortá bem rápido que se não derrama né e otras a gente tem que ficá guiano puxano cum u'a lapiNa de pau né na cabrita por exemplo que é o nome do ferro que a gente corta né é cabrita aí na cabrita *incastroa* da faca eu já gostaria da miNa tiNa um ferriNo pontiNa fina pra mim guiá o leite né [hunrum] inté descê pra tigela [certo] e otas (M.S.C. PA -38)

ESPEQUE

A origem da palavra *espeque* para o REW (8134) é holandesa *speek*, “alavanca” (Nasc.). Para Aurélio, é do neerlandês antigo *handspaecke*, hoje *handspaak*, “pau de mão”, através do fr. *anspect*. São várias as acepções para *espeque*: “estaca”, “esteio”, “pau maior ou menor com que se escora alguma coisa para não cair”. “Alavanca usada no serviço de artilharia e de marinha para mover peças, fardas etc.”. No sentido figurado, “arrimo”, “proteção”, “amparo”. No Nordeste, “nome dado a cada um dos tornos de madeira que, à pôpa e à proa das jangadas, servem para amarrar, respectivamente, a escota da vela e a corda do tauaçu” (Aul.).

A acepção que mais se aproxima da acepção dos pontos em estudo é “pau de mão”, pois *espeque* nos pontos pesquisados é um pedaço de madeira roliça, geralmente um tronco de árvore fina, com a ponta bem afinada, com um metro e meio mais ou menos de comprimento, que é utilizado para perfurar a terra e fazer covas para plantar os grãos de cereais. Em muitas *colocações*, é o único instrumento utilizado para semear o roçado. Confirma o depoimento do informante:

I: O prantio ...de premêro a gente fazia na inxada cavano na inxada agora não agora tem u'a máquina que a gente pranta de máquina né depois dele queimado [hãrã] aí a gente vai e pranta ele o arroiz primêro a gente pranta o milho né o milho é o milho a gente pranta no *ispeque* o *ispeque* é o seguinte o *ispeque* a gente corta um pau assim essa al ...um meto mais ou meno ou mais de um meto [sei] faz u'a pontaziNa nele aí vai furano assim (**) [certo] furano e vai ficano aquele buraquim né aí o cara vai jogano o milho aqui passano o pé im cima pa cubri pu rato num tirá [a é?] é e aí depois aí quano o milho nasce aí a gente vai prantá o arroiz denda aquelas carrêra do milho que a gente pranta o milho de carrêriNa né pur inxempo aqui eu levo u'a carrêra milho aqui levo ota aqui nesse mei aqui eu meto o arroiz dento (R.N.S - XA 05)

I: É um pedaço de pau ...feito todo dispontado que é pa furá o chão pra fazê a cova pra colocá o

P: O *espeque* ele espeta a terra [é] aí depois você vai e joga a s sementes dentro

I: Joga a semente do arroz ou do milho ...plantá a roça pa plantá a roça aí nois usamo já a inxada aí num é mais o *ispeque* porque tem que cavá covas mais rasa aí tem que sê na inxada pa pô a maniva (V.N. -ASBR 20)

ESPIGÃO

Formado de *espiga*+*ão*, aumentativo de *espiga*, cuja origem é do lat. *spica*, “espiga”, “milho miúdo” (REW 8145). Deste vem o cast. *espiga*, it. *spiga*, fr. *épi*. Designa também “peça de metal ou de madeira, aguçada, que se crava na parede, no chão etc.”. “Botaréu”; “obra que se faz para dar maior solidez às colunas dos arcos nas pontes”. “A parte mais elevada do muro ou da serra, em forma de aresta”. Em arquitetura, “parede construída nas margens de um rio, cuja corrente corta obliquamente, desviando assim o seu curso normal, também pode ser um ângulo formado pelo encontro das águas dos telhados sobre as taca-niças”. “Remate anguloso”; “cumeeira”. “Ponta aguçada de qualquer instrumen-to”. “Espiga grande das unhas”. Na Marinha, significa “ferro pontiagudo, que em lugar de bola, se crava no topo dos mastaréis”. Também tem a acepção de “cordilheira de montes, que divide os cursos de água”. “Espigão mestre, o maior dos que formam a cordilheira” (Aul.). “Edifício com muitos andares” (Aur.). Em botânica, “a raiz aprumada principal no sistema radical” (Melh.).

Nessa pesquisa, *espigão* é um caminho bastante longo que o seringueiro percorre da sua casa até a boca da estrada de seringa; geralmente é o caminho que leva até a estrada de centro. Trata-se de uma espécie de caminho de distribuição. Em alguns desses caminhos, há pequena quantidade de seringueiras. Observe o depoimento dos informantes:

I: Já vem direto pra casa (...) aquela ida pra lá chama se *ispigão* [ah] quem vai pa boca da istrada dá o nome de *ispigão* [hãrã] aqui é o *ispigão* da istrada e tal [eu sei] é até chegá lá na boca [certo] é *ispigão* (G.N.S.- PA 44)

I: Esse dá-se o nome de *espigão* é o *ispigão* desde quando saiu de casa sempre a gente custuma a manter o *ispigão* até ele bem limpo porque a gente sai de maNaziNa [isso] no orvalho as vez [isso] as vez muitos dele sai de noite [isso] de madrugada né aí a gente mantém ele limpo que é prá [não ter bicho] num tê bicho né que naquele trecho quando cê chega na boca da estrada [ha] aí já tá o dia clareado né aí você sai [haram] mais tranquilo (O . B. -BRA 10)

I: É *ispigão* [eu sei] pur inxempo eu teNo u'a istrada aqui que ela ela dá a ba quinze minuto pa chegá na boca dela que nois chama boca né [certo] lá quan cum quinze minuto ela abre as duas perna u'a perna assim e a ota assim (***) aí nois faz a boca aí daqui que eu saio até lá é o *ispigão* [certo] se tivé algu'a madêra mas é *ispigão* tamém se tivé as cinco ou seis madêra na da daqui pa boca dela a gente diz : - Rapaiz a miNa istrada tem quinze madêra de *ispigão* (R.N.S -XA 05)

P: Ah isso é o ispição aí porque que o senhor chama isso aqui de ispição? I: Porque... é um camiNo... um camim reto [certo]é um *ispição* ...pois bem aí ela fecha aqui aí isso aqui é um camim que a pessoa demãã vem por esse cânim e volta pur esse cânim a tarde (P.S.S.- XA 07)



ESPINHA DE PEIXE

Espinha tem origem no lat. *spina*, “conjunto de saliências, ósseas e alongadas”, significa também “ossos do peixe” (Aur.). A acepção neste inventário é um tipo de corte aplicado à seringueira para extrair maior quantidade de leite. Alguns seringueiros fazem um corte que, na parte superior se assemelha a um V; dando seguimento ao corte, uma canaleta em sentido vertical para fazer escorrer o látex até a tigela. O uso dessa expressão se deve à semelhança que o corte tem com a formação óssea de um peixe. V. *cu de barrão* (q.v.), *bigode* (q.v.), *berlim* (q.v.).

I: Tem a *ispiNa de pexe* é essa também a a merma cosa do cu de barrão a merma coisa [sei] corta dum lado corta do oto viu e quando acabá dá um risco e imbuti a tigela aqui im baxo (P.M.R.-XA 08)

I: Tem depende o o na na fiscalizações inxisti o barracão né [hunrum] que se o siringal dizer: - Eu quero burracha aí o siringuêro dava um traço assim do tãmãe dessa bolsa né [hunrum] aí já cá do oto lado ele puxava ota oto golpe assim que nois chama nois chamava pestana não pestana nois cortava im cima da da bandêra ou chamava *ispiNa de pexe* aí puxava pa merma tigela [sei] dois traço pa deno u'a tigela só [hunrum] aí nois alcançava de leite muito (B.F.S -PC 34)

I: É tem tem de de vários tipo tem ...vamo dizê tem otos da a gente dá um risco assim (**) aí dá otos mais im cima [isso] aí incana ele pá aquele mermo canto [isso]uns chamo cu de barrão [certo] é aí otos tem a gente corta de cá aí corta de cá assim chama a custela de pexe [a é?] é a gente corta de cá aí faz um risco no mei da singuêra ai a gente corta de cá aí corta daqui aí se incronta né? [hunrum] aí fica tipo u'a custela de pexe (!!!) é chama *ispiNa de pexe* (A . J.L.F -BRA 14)

ESTOPA

Do grego Στουπιά, através do lat. *stuppa*, “filaça de linho”; termo comum a todas as línguas românicas, com o mesmo significado. Na indústria de tecelagem, é “a parte mais grosseira do linho que fica no sedeiro”. É utilizada no fabrico de cordas, cabos ordinários e tecidos grosseiros. “A tela grosseira fabricada com o filamento da estopa”. “Os fios do carrete já desfeitos de que usam os calafates para calafetarem as costuras”. “Casa da estopa, casa de correção para mulheres,

onde eram obrigadas a desfiar cordas e fazer outros trabalhos grosseiros”. “Filamento interior da noz do coco” (Aul.).

Nesta pesquisa, é uma espécie de mochila de pano forte transportada nas costas, com duas aberturas laterais pelas quais se enfiam os braços, e duas abas na parte da frente, que são amarradas na altura do peito.

Atualmente, o uso da palavra *estopa* remonta ao início do trabalho do corte de seringa, pois, na época, os seringueiros consumiam a farinha que era transportada em sacos de estopa. Esses sacos eram utilizados para levar os utensílios necessários ao trabalho na mata. Esta palavra continua sendo usada para designar a bolsa utilizada para o auxílio do trabalho de corte; no entanto, atualmente ela é feita com qualquer tecido resistente, daí permanecendo *estopa*, genericamente, por metonímia. Como sinônimo estão *marico* (q.v.), *jacá* (q.v.). Confira o depoimento dos informantes:

I: É num tem aqueles saco que a gente compra pa aí a gente compra e fazio a *istopa* o marico [hã] aí butava dento nas costa [eu sei] depois que pega a dispeja o leite cum dez doze lata de leite e cum ele nas costa [hunrum] sobe nas trepeça pa cortá lá im cima i pa corrê cum ele nas costa quem num qué se impaiá é assim (M.L. O . S -ASBR 27)

I: Hãrã é pá limpá a tigela tirá o sernambi de dento [(a *istopa* pa carregá o saco)] e a *istopa* pa carregá o saco dento que (()) (M.S.S- XA 04)

I: Pa matá os bicho agora na colha ele levava a *istopa* cum o saco de carregá o leite né e o balde que aí ia culheno quando o balde inchia dispejava no saco (M.T.C.- XA 09)

ESTRADA

Do lat. *strata*, “caminho”. “Caminho relativamente largo, destinado ao trânsito de pessoas, animais e veículos”. “Qualquer via de transporte terrestre”; “vereda”, “via”, “direção”, “rumo”, “rota”. Em sentido figurado, “modo de proceder”; “caminho moral”; “meio ou expediente para alcançar algum fim”. No Ceará, “marcha curta e cômoda dos cavalos de viagem” (Aur.). Há várias expressões com a palavra *estrada*: *estrada da liberdade*, *estrada de ferro*, *estrada de S. Tiago*, *estrada mestre*, *achar sua estrada de damasco* (Melh.). Na acepção amazônica, grupo de 100 a 150 seringueiras quer um homem entalha por dia (Aur.).

Estrada, nos pontos pesquisados, são as picadas dentro da mata em que são encontrados grupos de 100 a 150 seringueiras, que se encontram irregularmente dispostas na mata; são interligadas por uma picada; portanto, enquadra-se perfeitamente na acepção dicionarizada. Com isso aparecem as denominações derivadas da palavra *estrada*, de que trataremos abaixo. Veja os testemunhos:

I: É quando eu comecei cum oito ano eu andava mas ele né [hunrum] aí na assim pelos nove ou dez ano aí eu já andava peluma perna só sabe aí depois de de dez ano eu já cortava u'a *istrada* só eu mermo aí daí pra cá trabaiava só mermo só eu mermo aí daí pra cá trabaiava só mermo (J.B.S-PC 32)

I: Pra fazê primêro a istrada [hunrum] o cara tem que primêro pa fazê a istrada o cara tem que impicá ela [hãrã] né fazê o (...) dela todina aí que o cara roça ela todina aí o cara vai e raspa ...sangra intigela [eu sei] aí cumeça a cortá né [hãrã] (...)

P: Primeiro impica né [é] depois entigela [depois roça] ah roça

I: É roça ela todina e depois raspa [hunrum] aí sangra depois da sangra é que a gente vai cumeçá a cortá intigela aí cumeça a cortá (F.P.S.- PC 35)

ESTRADA BRUTA

Bruto, do lat. *bruttus*, “tal como é encontrado na natureza”, “rude”, “incivilizado”. Nos pontos pesquisados, *estrada bruta* é aquela estrada cujas seringueiras, pela frequência dos constantes cortes, ficaram com o látex fraco, sendo necessário abandoná-las por um longo tempo. Durante esse tempo, essa estrada foi tomada pelo mato, tornando o local impróprio para o trabalho. Para recomençar, é necessário abri-la novamente com o auxílio do *mateiro* e do *toqueiro*. Essa denominação remonta ao étimo da palavra *bruto*, pois a estrada volta a ser como era antes que fossem preparados os caminhos. O termo designa propriamente uma volta ao estado primitivo, correspondendo a *embrutecido*.

P: No::ssa e assim seu João estrada que corta bastante tempo e depois deixa de cortar por algum tempo como que o senhor chama essa estrada que ?

I: É *istrada bruta*

P: Já ficou bruta né

I: Bruta é só que ela não diz ingnorança ela é bruta mas [ah é?] (!!!)

P: Ela não diz ignorância?

I: Diz não que a gente chega lá ela fica calada mas ela é bruta (!!!) só num pode é fazê raiva a ela senão ela faz ingnorança né [hã] pois é a siringa quando ela nunca foi cortada a gente chama siringa vige [sei] ela é lisiNa chama vige num sabe [hãrã] aí foi cortada cum ela tava solta cum cinco seis ano dez ano aí chama essa siringa bruta

P: Porque já criou um monte de mato né?

I: É aí ela tá ...ela tá toda saradiNa mas num é mais vige é *bruta* sabe [já] é já tá cortada né (J.B.S-PC 32)

ESTRADA DE CENTRO

Nesse inventário, *estrada de centro* é aquela que tem o começo bem distante de casa do seringueiro, isto é, somente no interior da mata são encontradas as seringueiras. Para trabalhar nessa estrada, o seringueiro sai bem cedo e só retorna para casa quando todo o trabalho de corte e coleta estiver encerrado, isto é, somente ao final da tarde, quando ele traz o látex para coagular. *Centro* designa aqui o centro, o coração da mata.

I: É porque vai cortá aí vem almoçá im casa e essa que a gente sai três hora quato hora da madrugada vai aí só chega de noite essa é de centro ...vai e só chega de u'a vez essas é a *istrada* longe a gente chama *de cento* aí aqui vai e vem almoçá im casa aí é a de porta istrada de porta (M.L.O .S.-ASBR 27)

P: E quando ela é muito longe?

I: Aí é de de de de *boca lá na mata* né é de cento que a gente chama [ah estrada de centro] de cento é a boca lá no mato (M.R.S.-XA 06)

I: Perto de casa a gente dá o nome de istrada de porta né [isso] e as que são longe a gente chama *istrada de centro* [hãrã] a gente tem que ir e dexá as cosa lá na boca dela né quando a gente entra pa fazê o serviço e as que é pertiNo a gente dexa im casa mermo que vai e volta im casa né a gente entra e sai de casa mesmo [certo] e a que é longe a gente chama istrada de cento né (()) (M.S.C.-PA 38)

ESTRADA DE PORTA

Como ficou dito em *estrada (q.v.)*, que vem do lat. *strata*, *estrada de porta* segue a mesma significação, pois é a estrada de seringa que tem a entrada bem próxima da casa do seringueiro, o que permite a ele ter tempo de almoçar em casa, descansar, para assim dar tempo suficiente para escorrer o látex e encher as tigelas. Isso porque no início o látex escorre rapidamente e depois passa de duas a três horas escorrendo de modo bem mais lento, o que implica longo tempo de espera da parte do seringueiro. Confira o depoimento dos informantes:

P: A de porta?

I: É a que a gente cumeça a cortá cumo ali naqueles abacate e finda naqueles abacate *pertim de casa* (A . A .- PA 43)

I: Essa aqui chama-se *de porta* porque ela saiu por aqui e andei por ali fui aqui fui ali fui aculá e cheguei im casa novamente peguei a cumida im casa e essa qui o neguinho tem que levar o rancho lá pa boca da istrada (P.S.S -XA 07)

I: É a gente dá chama assim *istrada de porta* né que ela vem a pará im casa né [ah (...)] vai lá né aí vem é a istrada de porta (M.R.S- XA 06)

I: É seno istrada de porta a gente leva só a cabrita a faca e a cabrita sabe agora vem im casa aí daí vem e pega o balde e o saco agora quando é istrada de cento não leva logo tudo que só vem du'a vez num sabe? (J.B.S - PC 32)

FACHO

Do lat. * *fasculu*, dim. de *fax* “archote” “candeio” . Nascentes, ao citar A . Coelho, diz que ele tirou do lat. *fax*, *fascis*, o que é foneticamente impossível. M. Lubke (REW 3137) vê cruzamento de *facula* e *fascis* (Nasc.). Partindo de *faculam* tem-se *facula* > *facla* > *facha*; por influência do gênero de *fax* teria passado a *facho*. Por extensão, “tudo o que emite luz”, “clarão”; “luzeiro”, “farol”, “lanterna”, etc. Em sentido figurado, “tudo quanto esclarece, guia, norteia a inteligência”. “Tudo que serve de elemento para suscitar ou alimentar uma paixão”. No Nordeste, com acepção arcaica, significa “mil-reis”. Em Minas Gerais e São Paulo, “designação comum a vegetais ressequidos, facilmente inflamáveis nas queimadas”(Aur.). “Matéria inflamável que se acende de noite para sinal, como para dar combate ao inimigo, etc.”. “Farol, luz que serve para indicar aos navios o caminho que devem seguir ao entrar no ponto ou os baixios e escolhos que devem evitar”. No Rio Grande do Sul, *sair ao facho*, “sair a passear”, “espairecer” (Aul.).

Nesta pesquisa, *facho* é a iluminação feita com *sernambi*, que consiste em enrolar em um pedaço de pau alguns pedaços de *sernambi* para depois por fogo; o seringueiro usa para iluminar a estrada; o *facho* às vezes substitui a *poronga*. Essa acepção está completamente de acordo ao étimo da palavra.

I: Eu cumecei uns dia inquanto che pa isperá chegá a poronga [é] fazia um *facho* de sernambi [hãrã] colocava aqui num pauziNo discascadoziNo um pauziNo manso que [hunrum] que num istrovasse a a corpo da gente fosse um pau brabo podia dá u'a febre u'a coisa [eu sei] aí sigurava aqui no dente e aqui tava riscano a luz riscano aí saía cum ele muito sacrifici (G.N.S.-PA 44)

P: Eu sei e dona Raimunda a senhora saía muito cedo pra trabalhar bem de madrugada assim?

I: É a istrada quando é de centi e cinquenta madêra eu saía quato hora da madrugada cum um *facho* tirava os pedaço de sernambi assim [hã] inrolava nu'a folha que nois chama soroca tirava um pau assim (***) aí partia ele assim ó [sei] aí mitia o facho assim aqui e tocava fogo [hãrã] aí daí pa cortá eu butava aqui no dente (***) aí queimava a cara toda [ah meu Deus cortava tudo] e::ra

P: E a senhora não usava aquele que põe na cabeça?

I: A poronga ? Não eu num sabia não eu tentei mas num consigui aí era cum o facho mermo aqui no dente aqui eu era prática num tiNa pririgo (!!!) (M.L.O .S -ASBR 27)



FORNALHA

Do lat. *fornacula*, “forno grande”. Nascentes cita Meyer Lubke (REW 3451), afirmando que este tirou do lat. *fornace* “forno”, com troca de sufixo (Nasc.). “Forja, forno de máquina a vapor”, “parte do forno, da máquina ou do fogão onde se queima o combustível”, “fornilho da cozinha”; “receptáculo nos fogões de cozinha onde se fazem os assados. Por extensão, “calor ardente, lugar muito quente” (Aul.).

No inventário desta pesquisa, *fornalha* é um instrumento utilizado para a defumação do látex; é feito com barro e tem uma forma semelhante a um cone com um orifício na parte alta central, por onde a fumaça é expelida, assemelhando-se a um pequeno vulcão; embaixo, do lado direito, apresenta uma abertura, com mais ou menos meio metro de fundura e de largura, que dá entrada a uma cavidade sob o cone, em que são colocados os cavacos para o fogo. A fumaça, expelida pelo orifício do topo, defuma e coagula o látex. Portanto, está de acordo com o étimo *fornacula*, embora sua finalidade específica seja a de produzir fumaça apenas, ainda que uma fumaça com características químicas próprias. Observe o depoimento dos informantes:

I: TiNa a difumacê::ra né tiNa a *fornalha* mais aí só pa difumá um sapato de siringa né fazê assim otos tipo de coisa né fazê difumá vridiNo pa mode fazê bola né pra gente brincá assim no campo né porque de primêro se sabe assim que as coisa ero mea atrasada né assim pus pai da gente comprá u'a bola era u'a dificuldade né aí a gente fazia boliNa difumava o vrido né assim vridiNo de remédio né a gente difumava o vrido aí quando tara bem curtidim no sol (M.R.S.-XA 06)

I: Porque dento se botava aqueles cavaco denda da tal fornaia que é um um bujão assim um negoço feito de barro assim cum a boquiNa mermo assim [sei] e a gente toca o fogo por baxo assim num sabe? Porque tem a fornaia aqui (**) agora pra li a gente faz um quadradozim assim de mei meto de fundura ...de chão a dento né aí abre oto bojozim assim que é pra sai por baxo daquelas fornaia lá im cima feita que fica cum a boquiNa assim

P: Sei aí dali é que sai a fumaça?

I: Im baxo ela fica larga assim num sabe aí a gente vai istreitano istreino aí fica só assim a boquiNa

P: E é feita de barro?

I: É feita de barro aí a fumaça sai aí [sei] aí a pessoa (...) daquilo né aí coloca o a bur-racha im cima num pau bem cumprido que chama cavadô nesse mei aqui (**) fazeno a comparação nesse mei aqui é que a fornalha né ...aí vai difumano e a bacia aqui do lado né o tacho pega cum a cuiNa assim vai lavando (M.T.C.- XA 09)



GAMELA

No lat. havia *camella*, “pequena corça” (Aul.). Nascentes cita J.J. Nunes, que explica a presença do /g/ inicial em lugar do /c/ em algumas línguas românicas já vem do lat. vulg. e se explica por fonética sintática: cast. *gamella*, it. *gamella*, fr. *gamelle*.

Nunes e M. Lubke (REW 1543) tiram *gamela* do termo italiano correspondente, diminutivo de *gama* (Aur.). “Vasilha de madeira ou de barro, com a forma de alguidar ou de escudela grande, usada para lavagens ou para dar comida aos animais domésticos”. “Indivíduo que faz às vezes de engenheiro sem ser diplomado” (Aur.). “Vasilha em forma de tigela muito grande, ordinariamente de madeira, em que se dá de comer aos porcos e outros animais, e serve também para banhos, lavagens e outros fins”. “Erva da ilha de S. Tomé, de fruto leitoso e medicinal”. “Vasilha em que comiam antigamente, em comum, soldados, marinheiros, escravos e gente semelhante”; *comer da mesma gamela*, “conviver”, “viver em intimidade”; “ter opiniões e interesses comuns; estar mancomunado”. No Açores, “o mesmo que prato” (Aul.). *Indivíduo dos gamelas*, extinta tribo indígena do MA (Aur.).

No inventário em estudo, *gamela* é um recipiente de madeira ou plástico, de forma retangular, com dimensões internas de 40 cm de comprimento, 30 cm de largura e 11 cm de altura, em que cabem aproximadamente 4,5 litros de látex da seringueira, em estado líquido, para coagular e fazer a borracha em prancha.

P: No::ssa e a senhora trabalhava com defumada não era

I: Era difumada nesse tempo era difumada [hunrum] não tiNa pa butá que agora tem as *gamela* né a gente chega cum o leite o pessoal já dexa aquele ingruiante bota deno leite dispeja ali dento no oto dia já qualhadim (F.R.M.-PC 36)

GAMELEIRA

Nos dicionários pesquisados, não foi encontrado o étimo da palavra *gameleira*, apenas que é palavra formada por *gamela* + *eira* (Aur.).

Nos pontos pesquisados, significa árvore da qual é retirado um tipo de látex que serve como coagulante, usado para misturar ao látex da seringueira para fazer a borracha em prancha (*q.v.*).

I: Nois faz nu'a caxa nois a gente faz 'a caxiNa de (()) [que foi isso?] a gente faz u'a caxiNa de madêra e bota pa qualhá [hãrã]bota leite de *gamilêra* dento [hum] aí ele

qualha a gente vai imprensa uns imprensa otos pega ela e joga lá no mei do terrêro mesmo daí pega e vende já aquilo [eu sei] uá burrachaziNa quase sem futuro mermo [a é?] é:: num boa a burracha não [fininha?] não tem deles que faz pele daquela quaiada até cum sessenta quilo (F.M.A .F.-BRA 17)

P: Essa gamilêra tem outro nome seu Paulo?

I: Porque ixisti dois dois tipo que u'a é chamada de *gamilêra* e ota é chamada de caxinguba ...mas são gêneros iguais

P: São árvores iguais?

I: São gêneros iguais ...ou o leites é igual e todos duas são fixo (P.S.S. -XA 07)

I: Traz pra casa antes o processo era difumá [Hārā] era difumado hoje o processo é qualhá coloca lá nu'a caxa coloca qualha da tela mesmo ou coloca o leite da *gamilêra* ou num coloca nada de qualqué manêra ela qualha certo (J.F.S. -PA 41)



JACÁ

De origem tupi *aicá*, *aiacá*, *aya'k*, “cesto feito de taquara ou cipó” (Aul.). E de forma variável, para conduzir carga, em geral de comestíveis (Aur.): carne, peixe, milho, queijo etc. (Melh.).

Nos pontos pesquisados, *jacá* é uma espécie de mochila de pano resistente, geralmente de saco de açúcar; é usada para carregar os utensílios necessários para o corte do látex. Colocado nas costas, tem aberturas laterais, pelas quais se enfiam os braços e duas abas na parte da frente, que são amarradas na altura do peito. O que distingue o *jacá* acreano é o material de que é confeccionado, pano resistente, enquanto nos outros pontos do país usam-se a taquara e o cipó. Tem o mesmo significado que *estopa* (q.v.), *marico* (q.v.), *lalau* (q.v.). Confira o depoimento do informante:

P: Só... [é] e quando você leva o balde né?

I: Ah sim aí aí retorna é foi bem ...fez bem a sua pergunta aí a gente chega do corte aí retorna novamente prá colhê leva o balde né aí costumamo a levá ... a istopa ou por ota o *jacá* :: sim né (!!!) é ... aí cadê meu *jacá* ? Lá vai e pega

P: O *jacá* é::?

I: É o mermo marico

P: O marico [é] você leva as coisas dentro dele?

I: Dentro é pega o balde aí pega o saco né [ham] de por o leite no balde a gente vai acolhe o leite [hurum] aí pega o ...o o leite que tá no balde dispeja dento do saco aí quondo o saco o balde...o saco e a correia pá amarrá o saco (O . B.-BRA 10)

JAMAXIM

Do tupi *yama'xi* (Nasc.), “espécie de cesto”. “Paneiro feito de timbó, e em que os seringueiros transportam mercadorias”. Variantes: *jamaxi*, *jamachi* (Aul.).

Entre os seringueiros acreanos, é um cesto de cipó, com altura aproximada de meio metro; bastante resistente, serve para transportar ouriços de castanha e também o saco cheio de látex. Portanto, está de acordo com a acepção dicionarizada. Não deixa, entretanto, de ser um regionalismo:

I: Ou levava denu panêro [hã] né[sei] ou denu'a istopa do tido panêro que viNa do Pará [sei] po Acre [hurum] que toda a nossa alimentação viNa do Pará [eu sei] pra cá e aí era a estopa que levava nas costas [é pōNava a istopa nas costa] ou então a o panêro feito do cipó da mata que a gente faz [hum] dá-se o nome panêro e e faz-se o *jamaxim* e faz se a vassôra de varé casa [certo] é [e aí] tudo dum cipó chamado timbó (B.F.S -PC 34).



JIRAU

De origem tupi *yi'rab*, “armação feita de varas e troncos, para servir de espera, na caça de ceva, ou para dormida no mato”. “Cama de varas”. “Estrado sobre forquilhas, dentro da casa, que serve para guardar objetos vários”. “Estrado que serve de assento aos passageiros de uma jangada”. “Armação de madeira, sobre o qual se edificam as casas, para evitar a água e a umidade” (Melh.). “Espécie de estrado onde se assentam os passageiros na jangada”. “Palanque ou estrado rudimentares, sobre forquilhas cravadas no chão, para fins diversos” (Aul.). Em arquitetura, no interior de um compartimento, “piso a meia altura que cobre, apenas parcialmente, a sua área”. “Sobreloja” (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *jirau* tem a acepção de armação de madeira, que serve como uma espécie de andaime, para auxiliar o seringueiro no corte do látex, uma vez que, esgotando-se o látex na parte baixa da seringueira, é necessário ir subindo os cortes até não alcançar mais o tronco com os pés no chão. *Jirau* também pode ser uma armação de madeira, construída junto a uma das janelas da cozinha para lavar os utensílios domésticos. Acepção, portanto, de acordo com a dicionarizada, embora com finalidade específica no corte da seringueira, pois alhures se usaria *escada*. Confira o depoimento dos informantes:

I: Levava u'as forquia aí [(bota assim arrudiano)] aí colocano as forquia aqui(**) e as travessa aí fazia aquele *jirau* (...). (G. N. S.- PA 44)

JUMENTO

Do latim *iumentu*, “animal mamífero da ordem dos perissodáctilos, gênero *Equus*, espécie *Equus asinus* L., facilmente domesticável, muito difundido no mundo, e utilizado desde tempos imemoriais como animal de tração e carga”. “É ungulado e tem pelo duro, de coloração extremamente variada, indo do castanho-fulvo ao cinza-escuro”. “Indivíduo muito bruto, muito grosseiro; cavalo”. “Indivíduo de grande potência sexual” (Aur.).

Nesta pesquisa, *jumento* é sinônimo de *pontão* (*q.v.*), *pé-de-burro* (*q.v.*) e *trepeça*. Designa o animal de tração, muito resistente; não se distingue bem do burro e do asno, sendo de extrema utilidade nos trabalhos do seringueiro.

I: O *jumento* que a gente fala é aquele pau que é pra subi pra fazê os corte lá im cima (J.F.M - PC 28)

I: Aquele pau chama do nome que quisé compreende chama de pontão...de trepeça ...*jumento*

LALAU

Nos dicionários pesquisados não foi encontrada a origem de *lalau*. No uso brasileiro é uma gíria, o mesmo que “malandro” (Aul.).

No inventário em estudo, *lalau* é uma espécie de mochila de pano resistente, geralmente feita de saco de açúcar. É usada para carregar os utensílios necessários para o corte do látex. Transportada nas costas, tem aberturas laterais, pelas quais se enfiam os braços e duas abas na parte da frente, que são amarradas na altura do peito. Tem o mesmo significado que *estopa* (*q.v.*), *marico* (*q.v.*), *sarapia* (*q.v.*). Confira o depoimento do informante:

P: Ah é o marico

I: Marico uns dão o nome de *lalau* otos dão o nome de marico otos dão o nome de e tem a istopa [sei] eu gostava muito da istopa [hunrum era melhor de carregar] é aí a istopa tem a istopa a sarapia (!!!) (J.F.S. -ASBR 26)



LAMPARINA

Do cast. *lamparilla*, diminutivo de *lámpara*. Nascentes, citando Cortesão, afirma que para ele *lamparina* está por **lampadina*, de lâmpada; o *d* teria passado a *r* por influência progressiva do *l*: fez-se ancípite para se aproximar do *l*, sem que estivesse em contato com ele; para Silva Ramos, também

é ação progressiva do *l* sobre o *d* de lâmpada. Se não bastasse a estranheza da transformação fonética para afastar esta hipótese, aí estaria o sufixo diminutivo, que não é absolutamente português. Lâmpada vem do grego *lampás*, *lampádos*, “facho”, “tocha”, pelo lat. *lampada*, forma de primeira declinação por *lampas*, *lampadis*, da terceira (Nasc.). *Lamparina* é “aparelho composto, principalmente, de um reservatório, que contém azeite ou outro líquido apropriado, e munido de pavio que se acende para alumiar”. “Pequeno disco de pau ou de cortiça, que tem ao meio uma torcida ou pavio que se põe a boiar sobre o azeite contido no vaso da lâmpada ou da lamparina”. “Luminária que serve para iluminar dormitórios ou, para arder permanentemente numa igreja”. Em sentido popular, “bofetada, em geral na orelha” (Aul.).

Nos pontos pesquisados, *lamparina* é um instrumento feito de alumínio, com forma afunilada, que serve como reservatório para o combustível, dispondo ainda, em um dos lados, de um pequeno suporte para segurá-la e uma espécie de tampa com um pavio para acender a chama; é usada para iluminar a casa do seringueiro. Pode também ser feito de lata de leite, na qual se perfura apenas um buraco na tampa, coloca-se uma tira de qualquer tecido para formar o pavio, mergulhado no querosene. *Var.limparina*. Observe-se que *lamparina* mantém a mesma acepção que o étimo da palavra. Confira o depoimento dos informantes:

P: Eu sei e assim um quando vocês saem de madrugada você falou que precisava da iluminação [é] né e assim dentro de casa o que que precisa pra iluminar?

I: É u'a *limparina* né cum o cumustol dento porque é o que a gente usa né é o querosene né pelo cuNecimento do diretamente é querosene a gente pega e faz u'a *limparina* de qualqué lata assim pelo meno de leite né ou de nescau essas coisa assim tudo dá de manteiga né tudo dá pra fazê *limparina* assim casêra como a gente chama né [sei] porque tem a *limparina* né que a gente já compa feitaziNa de fábrica né [hãrã] a gente compra ela mais só que aqui pelo meno na miNa casa é iluminado cum *limparina* que eu faço cum miNas propi mão sabe [hum] eu ajeito ela e organizo meto um pavio de pano né ou mermo de algodão (...) [sei] aí eu pego (()) boto comustol dento aí já tá né [(bom dia)] (M.R.S. -XA 06)

P: Eu sei aí o senhor já conhece só o outro né [é] não conhece [é esse negócio de] esporão de galo né [é] o senhor falou o seu João que pra iluminar a estrada o senhor colocava a poronga[é] e dentro de casa pra clarear?

I: Nois chama *lamparina*

P: *Lamparina* né

I: É

P: A *lamparina* é que coloca

I: É a filha da poronga então (!!!) que a poronga é a grande é a mãe né e a *lamparina* é a filha (!!!)

P: Ah é a filha (!!!) aí essa é a pequenininha ?

I: É

P: Mas clarea de mesmo jeito?

I: Clarea (J.B.S. - PC 32)

LAMPIÃO

Para o Dic. Melhoramentos, o étimo é o it. *lampione*, pelo fr. *lampion*, “grande lanterna portátil”. Nascentes, citando o REW (4870), concorda que o étimo é italiano. Já Cortesão acredita que a origem seja o lat. *lampadione* e deriva do esp. *lampión*. Segundo Nascentes, A. Coelho deriva *lampião* de *lâmpada* (Nasc.). As acepções que os dicionários apresentam são: “espécie de lanterna grande que se leva na mão, ou se suspende por qualquer meio ao teto, esquina ou parede para alumiar”. Como gíria, “lampião de esquina”, “vadio”, “estafermo” (Aul.). Por extensão, “iluminação das ruas” (Aur.). Vejam-se abaixo as expressões regionais.

P: Ah tá certo e tem um outro também um outro tipo de instrumento que serve pra clarear né que ele é feito com cano de taboca?

I: É é feito cum cano de taboca e ólho disel

P: Isso como é que chama ?

I: Chama *lampião*

P: Ah tem o lampião

I: É né lampião que chama aquilo como é que é? [(chama também lampião)]

P: Chama também lampião

I: Facho (J.B.S - PC 32)

LAMPIÃO DE TABOCA

No inventário dessa pesquisa, *lampião de taboca* designa um instrumento feito com pedaço de bambu verde para iluminar. Na parte oca do gomo é colocado um pedaço de tecido, mais comprido que largo para formar o pavio; para acendê-lo é necessário colocar querosene ou outro líquido inflamável, como óleo diesel, citado no testemunho acima; alguns seringueiros colocam pedaços de lata para que o pavio fique seguro e não derrame o querosene, também para que a chama não queime o bambu ; em geral, é utilizado para iluminar a casa do seringueiro ou os varadouros. A acepção que mais se aproxima da acepção corrente,

no Acre, é “lanterna de mão”; no entanto é mais aceitável o radical grego *lampás* “facho”, “tocha” que pelo latim deu *lâmpada*.

I: Ah não ah sim levo um *lampião* pego um cano de taboca sabe o que é taboca?

P: Uma árvore né

I: Pois é aí bota um pavio premêro enche de queroseno bota um pavio e acendo e atijo

P: Aí o senhor não leva mais a poronga não?

I: Não é a merma poronga [(num leva porque num tem)] é porque num tem (!!!)

P: Ah é?

I: Mas teNo a gente pegava a poronga bota na cabeça aí levo é mas o lampião é a merma coisa o lampião é um fogo num sabe [hunrum] num cano de taboca bota até num lito também quereno (M.S.S. -XA 04)

P: Ah tá e assim tem um outro seu Barcelar que faz com cano de taboca joga o queronese dentro do cano de taboca e coloca um pavio o senhor como é que chama esse?

I: Isso na a pra nois nois intende vária language né

P: Ah é?

I: Uns chamava o tempo de *lampião de taboca* [ah é?] né era assim feito oto disse não eu teNo meu cano que alumeia então existia isso mermo (B.F.S. -PC 34)

MANGA

A palavra é polissêmica, portanto, os romanistas apresentam origens diferentes para *manga*. A fruta, segundo Antenor Nascentes, é do malaio *manga*, do tamul *mankay*, que é propriamente o nome do fruto verde. O malaio *manga* é de origem indiana, introduzida pelos portugueses. Do latim *manica* estão as demais acepções; essa está presente nas demais línguas românicas: cast. *manga*, it. *manica*, fr. *manche*. (Nasc.). São várias as acepções para *manga*: “parte do vestuário que cobre o braço desde o ombro até a mão ou até ao antebraço”. “Chaminé de candeeiro”. “Mangueira de bomba”. “Filtro afunilado, para filtrar líquidos”. “Cada uma das redes manga”. “Pastagem cercada, para cavalos e bois”. “Ramal da estrada de seringueiras”. “Cercas divergentes a partir da porta do curral, para nele facilitar a entrada do gado”. “Parede de cerca que desce à beira até às asas dos currais de peixe, perpendicularmente ao rio”. No Rio Grande do Sul, “linha formada por pessoas a pé ou a cavalo para obrigar a passagem de animais por determinado lugar, ou fazê-los entrar para a mangueira (Melh.). “Qualquer peça de forma tubular que reveste ou protege outra peça”. “Parte do eixo dum veículo que se encontra dentro da caixa de graxa e recebe todo peso do carro” (Aur).

“Prolongamento de uma herdade entre outras”. (Ribatejo) “Caminho cerrado por valados ou sebes que conduz ao pátio da herdade”. Com sentido militar, “os lados imediatos à guarnição” (Aul.). “Chocalho grande; choça”. “Estar em mangas de camisa”. “Manga de Hipócrates, espécie de saco para filtrar”. “Manga da rainha, paio chato e grande, recheado de língua ou lombo de porco”. “Cães de manga, cães fraldiqueiros, muito pequenos”. *Profetas de mangas*, “os que profetizam à vontade de quem consulta”. *Dar mangas*, “fornecer meio ou ocasião para fazer alguma coisa”. *Ter alguém de manga*, “dispor de alguém, tê-lo às suas ordens”. *Fazer de si mangas ao demo*, “recorrer a tudo para conseguir alguma coisa”. *Ser de manga larga*, “diz-se dos confessores prontos a absorver”. *Não ter panos para as mangas*, “não ter por onde se alargar, não lhe chegarem para o que quer os recursos que tem” (Aul.).

No inventário em estudo, manga é um pequeno desvio da estrada de seringa, local em que são encontradas algumas seringueiras, em geral é sem saída, sendo necessário voltar para o caminho em que se estava fazendo o trabalho do corte da seringa. Acredita-se, com isso, que haja semelhança com o significado de parte do vestuário onde se enfia o braço.

I: É chamado *manga* né [manga né] é a *manga* quer dizer que ela dá esse circula aqui (**)certo [certo] aqui ela tem pra cá mas aqui ela não tem cumo virá fazê u'a virá pra cá [(ela vai e num tem pa onde ir é u'a manga)] é u'a *manga* que ela vai e volta por cima do mermo rasto [certo] [(beco sem saída)] é beco sem saída

P: Ah então a manga é um beco sem saída

I: É [(a manga)] vai e tem que voltá pelo mermo trecho

P: Eu sei e tem outros caminhos assim além da manga que faz pra cortar a estrada? (J.F.S. -PA 41)

P: Manga?

I: É:: como eu tava dizeno meia istrada tem duas três madêra de manga a gente vai lá vai lá e volta é *manga* [hunrum] é (A . J.L.F. -BRA 14)

I: É istrada de cento ou de porta (()) manga é u'a siringuêra que fica ...fora da reta da estrada aí a gente dá o nome de *manga* (P.S.S -XA 07)

P: Aí o senhor vai por um caminho e tem que voltar por esse mesmo caminho?

I: É é a siringa de *manga* que vai e volta pelo mermo cantim aí essa que vem aqui e fica a madêra que fica bem aqui (**) a istrada segue aqui (**) que aqui (**) aí ela fica de canto ela num é reta [hum] que aí a gente vai pegano reto reto quano chega im certas altura a siringa pausa pu oto lado aí a gente tem que fazê um um canto que é prá ela voltá as vez ela volta bêrano...a ota perna do mermo jeito agora só que fica que a gente não vem pelo mermo canto sabe? (F.G. O .-BRA 16)

I: Sim mais é u'a *manga* mermo é u'a madêra

P: Ah só é uma madeira que tem na estrada de manga? (F.C.S.A- XA 01)

P: É tem essas também é porque

I: É estrada de cento ou de porta (()) manga é u'a siringuêra que fica ...fora da reta da estrada aí a gente dá o nome de manga (P.S.S. -XA 07)

MARICO

Nos dicionários consultados, a única etimologia encontrada para a palavra *marico* foi que vem do lat. *marici*, “o que diz respeito aos maricos”, povo antigo da Ligúria (Aul.). No entanto, não há qualquer relação com o significado presente nessa pesquisa, pois *marico* é uma espécie de mochila de pano resistente, geralmente de saco de açúcar e usada para carregar os utensílios necessários para o corte do látex. É transportada nas costas, tem aberturas laterais, pelas quais se enfiam os braços e duas abas na parte da frente, que são amarradas na altura do peito. Tem o mesmo significado que *estopa* (q.v.), *lalau* (q.v.), *sarapia* (q.v.). Confira o depoimento do informante:

I: O *marico* é tipo aquele de saco branco assim né de açúcar né[hum] de primêro viNa né aquele açuca né a gente corta aí prega u'as tira bota assim nas costa amarra assim aí chama marico otos chamo jacá otos chamo istopa já é diferente é tipo um pano grande assim né aí bota só as imenda aí amarra assim só aqui assim só que as pessoa tem sabê carregá porque se não o saco cai né por baxo assim

P: A então o jacá o marico [é]é de levar as coisas

I: É pa levar as coisa pa levá assim por inxempo um rancho né que a gente leva né pa cumê na mata aí balde tudo vai dendo do do jacá uns chamo jacá otos chamo marico istopa né tudo é os material da seringa (M. P.S -BRA 15)

P: O jacá é::?

I: É o mermo *marico*

P: O marico [é] você leva as coisas dentro dele?

I: Dentro é pega o balde aí pega o saco né [ham] de por o leite no balde a gente vai aucolhe o leite [hurum] aí pega o ...o o leite que tá no balde dispeja dento do saco aí (O . B. -BRA 10)

MARRETEIRO

Palavra formada de *marreta*, que, segundo Nascentes, é diminutivo de *marra*, que, segundo A. Coelho, é derivado de *marrão*, “porco”, do árabe *mohar-rama*, “coisa proibida”. Aulete diz que *marreteiro* significa “operário que trabalha com broca e marreta para abrir câmaras de minas nas pedreiras”. Em São

Paulo, “operário que trabalha com marreteiro”, “pessoa que, nas feiras, comercia geralmente com quinquilharias, sem que, para isso, esteja devidamente licenciada” (Melh.). No Nordeste, com acepção popular, “trapaceiro”, “vigarista”; “ladrão” (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *marreteiro* é o comprador clandestino, que geralmente paga pela borracha um preço maior que o pago pelo patrão.

I: E pra vender a as veiz a gente vende pro pa *marretero* la as veiz a gente traz pa vendê na cidade a gente...a gente traz pa bêra da istrada traz im costa de animal [a traz] im boi im cavalo ou num burro que seje [certo] (...) a gente traz nos carro das liNa agente vende aqui na cidade (A . J. L. F- BRA 14)

MATEIRO

Em sentido primeiro significa “guarda de matas”. “Lenhador, o que trabalha como os mateiros”. “Explorador das matas, que as conhece bem e anda nelas sem bússola”. “Espécie de cervídeo (*Cervus rufus*), maior que o chamado catingueiro, cuja pele é muito empregada na vestimenta própria dos sertanejos e vaqueiros”. No sentido amazônico, é “o homem que abre estradas de seringa na mata”. “Aquele que fiscaliza este serviço”. “Aquele que tira o estrume dos currais e sentinas, e o carrega em cestos para os carros, o mesmo que *mateira*”. No Sul, tem significado de “cultivador e negociante de mate” (Aul.).

Nesta pesquisa, *mateiro* é um trabalhador do seringal, cujo ofício principal é abrir estradas de seringa; era profundo conhecedor da mata e de todas as espécies de héveas; seu trabalho era feito juntamente com o *toqueiro* (*q.v.*); eles abriam as estradas até perfazer o número ideal de árvores para cada uma delas, que se alternavam entre 150 a 200 madeiras boas de leite. Cabia ainda ao *mateiro* conduzir os seringueiros ainda *brabos* (*q.v.*), para as *colocações* e suas respectivas estradas em que iriam trabalhar. Mas de todas as tarefas atribuídas ao *mateiro* a mais importante era a de fiscal, pois consistia em ver como os seringueiros trabalhavam, se estragavam as árvores fazendo cortes profundos demais, para adquirir maior quantidade de látex além do considerado normal.

I: Aí pra pessoa tira ela de novo aí tem que a pessoa que intende bem andá no mato aí tem que porque no lugá de muita restinga não né tudo bem a gente de longe vê né as arvres ou o quê e quando é num tabocal u’a siringa muito serrada ...u’a istrada muito serrada aí a pessoa pega um vai quem já cuNece a siringa né ou a istrada direitim vai lá pa arvre aí bate cum um teçado pa pa pa aí o que ficô cá né no cumeço responde né aí vai incrontano vai impicano aí depois que a gente impica ela todiNa aí a gente vai distocano né roçano bem roçadim

P: Tem um nome pra esse que vem e bate na árvore

I: O que bate na arvre é o *matêro* e o que fica cá que responde é o toquêro [ah é] é o toquêro

P: Tem essa diferença

I: É tem diferença

P: Aí o mateiro ele corta o mato é isso?

I: Corta também o mato ele vem de lá pra cá a inconto do toquêro do que fica cá no toco que responde pra ele num sabe?

P: E o toqueiro não corta o mato? (M.R.S -XA 06)

I: Era duas pessoa o *matêro* ia marcando o rumo né das siringuêra quano ele chegava cumo bem aqui tiNa u'a ele dexava o compãêro dele aqui né cumo bem aqui (**) tem u'a siringuêra ele chegava aqui (**)aí o oto chama-se toquêro (M.T.C -XA 09)

MORRÃO

Nascentes, citando Figueiredo, afirma que este acredita que talvez seja da mesma origem que *morraça*, do lat. *moru*. Já para A .G. Cunha, é de origem obscura e significa “pedaço de corda desfiado na extremidade e preparado com breu ou outra matéria inflamável, com que se dava fogo às peças”. “Espécie de pulgão que ataca as árvores”. “O grão que apodrece na espiga antes de chegar ao estado de perfeita maturação e que se converte em pó negro”. Em Lisboa, tem sentido de “morraça”; “pedra miúda, usada no calçamento de ruas”. No Douro, “costa de videira”. Em São Paulo, com acepção popular é “cachaça”, “aguardente” (Aul.).

No inventário em estudo, *morrão* designa um instrumento feito com pedaço de bambu verde que serve para iluminar; na parte oca do gomo é colocado um pedaço de tecido, mais comprido que largo, para formar o pavio; para acendê-lo é necessário colocar querosene ou outro líquido inflamável. Alguns seringueiros colocam pequenas chapas de lata para que o pavio fique seguro e não se derrame o querosene, como também para que a chama não queime o bambu. Em geral, é utilizado para iluminar a casa do seringueiro ou os varadouros. Tem como sinônimos: *chupil*, *champil* (q.v.), *lampião* (q.v.) e *lampião de taboca* (q.v.). Veja o depoimento do informante:

P: E esse tipo de iluminação aqui ? [morrão] Morrão? Chama de morrão?

I: É

P: E você sabe porque que chama de morrão?

I: Sei não (!!!)

P: Tá certo

I: Tem o *morrão* de garrafa também né

P: É?

I: É (S.F.A. -XA 03)

NOTEIRO

Nos dicionários pesquisados, não foi encontrada a palavra *noteiro*. Na região em estudo, *noteiro* é o empregado do seringal, encarregado de anotar e fazer os pedidos de mercadorias solicitadas pelos seringueiros ao patrão. Sem dúvida, *noteiro* é derivado de *nota*, do lat. *nota*, “mancha”, “sinal que se faça conhecer”, ou então de *notário* do lat. *notariu>notairo>noteiro*, “o que escreve por abreviaturas, escrevão, escrevente ou escriba”. Confira o depoimento do informante:

I: A burracha a gente lá no seringal a gente usa tem o o comboêro sempe a gente trabalha im grupo né antes era o patrão o patrão tiNa o combói aí o comboiêro viNa pegava a bu trazia a mercadoria né [hunrum] e o *notêro* fazia nota né cada seringuêro fazia sua notiNa do que que queria que viesse no oto mês então fazia a nota o notêro levava lá o patrão despachava viNa o comboiêro entregava a mercadoria e levava o produto no fim do ano o seringuêro saía pu lá pu barracão [isso] aí pesava a burracha e tirá a conta né que era (J.M.A - ASBR 25)

OITO

Do lat. *octo*, cardinal dos conjuntos equivalentes a um conjunto de oito membros, algarismo representativo do número oito (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *oito* é o caminho que o seringueiro faz dentro da mata para cortar e colher o látex da seringueira. É semelhante, quanto à forma, ao numeral cardinal *oito*; também pode ser uma volta que o seringueiro dá dentro de uma outra maior.

I: Tem *oito* né as vez (...) lá no rodo dela as vez o cara faz um *oito* né cumeça por um canto fecha pur oto sai no mermo canto né aí chama-se *oito* que dali a gente pega a ota perna né u’a hipote aqui vem essa *perna* aqui da istrada [hãrã] aí aqui tem aqui tem um oito ó [certo] aí chega aqui (**) tem ota perna e vem pra cá né (**) [hãrã] aí você vem de cá um poquim quano chega aqui na boca da istrada você vai e corta o oito aqui dexa o sacco aqui na boca ...cum leite[certo] aí entra pra cá né só cum o balde [hunrum] aí quano chega aqui cum o leite dispeja aqui dento do sacco né aí pega ota *perna* que vem po fecho dela (F.P.S - PC 35)



OURIÇO

Do lat. *ericius* ou *hericiu*, “ouriço” (REW 2897). Em zoologia, “é nome comum aos mamíferos insetívoros da família dos erinacídeos” (Aul.). *Ouriço do mar*: equinóide marinho (*echinus esculentus*), também chamado *pinaúma* e *pindá* (Melh.). Dispondo esse mamífero de um pelame com muitos espinhos pontiagudos, seu nome passou a designar também outros objetos que tenham essa aparência externa. Daí “invólucro ou casca espinhosa e externa de alguns frutos, tais como a castanha”. Como gíria, “é animação intensa; agitação, excitação”. “Suporte de plantas, em arranjos florais, feito de material pesado, com portas em intervalos regulares na superfície superior, e cuja forma lembra a de um ouriço” (Aur.).

Nascentes, citando Brachet, afirma que para ele *ouriço* é do lat. *hericiu*; no cast. *erizo*, it. *riccio*, fr. *hérisson* (forma diminutiva). Leite de Vasconcelos tira de uma forma *eiriço*; G. Viana supõe uma forma *eriço*, em que o ouro tivesse influído, resultando *ouriço*.

Nos pontos pesquisados, a acepção de ouriço está dicionarizada como “o invólucro ou casca da castanha; parte externa, mais dura e consistente que protege as castanhas. Fruto da castanheira. Var. *urisco*.”

I: Sim a gente sabe quando ela tá caino tem um monte no chão né e a gente olha pra cima da arvre tamem num tem né *urisco* assim (F.C.S.A -XA 01)

I: Nois chama uriço de castãia [é?] é uriço a castãiera tá carregada de *uriço* [hã] né aquela castãiera tem muito uriço debaxo vô lá apaNíá [eu sei] agora a vida é pirigosa porque se cair um coco na cabeça da gente já foi só vii um aqui iscapá [eu sei] tem até o nome de João Cruz mora ali ...mas passô três dia na mata tonto (B.F.S -PC 34)

P: Quando a castanha ela solta um coisa bem grande né [solta] cheio de castanha dentro

I: Solta o uriço (M.S.B.S - PA 39)



PAIOL

Antenor Nascentes, citando G. Viana, diz que *paiol* é do lat. *paniolu*, calcado em *panis*, “pão”. Para isso, admite-se que o vocábulo primeiro se tivesse aplicado ao repartimento em que se arrecadasse a bordo o pão (a bolacha) e supor que a forma portuguesa antiga tivesse sido *pãiol*. Nascentes afirma que Leoni também o filiou a pão. A Academia

Espanhola relaciona *panol* com *panol*, do lat. *penariu*, de *penus*, “víveres”. O it. tem *pagliolo*, que Petrocchi filia a *paglia*, “palha”, e significa o fundo da barca. (Nasc.). Para Aurélio, *paiol* é de formação dialetal do cat. em lugar de *pallol*, “depósito de pólvora e de outros apetrechos de guerra”. Na construção naval, é “qualquer compartimento destinado a guardar ou a armazenar materiais ou gêneros de qualquer espécie: paiol de amarra”, “paiol de sobressalentes”; “paiol de mantimentos”; “paiol de munição”. “Armazém para depósito de gêneros da lavoura”. Em Minas Gerais e São Paulo, “depósito ou tullha de milho ou de outros cereais”. Na Bahia, “monte de cascalho” (Aur.). “Qualquer dos grandes compartimentos que nos navios serve para arrecadação de mercadorias, bagagem etc.”. “Casa onde se guarda pólvora”. “Abertura ordinariamente subterrânea coberta de pranchões, faxinas de terra, destinada a conter a pólvora para serviço das baterias”. Como gíria, “estômago; barriga”. *Paiol dos mantimentos*, “o compartimento onde no navio se guardam os comestíveis para alimentação da tripulação e dos passageiros” (Aul.).

Nesta pesquisa, *paiol* é uma pequena casa, suspensa um pouco do solo por barrotes; assoalho é de paxiúba e a cobertura é feita com palhas de ouricuri. O seringueiro utiliza o *paiol* como depósito da produção de cereais: arroz, feijão, milho etc. Esta acepção está dicionarizada. É, portanto, coerente relacionar esse sentido ao étimo, pois se esse tem origem calcada em *panis*, e a produção colhida do roçado servirá de alimento aos seringueiros, podemos relacioná-la como uma metonímia. Observe o depoimento dos informantes:

I: Quando tava no no monte lá ele tirava o dia só pa ir quebrá [hãrã] quebrano aqui e dispejano quano o panêro tava chei ia dispejá lá no *paiol* (G.N.S -PA 44)



PANEIRO

Paneiro tem origem no lat. *panarium* (Aul.), “cesto de pão”, derivado de *panis*, “pão” (Marg.), através do cast. *panero*, “cesto”(REW 6187). O sentido primeiro é “cesto de vime com asas”. Encontra-se também em algumas línguas românicas: fr. *panier*, it. *paniere*, cat. *paner*. Na construção naval, “espaço situado na parte de ré de uma embarcação miúda, guarnecido de bancadas em volta, para assento dos passageiros”. “Espécie de carruagem de verga”. “Folha-de-flandres, na qual os pedreiros deitam a argamassa que estão

utilizando”. Na Amazônia, “cesto de tala de palmeira e trançado largo, geralmente forrado de folhas” (Aur.).

No levantamento em estudo, *paneiro* é um cesto tecido de cipó, geralmente com cipó ambé ou timbó; tem uma armação que é feita com galhos finos, com mais ou menos meio metro de altura; é bastante resistente e serve para transportar ouriços de castanha e até o saco de látex. Os seringueiros transportam-no às costas, amarrado à cabeça ou em animais de carga. Esta acepção está dicionarizada. É sinônimo de *jamaxim* (q.v.). Veja o depoimento dos informantes:

P: Eu sei [é sim siNora] e pra juntar a castanha assim no tempo que o senhor trabalhou?

I: Aí fazia um *panêro* tecido de cipó *panêro* dessa grussura (**) [ah] aí a gente fazia o pé de bode pa invitá do dum inseto da cobra [hãrã] um pau lachado assim (**) im cruz aí fazia disbastava pur dento as ponta aquilo fica cum a boca aberta aqui aqui cá im cima era mitido uns pauzim e abrochava cum ilasto assim de burracha [sei] e no que batia ele abria [hãrã] que tiNa elasto aqui [hãrã] um amarradio era de elasto no que batia lá no uriço [hãrã] ele abria aí no que a gente puxava ele murdia no que ele abria por ele entrava que cum a fôça ele entrava mermo [hãrã] fastá aí sigurava aí daqui tá

P: Colocava dentro do paneiro [pa deno panêro] (!!!)(G.N.S.-PA 44)

I: Quando o balde tá chei a gente coloca uns três pauzim assim (**) aí coloca o saco quando acabá dispeja o leite quando acabá amarra cum a liga de sernambi que a gente faz de cano de taboca e enche e bota pa secá acabá amarra bota coloca na istopa coloca aqui na costa ou no *panêro* e se manda

P: Ah tem o paneiro também pra cortar?

I: Tem o panêro o panêro pa carregá o leite né nas costa da gente o panêro

P: E o panêro é de quê?

I: De cipó

P: Ah de cipó [ambé] e a istopa?

I: A istopa qualqué pano a gente faz u’a istopa um pano de rede um pano de saco qualqué um pano ou intão faz u’a istopa coloca nas costa e se manda vai imhora pois é

P: E como que chama esse outro de cipó?

I: Ambé

P: Ambé cipó ambé

I: Timbó

P: Também timbó?

I: Timbó tem a gente faz de timbó o pessoal trabalha cum ambé mas dá munto sacrificio mas o timbó é que é o certo pa fazê esse panêro [ah certo] eu cansei de carregá culhê carregá eu carregava doze lata de leite nas miNa costa (M.A. -PA 45)

PANO

Do lat. *pannu*; esta forma aparece em algumas línguas românicas: esp. *pano*, it. *panno*, fr. *pan* (Nasc.). *Pano* pode ser “qualquer tecido de linho, de algodão, de lã etc”. “Cada uma das porções da teia ou peça de fazenda que, ajustadas ou cosidas umas às outras no sentido da largura, formam uma peça de vestuário”. “Cada uma das peças ou tiras de pano, de papel ou de outra substância que, pregada lateralmente, formam um todo”. “As velas de um navio”. “Nódoas amarelo-escuras que aparecem no rosto e corpo de algumas mulheres grávidas ou pessoas com certo estado patológico”. Em medicina, significa “mancha da córnea; afecção da camada conjuntival por formação de tecido vascularizado”. Em tecnologia, “superfície, lado, lanço de uma obra que tem mais de uma face: pano de um muro”. “Hipotético espaço compreendido entre a aresta inferior e a exterior de uma ferradura”. “Pano da chaminé, a parte interior da parede da chaminé em frente e acima do lar”. “Pano cru”, “pano preto”, “pano para camisa”, “pano de boca”, “pano telão”, “pano de fundo”, “pano patente”. Na região Norte do país, significa “pano de facão, ou de sabre, espadeirada, pancada com sabre”(Aul.). Há várias expressões com a palavra *pano*: “pano-couro”, “pano de fundo”, “pano meirinho”, “pano mesclado”, “pano patente”, “pano roto”, “panos quentes”, “pano tanguero”, “pano verde”, “não ser pano de amostra”, “ter pano para as mangas” (Melh.).

Pano, nesta pesquisa, significa a parte do caule da seringueira que o seringueiro reserva para fazer as bandeiras, quando estiver esgotado o trecho que ele está trabalhando; mede, em geral, cerca de dois palmos de altura por dois de largura, como início de uma nova *bandeira*. Confira o testemunho dos informantes:

P: Sei e como que é a bandeira? Explica assim pra mim como que é como que faz a bandeira primeiro tá lá a árvore limpinha aí você quer fazer uma bandeira nela

I: (...) são assim dois palmo e

P: Mas você mede de baixo ? Do chão? [não] como é que faz?

I: Assim mede assim a altura da pessoa né [a] que dê a gente cortá assim (...) aí a gente mede aí se dá dois palmo uns quato palmo aí tira dois pa cortá ...e dexa dois vagano

P: Mas de um lado e outro da árvore ?

I: Não corta dum lado e do outro dexa vagano pa ela sentá aquele *pano* aí tem...

P: *Pano*?

I: Sim ::

P: Como que é o *pano*?

I: O *pano* é assim que vai cortano assim e vai fechano né [hã] aí quano fecha a gente muda pro oto lado ...

P: Certo (!!!) eu não sei muito bem como que é um *pano* nem como que é uma bandeira mas eu acho que eu vou ...saber depois...aí você corta essa bandeira e quais os outros cortes você faz?

I: Os oto corte ? (F.C.S.A -XA 01)

P: Que que é o pano? Sabe o que que é pano?

I: *Pano* ...sobe pega ota arriação chama-se arriação aqui perto (...)

P: Certo ...então esse espaço da arriação é o *pano*?

I: É o *pano* ...desce um *pano* cum cum cum palmo e meio ...e adepois vai buscá oto im cima o mermo palmo e meio compreende os (...) (P.M.R -XA 08)

PARAFUSO

De *para+fuso*. Antenor Nascentes diz que A. Coelho derivou de *para* (preposição) e *fuso* e que o cast. tem *parauso*, tirado pela Academia Espanhola do alemão *bohreisen*, “trado”, “verruma”, de *bohren*, “furar” e *Eisen* “ferro” (Nasc.). “Instrumento formado de um cilindro sulcado em espiral, destinado a entrar em uma peça chamada porca, cujo interior é também cavado em espiral, mas tem os passos ou sulcos correspondentes às saliências ou roscas do parafuso”. “A parte de qualquer instrumento ou objeto terminado em roscas como as do parafuso”. “O fuso do largar do relógio”. “Rosca”, “tarraxa”. “Prego que tem a cabeça chata e com um sulco ao meio e a espiga em forma de rosca e que serve para fixar com mais segurança do que o prego liso, tendo, além disso, a vantagem de se poder tirar com facilidade por meio de chave de parafuso ou de fenda”. Em sentido figurado e familiar, “cabeça que está sempre a imaginar”. Em aviação, “acrobacia aérea em que o avião descreve uma espiral muito fechada em torno do eixo vertical de descida”. Em mecânica, “parafuso de Arquimedes”, “parafuso sem fim”, “passo de parafuso” (Aul.). No folclore, é “uma das figurações do frevo pernambucano, de difícil execução”. Popularmente, é um “rodopio maneiroso na dança do maxixe”. Há também: “parafuso de avanço”, “parafuso de chamada”, “parafuso de reclamo”, “parafuso de chamada”, “parafuso micro-métrico” (Melh.).

Parafuso, no inventário em estudo, é um tipo de corte em espiral, que o seringueiro aplica ao caule da seringueira, para que escorra maior quantidade de látex. Nesta acepção a metáfora é evidente. Veja o depoimento do informante:

P: O senhor conhece em que dá a volta assim em torno da árvore todinha aí coloca uma só tigela dá um corte nela por em volta da árvore toda [sei] aí coloca só na frente uma tigelinha ...o senhor sabe? Conhece esse?

I: Não ...(...) o *parafuso* tipo um *parafuso* mermo [é] porque cumeça alto aí arrudea aí vem chega im baxo né (A .J.L.F. -BRA 14)

PATRÃO

Do latim *patronu*, “protetor dos plebeus, de quem cuidava como se fosse um pai” (*pater*); cast. *patrón*, it. *padron* e no fr. *patron* (Nasc.). “O chefe de um estabelecimento particular em relação aos seus empregados”. “O proprietário de fábrica ou oficina”. “O que governa qualquer barco ou embarcação pequena”. “O dono da casa, em relação aos seus criados”. “Patrono”, “protetor”. “Tratamento de respeito empregado por pessoas humildes e incultas quando se dirigem a outra socialmente superior, às vezes tratamento simplesmente carinhoso, ou afetuosamente irônico dado a pessoas de igual condição” (Aul.). Na região amazônica, “chefe do seringal”, “o seu dono e responsável”. “Empregador”, “patrão-mor” (Melh.). Na Marinha mercante, “aquele que comanda a embarcação de pesca”. Nos barcos de regata, “aquele que dirige o leme e comanda o ritmo das remadas”. “Seringalista” (Aur.).

No levantamento em estudo, *patrão* é o dono do seringal, pessoa que o administra, compra e vende a borracha; além disso, fornece aos seringueiros os gêneros alimentícios de que precisam. Esta acepção está dicionarizada, enquadrando-se perfeitamente na acepção comum dos seringaais brasileiros. Veja abaixo o testemunho dos informantes:

I: Nesse tempo vendia pus *patrão* né tiNa os *patrão* ...nesse tempo ainda aí a gente vendia pus *patrão* certo (M.P.S.- BRA 15)

I: Nesse tempo tiNa os *patrão* que compravo pelo meno esse meu marido que eu casei cum ele e me juntei cum ele depois que eu cortei siringa ele vivia só na burracha ...carregá dois três batelão tudo chei de burracha chegava aqui o *patrão* já tava pa pegá a burracha e levá naquele tempo era muito bom aqui era muito bom mermo (F.R. M.-PC 36)

PÉ-DE-BURRO

Nos dicionários consultados, não foi encontrado o étimo dessa palavra. Designa uma “espécie de inhame silvestre”. Nome das plantas *iridáceas* (*Iris sysirinchium*, Lin.), uma chamada também açafraão-branco (Aul.). Gajaderopa (Melh.). No Nordeste, “fumo de qualidade inferior”(Aur.).

No inventário em estudo, *pé-de-burro* é um pau roliço, resistente, com entalhes ou chanfraduras na parte a ser apoiada obliquamente na seringueira, pelo qual o seringueiro sobe até a uma altura de 1,80 m para fazer os riscos nas partes mais altas da seringueira. Esperar-se-ia *perna de burro*, pois não é evidente a relação entre esse tipo de suporte com o pé de um burro. É sinônimo de *trepeça*. Confira o depoimento do informante:

I: Eu é é chama o corte é cortá pra cima agora a iscada a gente chama pé de burro é uns chama pontão né eu chamo *pé-de-burro* [hunrum] faz uns dentizim num pau e vai subino cortá lá im cima iscora na madêra (J.B.S -PC 32)

PÉLA

Do lat. vul. **pilella*, diminutivo de *pila*, através do arc. *peela* “bola” (Aur.). O REW (6498) diz que é do lat. *pila*. Nascentes, citando Cortesão, afirma que *pila* não pode foneticamente dar *pela*, por causa da conservação do *l* intervocálico. Para Leal, devido à existência do ant. *peella*, admite a forma do lat. vulg. **pilella*. *Péla* significa, “bola própria para o jogo do mesmo nome”, “nome desse jogo, que muito se parece com o tênis” (Melh.).

Nos pontos pesquisados, *péla* é uma espécie de bola, de forma mais cilíndrica que redonda, formada pelo látex coagulado pelo processo da defumação, de cor escura, com uma marca deixada pelo cavador (*q.v.*), sobre o qual vai sendo formada pelo sistema de rotação, pesando em média de 50 a 60 quilos. É certa a relação por semelhança com o étimo dessa palavra, embora sua forma seja mais cilíndrica que redonda, com polos convexos. Observe o depoimento dos informantes:

I: Sim cedro aí a pessoa furara ele né aí ficara tipo u’a u’a buracha já u’a *pela* de burracha né aquele tambozão né [hunrum] aí aquilo ali difumava duas três lavage aí difumara ele aí tirava aí cortava assim partia ele aquela burracha [no meio] sim mas num partia o tambô (M.R.S -XA 06)

I: É pele a gente chamava *pela* de burracha [pele de burracha] é aí pra gente cumeça era principe (J.B.S -PC 32)

PESTANA

Nascentes, apoiando-se em Cortesão, diz que *pestana* vem do cast. *pestana*, confrontando com o it. *pistagna*. Segundo Nascente, Diez aproximou *pestana* do lat. *pistare* “pilar”, o que é rejeitado pelo REW (6536), tanto quanto à forma como ao sentido (Nasc.). *Pestana* significa “cada um dos cabelos que nascem nas

bordas das pálpebras”, “cílio”, “celha”. Em sentido musical, “aplicação horizontal do dedo indicador esquerdo, ao comprimir mais de uma corda do violoncelo, do violão, do violino etc.”. “Tira cosida a uma peça de vestuário, e que tendo casas ou abotoeiras serve para abotoar a pestana das calças”. Em sentido popular, significa “o mesmo que barbatana”. Também significa “vegetação arbórea à margem dos rios e lagos”, “aba de livro brochado”. No uso popular, “sono ligeiro”, “cochilo” (Aul.). “Debrum de costura”, “aba com que se fecha o envelope”. Na construção naval, “meia calha metálica que se fixa no costado, por cima da parte superior da vigia, para impedir que nela penetre a água que eventualmente escorrer pelo costado” (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *pestana* significa um conjunto de cortes, aplicados ao caule da seringueira, na parte mais alta; consiste em um traço oblíquo, na parte alta, uma canaleta em sentido vertical e mais um corte oblíquo, na parte baixa. É sinônimo de *espinha de peixe* (q.v) e *cu de barrão* (q.v). A relação metafórica com o significado comum é clara, como foi explicitado pelo próprio informante. Confira o testemunho dos informantes:

I: A *pestana* é dois é dois risco que a gente corta im baxo aqui (**) um risco im baxo e oto im cima [certo] aí puxa só pra dento du'a tigela só (R.N.S. XA-05)

I: Tirar um [(esse risco que a Raimunda identificô que se ela chama cu de barrão mas ele tem vários nome [ah é?] [é] tem a *pestana* uns chama [é] *pestana* né porque a parte superiô sempe a gente chama *pestana* né [é isso] que pur ixempo dos ólho da gente [é] [ah é?] a parte superiô *pestana* então lá [hã] a gente dá um risco im baxo e im cima é a *pestana* né [sei] [é isso] aí a gente chama ela *pestana* [é] mas tem otos que chamo vários nome que chamo [é]]) (M.R.S XA-06)

P: Eu sei...e aquela que corta lé em cima precisa subi numa num pedaço de pau

I: É a *pestana* que a gente chama ...corta atrepado lá em cima [isso] na *pestana* [é] (A.J.L.F-BRA14)

P: A de *pestana* ?

I: *Pestana*

P: Porque é alto

I: É alto porque ninguém alcança do chão aí tem caba que vai cortá cum dois méto três méto de altura [hãrã] lá no vige lá que pelo meno dá mais leite de que mermo abaxo do jacaré vei num sabe a parte do jacaré vei que a gente chama é...que já foi cortado munto tempo aí aquela casca fica bem finiNa e aquela casca ficano bem finiNa a gente mete a faca aí já dá no na madêra da do pau mermo da siringa num sabe? [hãrã] que enfia a faca é a gente bota lá pra cima que é pra trabalhá mais melho [aí depois] tem mais (...) (FGO – BRA 16)

PERNA

No lat. *perna* significa cada “um dos membros inferiores do corpo humano, compreendida entre o joelho e o tornozelo” (Aur.); termo comum a várias línguas românicas.

No inventário em estudo, *perna* significa um dos muitos caminhos ao longo dos quais estão as seringueiras, nos extremos das colocações (*q.v.*). Segundo os informantes são caminhos curtos, que dão acesso imediato às árvores de corte:

I: Tem oito né as vez (...) lá no rodo dela as vez o cara faz um oito né começa por um canto fecha pur ota sai no mermo canto né aí chama-se oito que dali a gente pega a ota perna né u'a hipote aqui vem essa *perna* aqui da istrada [hãrã] aí aqui tem aqui tem um oito ó [certo] aí chega aqui (**) tem ota perna e vem pra cá né (**) [hãrã] aí você vem de cá um poquim quano chega aqui na boca da istrada você vai e corta o oito aqui dexa o saco aqui na boca ...cum leite[certo] aí entra pra cá né só cum o balde [hunrum] aí quano chega aqui cum o leite despeja aqui dentro do saco né aí pega ota *perna* que vem po fecho dela (F.P.S - PC 35)

PERNA DE ENTRADA

De acordo com o que foi dito em *perna*, *perna de entrada* é o caminho pelo qual o seringueiro entra para começar a fazer o corte do látex, aquele que dá acesso à primeira seringueira.

I: Esse aí nós chama de é o que nois chama a istrada o rodo da istrada né [ah o rodo da istrada] que tem u'a perna tem u'a perna e tem a ota aí elas tem as duas perna que começa aqui na boca elas fecha aqui (**) assim quer dizer torna-se sempe um cantão só que você enta pur u'a [isso] dá os dois (...) [isso] aí fica toda de rodo né chamamo o rodo enta pelu'a perna e sai pela ota (V.N.ASBR –20)

PERNA DE SAÍDA

É o caminho utilizado pelo seringueiro para sair da mata quando conclui o trabalho de corte e coleta do látex, depois de recolher todo o material para voltar à estrada em direção à própria casa.

I: Esse aí nós chama de é o que nois chama a istrada o rodo da istrada né [ah o rodo da istrada] que tem u'a perna tem u'a perna e tem a ota aí elas tem as duas perna que começa aqui na boca elas fecha aqui (**) assim quer dizer torna-se sempe um cantão só que você enta pur u'a [isso] dá os dois (...) [isso] aí fica toda de rodo né chamamo o rodo enta pelu'a perna e sai pela ota (V.N.ASBR –20)

PIQUE

Para Caldas Aulete, é de formação céltica *pic*, “ponta”. Para Melhoramentos, é derivado de *picar*. Para A. G. Cunha, *picar* significa “ferir ou furar com objeto pontiagudo ou perfurante”, “espicaçar”, “ferir ou morder com o ferrão”; para ele é um vocábulo de origem expressiva, que deve remontar provavelmente ao lat. vulg. **piccare*, de **piccus*. Segundo Nascentes, A. Coelho aproxima-o de *pico*; Figueiredo diz que *pico* vem da raiz céltica *pic* “ponta”. Para J. Pedro Machado, *pique* é do fr. *pic* “montanha”. O significado antigo de *pique* era “arma de guerra composta de uma haste comprida de madeira guarnecida de ferro chato e pontiagudo”. “Sabor acre”, “acidez”, “pico”. “Estímulo”, “excitante”. “Doença do vinho devido ao fato do seu álcool se transformar em ácido acético e água”. “Buraquinho, como o feito por instrumento pontiagudo”. “Brinquedo infantil em que um menino deve pegar algum dos outros antes que este se recolha a certo ponto denominado pique; o mesmo que mancha”. “Pequeno corte”. Em São Paulo, “corte em orelha de animal doméstico, dado como sinal”. Em sentido familiar, é “pirraça”; “prevenção”; “despique”. Na Amazônia, é “um corte dado nas seringueiras boas para as assinalar”. Em Três- os-Montes, significa “rixa”, “teima”, “questão”. (Aul.). “Ato de picar o tabaco, nas fábricas de cigarros e charutos”. No Rio Grande do Sul, “passagem estreita, feita a facão ou a foice na mata, para o trânsito a pé ou a cavalo”. “Cartão de cor com um desenho picado a alfinetes e em que trabalham as rendeiras de bilros”. “Espécie de lança antiga, terminada em ponta”. Na Amazônia, “ação ou efeito de abrir trilhos ou pequenas picadas até árvores que assim ficam *em piques*” (Melh.).

Nesta pesquisa, *pique* são caminhos estreitos, no meio da mata, que o seringueiro abre com o auxílio do terçado, cortando apenas o mato baixo ou rasteiro. Esta acepção coincide com o encontrado no Rio Grande do Sul. Confira o testemunho do informante:

I: É tem que fazê o *pique* a gente vai fazeno o *pique* por exemplo tem u’a madêra aqui daqui eu já faço esse *pique* daqui pra cá dessa madêra né aí aqui já vô roçano né a gente vai roçano e vai fazeno as madêra tem mas tem istrada de duzentas madêra é mais pesada né mas todas de centi e pôco mas dali já tudo roçadim a gente já vê tudo agora a istrada é assim (**) a boca é aqui (**) aí a gente vai aqui (**) faz assim aí vem morrê aqui (**) na boca da istrada é assim (F. R. M. -PC 36)

PIQUE DE CASTANHA

Pique de castanha é um caminho estreito, feito dentro da mata, para dar acesso ao pé da castanheira; consiste em cortar apenas o mato baixo. Simples

especificação de *pique*, demonstrando que inicialmente o termo só se aplicava ao acesso às seringueiras. Observe o depoimento dos informantes.

I: Tem os pique né [hunrum] que a gente faz *pique de castãia* a gente faz também o pique é a mesma coisa do câmiNo [isso] só que as vezes num é bem limpo que a estrada de seringa a gente faz bem cultivado pa sê bom de andá que tem que andá com pressa né e as castãia não a gente anda por dena mata mesmo é um camimzino né vai cortano pa num [hunrum] (M. S. C. -PA 38)

PONTÃO

Do lat. *pontone*, de *ponta* + *ão*, “espeque”, “escora”. *Ponta* vem do lat. *puncta*, do supino do *pungere*, “espetar” ; daí *puncta*, “espetadela” e a forma aumentativa, “estocada” (Nasc.). Também pode significar “língua de mato que avança em meio do campo” (Aur.).

No inventário em estudo, *pontão* é um pau roliço, resistente, com entalhes ou chanfraduras na parte a ser apoiada obliquamente na seringueira, pelo qual o seringueiro sobe até a uma altura de 1,80 m para fazer os entalhes nas partes mais altas da seringueira. É sinônimo de *trepeça* e *pé-de-burro*. Veja o depoimento dos informantes:

I: Eu é chama o corte é cortá pra cima agora a iscada a gente chama pé de burro é uns chama *pontão* né eu chamo pé-de-burro [hunrum] faz uns dentizim num pau e vai subino cortá lá im cima iscora na madêra . (J.B.S -PC 32)



PORONGA

A palavra *poronga* não está dicionarizada na língua portuguesa; a *Enciclopedia del Idioma* apresenta *poronga* como forma feminina de *porongo*, no Chile, e significa “burla”, “zombaria”, “escárnio”; é sem dúvida uma atestação sarcástica. A Academia Espanhola afirma que é uma palavra do quíchua e apresenta a forma *puruncu*. No Melh. a forma *purunca* significa “fruto do porongueiro, do qual se fazem cuias para mate”, “planta cucurbitácea (*lagenaria vulgaris*, ser.)”. No Rio Grande do Sul, tem o sentido chulo de “testículo” (usa-se mais no plural). Em Sergipe, é “cachaça”, “aguardente”. Var: *purunga* e *purungo* (Aul.).



Poronga, nesta pesquisa, é um instrumento feito de alumínio, composto de um aro em forma de círculo a ser fixado horizontalmente na cabeça do seringueiro; dispõe de um reservatório para o combustível (querosene) e um pavio. Na parte de trás, tem uma espécie de espelho ou proteção que projeta a luz para a frente. Algo semelhante, usam os mineiros no interior das minas. O seringueiro usa para iluminar as estradas quando sai para trabalhar de madrugada. Essa acepção acreana de *poronga* é analógica ao fruto da planta pela semelhança de forma, arredondada e convexa. Confira o testemunho dos informantes:

I: O patrão o patrão ia e mandava os fladêro fazê a *poronga* um aparato de flande que é assim (**) e im cima colocada aquele depósito cum um pavii o pavii quem colocava era lá o siringuêro no cento o pavii aí daqui do mei dela subia assim bico assim onde ia o pavii e aquilo era colocada aqui na cabeça aqui a pessoa tava (**) tano pra frente ela tiNa o espelho aqui [certo] atalhano o fogo pa num ir pa trás aí ela tiNa fôça de focá pa frente aí colocava aqui (**) e saía de madrugada cum aquela *poronga* (!!!) é mais nos principe que eu num trabalhava eu era minino ou então num era nem nascido era o farol siNora num iexistia *poronga* ...farol [hãrã] iexistiu o farol (G.N.S -PA 44).

PRANCHA

Nascentes, seguindo Leite de Vasconcelos, diz que *pracha* provém do lat. **plancula* > *planca*, forma aceita também por Cornu. A evolução foi *plancula* > *plancla* > *prancla* > *prancha*, tendo ocorrido, respectivamente, a síncope da pós-tônica, dissimilação /l/-/l/ > /r/-/l/ e a palatalização de /cl/ > /ch/, não intervocálica, como em *macula* > *macla* > *mancla* > *mancha*. O REW (6455) parte de **palanca*, do grego pa'lanka, de explicação difícil. A Academia Espanhola considera o cast. *plancha* um empréstimo do fr. *planche*, “prancha, tábua”. *Prancha* significa “grande tábua, grossa e larga, que serve para dela se extraírem outras de tamanho regular e com estas se proceder a qualquer construção”. Em sentido especial “tábua que se lança da embarcação para terra, a fim de por ela se passar de bordo para o cais ou para a margem”. Como galicismo, é “estampa impressa”; “lâmina”. Como gíria, é “pé grande e chato”; “lança”. Em São Paulo, “recusa de pedido de casamento”. No Mato Grosso, é “uma espécie de canoa coberta, usada em alguns rios da bacia do Paraguai”. “Vagão aberto e sem cobertura para transporte de grandes volumes e minérios”. Na maçonaria, significa “papel em que se escreve”, “circular que uma loja maçônica envia às outras”(Aul.). “Folha

da espada ou do sabre” (Melh.). “Vagão ferroviário aberto de todos os lados, essencialmente reduzido no seu estrado, e destinado ao transporte de automóveis, caminhões e cargas volumosas indivisíveis”. “Peça chata e alongada de madeira ou de outro material flutuante, de feitiço arredondado numa das extremidades e pontuado na outra, e que se destina à natação ou ao surfe”. No Rio de Janeiro, “tipo de embarcação fluvial, provida de velas triangulares, que navega no baixo rio Paraíba do Sul” (Aur.).

Nesta pesquisa, *prancha* é a borracha que foi coagulada em uma caixa de plástico ou de madeira, de forma retangular, com 40 cm de comprimento, 30 cm de largura, a altura varia entre 9 e 10 cm . Esse tipo de borracha não passa pelo processo da defumação, porém possui uma coloração bastante escura. A denominação desse tipo de borracha se dá metaforicamente conforme o sentido comum da palavra, pois assemelha-se a uma tábua daquele formato. Note os testemunhos dos informantes:

I: É a burracha a *prancha* tem vários tipo pra fazê ela tem u'as que dexa ela quaiada na tigela no mato aí depois junta aquelas bolas de sernambi aí chega lá aí põe tem u'a caxiNa quadradiNa aí chega bota ali dento aí bota u'a tauba ali dento aí impressa a não sê a gente colhe o...traz o leite mermo aí chega botanum coxo qualha aí depois de qualhá aí bota na prensa [sei] é (A . J.L.F.- BRA 14)

I: Era u'a marca de madêra mermo mas que no começo era cum ferro pur isso que pegô esse nome de ferrá né

P: Ah tá certo e agora trabalha cum o senhor trabalha ainda com defumação?

I: Não agora eu até uns ano atrás inclusive esse três ano que esse rapaiz trabaiaava comigo já antes eu fiz *prancha* cum esses depois que passô à *prancha* eu ainda fiz *prancha* e esses três ano que os rapaiz trabalharo cumigo foi fazeno *prancha* e pra fazê essa *prancha* a gente tem que fazê u'a caixa de madêra né pra qualhá o leite [sei] chega cum o leite a caixa bem tampadiNa né [hãrã] coloca o leite ali dento aí coloca o leite da gamilêra uns chamo gamilêra otos chamo caxinguba né [isso] aí aquele leite qualha a ota caixa (J. A . M. -ASBR 19)

P: Aí agora quando faz essa só que joga o leite na caixa?

I: É *prancha* o nome

P: É *prancha* faz a *prancha* antes fazia a pele de borracha agora faz só (J.B.S. -PC 32)

PRINCIPE (SIC)

Do lat. *principiu*, formado de *prim(o)-caps*, isto é, “que ocupa o primeiro lugar” port. *principio*. Na linguagem popular, a evolução continuou: princípio > principi > principe. Significa “o momento em que se faz alguma coisa pela primeira vez”; “a primeira formação de alguma coisa”; “origem”, “começo”. “O ato de

principiar ou começar”. Em Química, é “o elemento ou conjunto de elementos que sob algum ponto de vista assume o predomínio na constituição de um corpo orgânico qualquer”. “Diz-se de qualquer das causas naturais que concorrem para que os corpos se movam, operem, e vivam”. “Preceito”, “regra geral”, “lei”, “máxima”, “sentença” (Aul.).

Nesta pesquisa, *princípio* passa por alterações fonéticas, comuns na linguagem descuidada do povo. *Principe* designa as primeiras lavagens de látex, no *tambor* (q.v.), para fazer o começo da péla de borracha; para isso procedem-se várias lavagens no *tambor* até que se forme uma pele fina; corta-se ao meio ou em tiras e se prendem ao *cavador*, ficando com a forma de uma pequena bola, início da feitura da péla, que atingirá o peso de 50 a 60 quilos. Trata-se, portanto, de uma acepção específica. Confira os depoimentos abaixo:

I: Pegava o oto assim dessa grossura aí butava no mei que era pa premêro dia né aí difumava aí dava u'a lavage aí fazia um *principezim* dessa grossuriNa (***) aí tirava de dento [sei] aí já ia difumá esse *principim* pa ficá a burracha também aí fazia a base de cinquenta quilo sessenta mais ou meno conforme até inquanto tava aguentano (M.S.S-XA 04)

P: E como que chama aquele comezinho da da borracha?

I: É o *principe*

P: Principe aí depois do principe é que começa a fazer a borracha ?

I: Ah sim o premero né é um chamo um tambozim né muita gente chama tambô é um um rolozim de pau assim conforme o tãmei que quêra fazê né se é burracha é mais comprida ...faz maior [sei] e tem gente que faz ela quase redonda né pois bem aí difuma naquele rolo de pau difuma difuma até ficá assim u'a grossura assim de quato dedo aí parte assim tira abre as banda assim que fica bem molim né as banda assim molim que parece leite de gado qualhado ...aí coloca pega oto pedacim de pau assim ruliço né conforme a grossura do cavadó que vai difumá aí inrrola ele imprensa ele que ele gruda né gruda aí mete o cavadó ... (M.T.C -XA 09)

PRINCIPEIRO

Principeiro, neste levantamento, é um pedaço de madeira, geralmente de algodoeiro, por ser leve (mas que nada tem a ver como arbusto que produz o algodão), de forma cilíndrica, que serve para defumar as primeiras lavagens do látex e formar o *principe* (q.v.), para então formar a péla. Como se vê, é um derivado de *principe*, dentro da mesma linha semântica. É sinônimo de *sarugo* (q.v.), *tambor* (q.v.) e *tarugo* (q.v.). Veja o depoimento dos informantes:

P: Era outro nome?

I: O *principêro*

P: Ah era o principêro (G.N.S -PA 44)



QUENGA

Do quimb. *kienga*, “tacho”. No Nordeste, é uma espécie de vasilha feita com a metade do endocarpo de um coco depois de esmiolado; o conteúdo dela, o mesmo que *quengo*. Em Angola, *papas* (Aul.). Com sentido chulo, “meretriz”. Na Bahia, é o guisado de galinha com quiabos (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *quenga* tem a mesma acepção que no Nordeste, isto é, o ouriço da castanha, que é partido em duas metades iguais, sem as sementes e sem a primeira cobertura; é aproveitada apenas a parte do invólucro que é bastante dura. A diferença está apenas na matéria-prima empregada; no Nordeste se faz da casca do coco, enquanto no Acre se faz com a casca do ouriço da castanha. Sua cor é escura. É utilizada para pisar ou pilar pimenta-do-reino. Com relação ao étimo, é notável o uso da palavra por semelhança, pois a *quenga* assemelha-se a um pequeno tacho. Var. *quengo*.

P: Aí como que chama essa metade ?

I: Essa metade é u’a *quenga* de pisá pimenta

P: Sei

I: A gente pisa pimenta dento

P: E ele inteiro é o ouriço?

I: E intêro é assim ruliço aí só é metade (P.M.R.- XA 08)

P: E aí quando ele tá inteiro ele é o ouriço e quando ele dividi?

I: É aí é a castãia já né a gente sacode pra lá é o *quengo* [aqueles dois pro lado] é o quengo é aquele que num serve mais ...lá também nós [aí deixa pro lado] é dexa pra lá lá a terra distui ele [num presta] não num presta [num prest pra nada?] não só se fô pa fogo mais aí [(pa adubo tamém)] (F. M. A . F. -BRA 17)

P: Ah ele ficou em duas metades

I: É duas metade [a tá] é os *quengo* (M.R.S XA 06)

I: É uriço e depois vira *quengo* (!!!) é as *quenga* né [hãrã] duas *quenguiNa* aí tira a castã de dento que a castãia né é incascadiNa tira ela aí bota no saco quando a pessoa qué é só quebrá quando num é vende toda né aqui nois vendemo nossa castãia (M.R.S -XA 06)

RANCHO

Para J. Corominas, *rancho* significa “o lugar onde se acomodam uma ou várias pessoas, especialmente soldados, marinheiros e gente que vive fora do povoado”. Para ele é derivado do verbo *ranchar-se* ou *recheiar-se*, “alojar-se”. Era um termo soldadesco, tomado do fr. *se ranger*, “arrumar-se”, “instalar-se em algum lugar”, derivado de *rang* “fileira”, que procede do franco *hring*, “círculo de gente”. Nascentes mostra que A. Coelho tirou *rancho* do fr. *ranger* “arranjar”. Cortesão tirou do esp. *rancho*, que deriva do it. *Rancio*, “comida ordinária dos soldados, naturalmente rançosa”. C. Michäelis supõe uma forma **ranche*, do lat. *ramice*, que quer dizer “estaca”. A Academia Espanhola acredita que a origem de *rancho* no cast. seja do antigo alto alemão *hring* “círculo”, “assembleia” (Nasc.).

Caldas Aulete define *rancho* como: “grupo de pessoas reunidas para um fim qualquer, e especialmente em marcha, ou jornada, bando ou facção”. “Companhia de marujos ou soldados que comem em comum”. Por extensão, “a comida que é distribuída aos soldados, marujos ou presos”. “A porção dessa comida que pertence a cada um”.

Em sentido militar, *levantar o rancho*, “comer o rancho que lhe foi distribuído”; *não levantar o rancho*, “negar-se a comê-lo por ser mal cozido ou intragável”. Na Marinha, é “um lugar à proa por baixo da cana do leme, onde nos navios se reúnem e dormem os marinheiros e moços”. “Comida para muitos, paga por escote”. “Choça ou telheiro, à beira dos caminhos, para abrigo provisório”. “Barraca provisória que se constrói no sítio em que se pretende pernoitar, ou em que se leva o gado a pastar”. Na Amazônia, “habitação rústica para seringueiros”. “Companhia ou partido de operários e trabalhadores assoldados para qualquer serviço, ordinariamente agrícola”. “Grupo de pessoas, representando pastores e pastoras nas festas tradicionais de reis”. “Grupo folclórico”. “Bloco carnavalesco ou grupo de foliões que, cantando e dançando, desfilam em préstitos com alguma alegoria”. “Rancho de azeitona, a gente que anda assoldada para fazer a apanha da azeitona de um lavrador”. “Fazer rancho, entrar em alguma companhia ou sociedade para um divertimento ou fim comum”. “Comprar víveres para certo tempo” (Aul.).

Nesta pesquisa, significa a armazenagem de cereais e outros alimentos para o mês; alimento pronto que o seringueiro leva para a mata para a refeição do meio-dia; grande quantidade de carne de caça para a alimentação do seringueiro. Enquadra-se, portanto, na acepção corrente, embora com alguma especificação.

P: E também pode chamar rancho ?

I: Pode chamá *rancho* né pode chamá *rancho* [ah é?] pode chamá *rancho* que é um rancho cosas que a gente não come mas usa né

P: A é? E assim outros tipo de coisa o que que é o rancho?

I: O *rancho* que que a gente chama é só aquilo que a gente se come pelo mendo aqui na miNa língua né [hunrum] no meu dizê aqui pra nois é só aquilo que se come se é um açúcar é café é u'a mantêga é u'a jabá é u'a carne de bife é essa coisa assim ...sabão e bombril esses otos tipo de coisa assim que a gente não come a gente chama ou é mercadorias é impropis pra se cumê cosas só de uso né [sei] a gente tudo a gente se usa né mais uns é *rancho* né e otos é de uso né [sei] de uso é isso aí que nóis chama

P: Ah então o rancho é só coisa de comida?

I: De comida é só isso mermo

P: Ah interessante Raimunda[pois é] mui::to boa a sua explicação pra mim (M. R. S.-XA 06)

I: O *rancho* o *rancho* a gente chama... de carne [ah é só carne]a carne tu comprou o que de rancho ?

-Eu comprei u'a conserva comprei cinco quilo de carne pra trazê de racho

P: Tá certo [é] ...então tem essa diferença ? (R.N.S -XA 05)

P: Eu sei ... então chamava chibé [chibé] mas também vocês não chamavam rancho por exemplo ?

I: As veze a gente chamava o *rancho* tamém chamava [é] mas aí quano era coisa mais já favorave né quano já ia u'a carniNa cum u'a bãnãNia um arroz as veiz tiNa dia que favorecia né dessa manêra aí a gente já chamava o *rancho* [rancho] né da boca da estrada aí ja chegava mais tranquilo que tiNa comido mais bem [claro] agora quano era na veiz do chibé o negoço já tava mais mais difícil (O . B -BRA 10)

P: E essa comida é é o rancho?

I: É o *rancho* farofiNa cum a banana (!!!) feijãozim azedo (!!!) [ah fica azeda fica azedo?] as vezes azeda né tampado deno u'a lata quano a gente vai chega onze hora o (...) tá azedo que só mas tem que descê né que o cara tá cum fome né aí tem que cumê (()) (!!!) (J.B.S.- PC 32)

REGATÃO

Formada por *regat(a)+ão*; *regatar* ou *regatear*, do lat. vulg. **recaptare*, “tornar a comprar”. Nascentes, citando A . Coelho, define *regatão* como “o que regateia”; Cortesão, citando a forma *reconton*, tira do baixo lat. *recaptone*. Figueiredo define como “aquele que regata”, isto é, compra e vende por miúdo (Nasc.). Para J. Corominas, *regatear* tem relação com o ant. *regatero*, que define como “revendedor”; desse tira o cat. ant. *regater*, it. *rigattiere*, fr. *regrattier*; para ele é de origem incerta. Nascentes, citando A . Coelho, derivou de *regatar*. Cortesão

cita *recatonear* e tira de um b. lat. **recaptoneare*. A Academia Espanhola deriva o cast. *regatear de recatear*, do b. lat. *recaptare*. Garcia de Diego prende o cast. *regatón*, *regatear* ao lat. *ergasteriu* “ lugar de contratação”, vocábulo de origem grega. O REW (2893) rejeita a origem italiana *rigattiere* (Nasc.). *Regatão* significa “aquele que regateia no preço de alguma coisa”. “Pessoa que compra por grosso, para vender por miúdo ou a retalho”. No sentido amazônico, “é mercador que, em barco ou canoa, percorre os rios, parando de lugar em lugar”. “Bairrada, negociante de porcos ou leitões”. No Alentejo, “aquele que compra caça nos campos, para vender na cidade” (Aul.). “Mascate”, “negociante”, “varejista”. “Homem grosseiro, que emprega linguagem reles” (Melh.). Antigamente era o intermediário na compra de produtos agrícolas (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *regatão* era o mercador ambulante. Mascate amazônico que percorria os rios em embarcação, geralmente coberta, pois conduziam verdadeiros pequenos armazéns ambulantes. O vendedor ambulante trocava mercadorias por pélas de borracha com os seringueiros, trabalho feito clandestinamente. Essa palavra teve sempre conotação bastante pejorativa.

I: O *regatão* é um...é sitema um *regatão* ou melhô é um home que é comduzi mercadoria pra vendê lá pu siringuêro agora dexano que nem a mercadoria é dele ele é quer dizê já é um um intermidadô de oto já sabe que vai que num cumécio pega u'a mercadoria fiado aí vai vendê lá no cento pa adespois trazê e devolvê pu cumécio então nois chamamo de marretêro (V.N. ASBR - 20)

ROÇA

Designação regressiva de *roçar*; *roçar* vem do lat. **ruptiare* < *ruptu* (REW 7453), participio passado de *rumpere*, “dilacerar”, “arrancar”, “rasgar”, “cortar”. Significa “ação ou efeito de roçar”; “roçadura”. “Terra onde se roça o mato”; “terra cheia de mato”. “Mato crescido ou de grande altura em serra”, “Sementeira plantada entre o mato”. “Terreno de lavoura”. “Roçado (terreno plantado de mandioca)”. “A própria mandioca”. “Campo em relação ou contraposição à cidade”. Na Bahia, “chácara onde se cultivam frutas e hortaliças (nos arredores de Salvador)”. Em Trás-os-Montes, “grande porção de mato, espalhado pelo terreno para ser queimado”. Em náutica, *estar à roça*, “diz-se de uma ou mais âncoras colocadas de prevenção sobre barras, prontas para se lançarem a pique quando o mau tempo faz prever que o navio garre ou que as amarras rebentem”. *Por à roça uma âncora* “fazê-la estar à roça; pô-la a pique para deixar cair”. *Ferro da roça*, “qualquer âncora ligada à corrente de amarração”. *Fazer roça*, “fazer render”, “fingir maior trabalho para aumentar proventos, especialmente

falando de médicos” (Aul.). “Terreno preparado para a lavoura, onde se planta o milho, feijão etc.” Na região do Pernambuco, “mandioca” (Melh.).

Nesse inventario, *roça* pode significar o arbusto da *macaxeira* (mandioca) ou qualquer terreno em que se plantou algo para a própria subsistência.

P: Aí planta o arroz aí depois planta o feijão [sim] aí depois planta o milho não é isso?

I: Planta o feijão aí só...colhe feijão e planta a *roça*

P: A roça e a roça é o quê? O que faz com a roça?

I: Faz fariNa dela

P: Aí pode plantar qualquer roça? Que que outro nome que você chama pra pra roça

I: Outro nome eu não sei não

P: Não chama macaxeira?

I: Sim a maca tem esse pé de *roça* mas tem macaxeira né que é uma batata lá

P: Hunrum aí você chama macaxeira por causa da aparência?

I: Sim (F.C.S.A . -XA 01)

ROÇAR

Como ficou dito em *roça*, provavelmente é do lat. vulgar *ruptiare* (REW 7453) **ruptiare* < *ruptu*, verbo frequentativo de *rumpere*, “dilacerar”, “arrancar” (Aur.). Significa “cortar o mato com foice”; “deitar abaixo”, “derrubar”, “roçar um matagal”. “Deslizar por cima de”; “friccionar mansamente”; “tocar de leve, em voo rasteiro, quase *roçando o solo*”. “Roçar um objeto em ou outro”. “Coçar, esfregar roçar a pele”. “Gastar ou desgastar por meio de atrito”. “Passar junto” (Melh.). Em cast. *rozar* (Nasc.).

Nos pontos pesquisados, *roçar* é o ato de cortar o mato rasteiro com terçado, portanto, de acordo com a aceção comum. Veja o depoimento dos informantes:

P: Ah então tem diferença entre broca e roça?

I: Tem :: entre broca e roça tem que a gente vai brocano é cortá o mato alto né vru vru vru brocano e *roçá* é ispanano num sabe ? Teçado baxo

P: Só aqueles matinhos pequininhos?

I: É tudo e aqueles toco que vai dexano na broca a gente vai pegano e torano dendo chão que é pa num furá o sapato ou o pé da pessoa né do seringueiro (M.R.S. -XA 06)

ROÇADO

“Terra ou montanha roçada, a que está livre do mato por efeito da queima ou da operação de roçar”. “Clareira em matos”; “terreno desprovido de mato e próprio para cultivo”. No Nordeste, é “terreno, plantado de mandioca”. No Ceará, é “terreno plantado de culturas próprias do inverno: arroz, feijão, algodão, mandioca etc.” (Aul.). “Com acepção chula é a prática homossexual que consiste em chegar ao orgasmo mediante contato apenas”; “roçadinho”, “perfumaria” (Aur.).

No inventário, em estudo, *roçado* se enquadra perfeitamente nas acepções gerais dicionarizadas, conforme o depoimento do informante:

I: Na época de corte se o seringueiro tem o *roçado* vai cuidá do *roçado* vai cuidá do *roçado* ...vai brocá oto pra um oto dono im juNo que começa a broca de *roçado* a broca de roçado começa im juNo bom e aí quando é im im abril aí começa a limpá a istrada pra ir cortá corta até dezembo de dezembo im diante vai ...tabalhá im roçado na culhêta (P.M.R -XA 08)

SARNAMBI

Variante de *cernambi*, *sambaqui* (Aur.). Vejam-se as explicações e acepções em *cernambi*. Acrescente-se aqui apenas que no Pará é sinônimo de *sambaqui*, certamente por simples semelhança fonética (Melh.).

Nos pontos pesquisados, *sarnambi* tem a mesma acepção de *cernambi*, ou seja, os restos de látex coagulados naturalmente na árvore, nas tigelas, no saco encauchado e no fundo dos baldes. Var. *cernambi*, *sernambi*.

P: Hãrã eu sei e se não tinha a poronga tinha outra coisa? Pra clarear?

I: Não senhora tiNa o *sarnambi* mas o *sarnambi* é rúim [hãrã] o certo mermo era a gente cortá cum a poronga [eu sei] clarear cum a poronga (A. A. PA-43)

P: E amarrava com quê?

I: Amarrava com a liga de sarnambi

P: Liga de sarnambi?

I: Sim de sarnambi aí butava nas costa aí viNa imhora pra casa

P: Eu sei aí colocava lá pra defumar (F.P.S - PC 35)

SARUGO

É variante mais usual de *tarugo*. Designa a “pragana, aresta ou barba de espiga”. Tem como sinônimo *saluga* (Aul.).

Sarugo, nesta pesquisa, é um pedaço de madeira roliça, geralmente feito com algodoeiro, madeira leve, e que não tem qualquer relação com o arbusto que produz o algodão, é utilizado na confecção do *principe* (q.v.). Pode ser também a correia de amarrar a boca do saco de látex, feita com os restos de látex que ficam no saco encauchado. Nessa acepção, não se usa a variante *tarugo* (q.v.). Veja o depoimento dos informantes:

P: Tem outro nome pra esse vai juntando fazendo enrolando ela pra (...) do saco?

I: Tem não

P: Chama ela de sarugo também?

I: Não *sarugo* é o de fazê a burracha fazê o principe

P: Ah ah é o sarugo?

I: É faz um *sarugim* de pau imbaúba assim aí difuma aí depois rasga e aí vai inrolá (A . A . -PA 43)

P: Sarugo?

I: Sim...[que que é?]é o coisa de amarrá o saco de leite

P: A o nome dele é sarugo?

I: É *sarugo*...uns chama *sarugo* otos chama tici otos chama correa

P: Como?

I: Correa

P: Tiça?

I: Tiça [é] que é o mermo *sarugo* da gente amarrá o saco sabe? E cada um chama um nome

P: A vá o senhor falar esses nomes...quer dizer que era o sarugo[é o sarugo] e e além do dessas coisas que o senhor levava

I: (...)

P: Como que é?

I: Mas

P: O senhor levava por exemplo o senhor saia bem cedo...de madrugada aí o senhor levava o quê? (F. G. O .-BRA 16)

I: dispejava na bacia aí ia difumá o saco quando fornaia tava boa difumava o saco ali o lado que pos o leite que era pa no oto dia tirava aquela capa [sei] ficava limpim o saco de novo aí a gente fazia dava um nome de *sarugo* viu [ah é?] fazia assim no saco partia a capaziNa assim aí já ia troceno assim e fazia cha dava o nome de sarugo fazia aquele sarugo deste tãmãe (**) de cumprimento pa amarrá o saco (G.N.S. -PA 44)

I: É uns chama correa otos chama *sarugo* [(otos chama liga)] otos chama liga e é assim [(otos chama o repuxo)] otos chama repuxo (!!!) (M.A . N. -BRA 13)

SARAPIA

O REW (7953) traz a forma *serapilheira*. Para J. P. Machado vem do lat. *s(c) *irpicularia*, “cesto, nassa de junco”, com viagem extensa: lat. vulg. **scipicularia*, “cesto, nassa de junco; depois, tecido feito com matéria semelhante ao junco”; no fr. ant. *sapillièrre* (mod. *serpillière*), “pano para embalagem”; ant. prov. *serpiliera*, *sarpiliera*, cat. *sarpillera*, port. *sarapilheira*, *serapilheira*. Nascentes, citando A. Coelho, afirma que no cat. *sarpellera* e no cast. *jerapilheira* (aliás *jerapellina*) são tiradas do tema lat. *sarp-*, donde o b. lat. *sarpa*, *sarpillera*. O cast. tem *harpillera*, que segundo Nascentes, a Academia Espanhola dá a mesma origem que *herpil*, o lat. *serpiculu*; M. Lubke prende ao lat. *sirpicula* e Littré relaciona com *serapellinae*, “vestes da Idade Média”. A relação com *sarpere* é repelida por M. Lubke por causa do sentido. Para Melh., *sirpicularia* vem de *sirpicula* e significa “pano de estopa ou tecido grosseiro para envolver fardos”, “pano grosso de que os camponeses de Portugal fazem os seus vestuários”, “pano grosso para limpeza ou lavagem de casas”. Em botânica, “planta que nasce em terrenos de inferior qualidade”. “Vegetação rala e rasteira da mata virgem”. “Designação das pequenas raízes de árvores que surgem à flor da terra”.

Nesta pesquisa, *sarapilheira* foi modificada pelo uso comum, passou a *sarapia* e significa uma espécie de mochila de tecido forte, geralmente feita de saco de açúcar, transportada nas costas, com duas aberturas laterais, pelas quais se enfiam os braços e duas abas na parte da frente, que são amarradas na altura do peito. Por ser sinônimo de *estopa* é clara a relação do significado com o sentido primeiro da palavra. É sinônimo de *marico* (q.v.), *estopa* (q.v.), *jacá* (q.v.), *lalau* (q.v.). Confira o testemunho do informante:

P: Sei e assim seu Jonato tem um nome pra aquele que pra aquele objeto que o senhor leva nas costas [sim] cheio de balde de saco

I: Sim é o marico

P: Ah é o marico

I: Marico uns dão o nome de *lalau* otos dão o nome de marico otos dão o nome de e tem a *istopa* [sei] eu gostava muito da *istopa* [hunrum era melhor de carregar] é aí a *istopa* tem a *istopa* a *sarapia* (!!!)

P: E *sarapia* é diferente da *estopa*?

I: Não seNora tudo é um tipo só [ah é tudo é igual] é tudo é um tipo só tudo é apelido de *siringuêro* agora os *siringuêro* ele põe um nome nas *istrada* dele [hã] toda *istrada* dele tem nome (!!!) todas *istrada* tem nome (J.F.S -ASBR 26)

SERINGA

Do grego σύριγγα, pelo latim *syringa*, “caniço”, “canudo”, “bomba portátil, de vidro ou de plástico, para aplicação de injeções ou para retirar líquidos do organismo”. “Bisnaga”. Com sentido figurado e popular, é “pessoa importuna ou esquisita”. No Mato Grosso, “curral afunilado com a parte larga voltada para a porta grande e a estreita para o corredor, nas charqueadas” (Aur.). Na Amazônia, “o leite da seringueira, ou de outras espécies de *Hevea*, ainda não coagulado”; “a goma elástica dessas árvores”; “borracha”; “caucho”; “cernambi” (Aul.).

Nesta pesquisa, *seringa* se adequa perfeitamente ao sentido amazônico dicionarizado; no entanto, essa designação também pode significar a árvore de seringa. A palavra *seringa* tanto pode ser usada para designar o látex quanto a árvore.

P: Então o senhor trabalha na seringa o senhor trabalhou na seringa quanto tempo mais ou menos seu Pedro?

I: Eu trabalhei...eu comecei a cortá *siringa* no siringal Aquidabam trabalhamos vinte e dois ano nesse siringal cortano *siringa* ...mas cortano *siringa* assim ...adepois foi que ...fui pra colocação mermo cortá por miNa conta ...pu siringal siringal siringal siringal Palmarizim que eu comecei (P.M.R. - XA 08)

I: A gente na no trabalho da *siringa* pra vamo começá derdo do início?

P: Hãã isso vá explicando

I: A gente usa um monte de material [certo] primeramente precisa o teçado que muitos chama o facão né pra limpeza da istrada [isso] despois daí nós usamo rapadêra pa rapá a bandêra no lugá que vai sê cortado [certo] aí usamo a cabrita a lâmina de *siringa* que chamam de faca de *siringa* né a tigela o saco pra ajuntá todo aquele leite [isso] e a correa que amarra o saco [ah é?] a estopa a poronga pra colocá na cabeça que é a luz pra alumia a parti da noite quano a gente tá na mata (V. N. ASBR 20)

I: (!!!) aqui no Acre nessa época só se falava im *siringa* sentava u'as quantas pessoas aí só era falada im istrada de *siringa* e tava dano quantas lata de leite [certo] e oto tô roçano miNa istrada oto eu já deu tantos corte pois é assim e aí a criançada têmem já criou-se educado naquilo (P.S.S XA 07)

SERINGA DA CHAPADA

Para A. G. Cunha, a formação da palavra é *chap(a)+ada*, com base em **klappa*, de origem desconhecida; significa “planalto”.

No inventário em estudo, *seringa da chapada* são as árvores que estão em lugares secos e planos, não sendo preciso subir ladeiras. É sinônimo de *seringa da restinga (q.v.)*, *seringa do plano (q.v.)*, *seringa da terra firme (q.v.)*.

P: Hunrum e aquela ssim que fica num lugar bem plano que não precisa subir ladeira nem descer?

I: É a gente chama na *chapada*

P: Ah tá na chapada?

I: É tá na chapada é quando é ladêra diz é lá na ladêra sobiu e desceu na ladêra [hunrum] aí diz é no plano é naquele ispigão o ispigão é quando a gente anda cumo daqui à aquela casa aculá que num tem nem u'a madêra aí a gente chama ispigão (M.L.O . S -ASBR 27)

SERINGA DE TERRA FIRME

Nesta pesquisa, *seringa de terra firme* tem a mesma acepção que *seringa da restinga (q.v.)*, *seringa do plano (q.v.)*, *seringa da terra firme (q.v.)* . Confira o depoimento do informante:

P: Como é que é essa seringueira que fica no alagado como que chama esse lugar?

I: seringueira do gapó ou do brejo

P: Do gapó ou brejo e elas são dentro da água mesmo?

I: São dento da água quando tá tudo alagado

P: E quando não é Alagado?

I: Chama de seringa do plano otos de *seringa da terra firme* (M.A. PA 45)

SERINGA DO PLANO

Plano, do lat. *planu*, “liso, sem desigualdades” (Aur.).

Como já foi dito, *seringa do plano* são as que estão em lugares secos e planos, não sendo preciso subir ladeiras para encontrá-las. É sinônimo de *seringa da restinga (q.v.)*, *seringa do plano (q.v.)*, *seringa da terra firme (q.v.)*.

P: Como é que é essa seringueira que fica no alagado como que chama esse lugar?

I: seringueira do gapó ou do brejo

P: Do gapó ou brejo e elas são dentro da água mesmo?

I: São dento da água quando tá tudo alagado

P: E quando não é Alagado?

I: Chama de *seringa do plano* otos de *seringa da terra firme* (M.A. PA 45)

SERINGA DA RESTINGA

Para J. Corominas, *restinga* é de origem incerta; talvez do ingl. *rock string*, e significa “arrecife”, “banco de areia”. “Língua de areia ou de pedra que, partindo do litoral, se prolonga para o mar, quer fique sempre aflorada, quer apenas na baixa-mar”. “Terreno litorâneo arenoso e salino, e recorto de plantas herbáceas e arbustivas típicas desses lugares”. “Escolho”, “recife”, “arrecife”. “Faixa de mato às margens de igarapé ou rio”. No Pará, “faixa de mato às margens de rio, a qual, por ocasião das grandes marés ou cheias de inverno, aflora, enquanto o terreno permanece submerso”. No Rio de Janeiro, designação comum a “depressões rasas, alagadas ou secas, sempre retas, e rigorosamente paralelas à linha da costa”. Em Minas Gerais, “rebotalho das terras lavradas, onde minerava a gente pobre”. “Faixa de terra arenosa entre uma lagoa e o mar”. No Paraná, “mata longa e estreita que divide dois campos de pastagem”. No Rio Grande do Sul, “pequeno arroio ou sanga com as margens recobertas de mato”(Aur.).

Nos pontos pesquisados, *siringa de restinga* são as que ficam em lugares secos e planos, tão pouco precisa subir ladeiras para encontrá-las.

P: Não tem e quando ela só fica no plano quando ela fica toda no plano que não precisa subir ladeira nem descer?

I: É é lá a gente chama *siringa da restinga* restinga (...) a siringa sempe forma aquela restinga né na mata [ah é?] a restinga é assim u’a mata bem rala da bem pra gente vê num sabe? (V.N ASBR -20)

SERINGUEIRA

Palavra formada de *siringa+eira*. Em botânica, nome vulgar de diversas árvores do gênero *hevea* (*hevea brasilienses*, *h. randiana*), de cujo látex se prepara a borracha. É denominada também *árvore da borracha*, *pau-siringa*, *pau-moeda* e *árvore-da-borracha* (Aul.). Possui folhas compostas, flores pequeninas, reunidas em amplas panículas, fruto que é uma grande cápsula com sementes ricas em óleo, e madeira branca e leve, de cujo látex se fabrica a borracha; árvore da borracha (Aur.).

No inventário em estudo, a acepção é coincidente, embora com especificações que convém estudar.

I: Não chamo que a gente nois usamo um nome que dizê esse nome eu num sei se ele é recuinido mas chamamo a *siringuêra* siringuêra da casca branca nois chamamo de siringa intaúba [ah é] e essa siringiNa da casca mole que eu tô dizeno a gente chama só a siringa da casca roxa que já disse falô siringa da casca roxa é sinal que ela tem casca mole e que é boa de leite (ASBR V.N. - 20)

SERINGUEIRA DO BAIXO

Nesta pesquisa, *seringueira do baixo* são as que estão próximas da água ou em terrenos que alagam com facilidade. No presente inventário, a expressão ocorre com frequência, tendo como expressões sinônimas *seringueira do brejo* (q.v.), *seringueira do chavascal* (q.v.), *seringueira do igapó* (q.v.) e *seringueira de várzea*. Testemunho:

P: hunrum e aquela que fica assim próximo de lugar alagado tem nome?

I: É tem a istrada a *siringueira do baxo*

P: Ah do baixo? (M.L.O .S -ASBRA 27)

SERINGUEIRA-BARRIGUDA

Variedade de seringueira (*Hevea spruceana*), que se caracteriza pelo tronco dilatado no meio, e cujas folhas têm pelos na face inferior. O látex é resinoso e não se presta à fabricação de borracha (Aur.). Conforme também o depoimento do informante:

I: tem a *barriguda* que é u'a siringuêra que ela cresce dá assim até u'a certa altura [certo] aqui o tronco é bem grosso lá pra cima afina (P.S.S. -XA 07)

SERINGUEIRA BRANCA

Espécie de seringueira (*Hevea randiana*) (Aul.). Variedade de casca alva-centa e folhas largas, que medra nas margens dos rios (Aur.).

Nos pontos pesquisados, *seringueira branca* é a que tem coloração branca na entre casca e produz um leite meio amarelado, que não tem a mesma qualidade que a *seringueira real* (q.v.); além disso, a casca é muito dura, o que dificulta o trabalho de entalhe. É sinônimo de *seringueira itaúba* (q.v.).

I: É:: [então quais são]que tem a branca [certo seringueira branca]que nois temo a tambaqui temo a barriguda nois temo a siringuêra chicote nois temo a siringa intaúba temos a casca roxa temos a mandim é u'a siguêra branca que não ingrossa muito e muito fraquiNa [ah é?] a mandim (P.S.S. -XA 07)

I: A *siringa branca* é aquela que num dá quase nada de leite né [hã] a gente corta ela dá só aqueles pinguim de leite aquelas num presta a siringa boa é aquelas da casca roxa como chama né [hã] a gente corta ela aí dá um leite que é u'a beleza (F. P. S. - PC 35)

SERINGUEIRA DO BREJO

Segundo Nascentes, A. Coelho deriva *brejo* do b. lat. *braiu* “lama”, “lodo”. G. Viana declara desconhecido o étimo, pois o gr. ἔλη “paul”, o mais plausível, oferece grandes dificuldades fonéticas e mesmo históricas para que possa ser aceita. Figueiredo tira do gr. βάλτο. o lat. hipotético * *bragiu*. Cortesão diz que é do b. lat. Garcia de Diego relaciona com o lat. *varagione*, “abismo” (Nasc.). Aulete afirma que é de formação obscura, talvez do b. lat. *braisim*. Em botânica, o mesmo que *urze*. “Terreno inculto, sáfaro e maninho, que só produz urzes”, “terra alagadiça”. No Nordeste, “terreno geralmente fértil, onde os rios se conservam mais ou menos permanentes”. No Maranhão, “lugar baixo onde há nascentes”. Na Bahia, “plantação de arroz”. Familiar, “lugar muito frio e batido do vento”(Aul.).

Nos pontos pesquisados, *seringueira do brejo* são as que estão próximas da água ou em terrenos que se alagam com facilidade. É sinônimo de *seringueira do baixo* (q.v.), *seringueira do chavascal* (q.v.), *seringueira do igapó* (q.v.), *seringueira da várzea* (q.v.).

P: Como é que é essa seringueira que fica no alagado como que chama esse lugar?

I: *seringueira* do gapó ou *do brejo*

P: Do gapó ou brejo e elas são dentro da água mesmo?

I: São dento da água quando tá tudo alagado (M.A . PA 45)

SERINGUEIRA DO CHAVASCAL

Chavascal é formado por *chavasco* + *al*. Segundo Nascentes, Cortesão compara com o cast. *chabasco*. Para Aulete, *chavasco* significa “pocilga”, “chiqueiro”, “mata cerrada de silvados”, “espinheiros e plantas silvestres”, “terra de má qualidade para searas e lançada a pasto”, “moitado”. “Tosco”, “mal feito”.

Nessa pesquisa, *seringueira do chavascal* são as que estão próximas de água ou que são alagadas com facilidade. É sinônimo de *seringueira do baixo* (q.v.), *seringueira do brejo* (q.v.), *seringueira do igapó* (q.v.), *seringueira da várzea* (q.v.).

I: É do chavascal

P: Ah também chama assim?

I: É aquela istrada lá do baxo lá do chavascal é onde que no inverno a gente não pode nem cortá porque as veze precisa atrevesá nadano pa ir cortá né e é muito pirigoso seno a parte seno a parte que a gente passa de tarde não a gente trevesa e

vai [hunrum] mas seno de mãia cedo aquela parte a gente dexa diz ah o baxo lá hoje tava alagado nois num pudemo ir cortá ela

P: Aí o chavascal

I: É *do chavascal* é chavascal (M.L.O .S -ASBRA 27)

SERINGUEIRA-CHICOTE

Espécie de seringueira (*Hevea benthamiana*) (Aul.) da família das euforbiáceas, de folhas providas de pelos ruivos na face inferior, e que fornece borracha de boa qualidade (Aur.). A denominação *chicote* provém do fato de ser uma árvore fina, dando a impressão de ser frágil, mas é flexível, lembrando um chicote.

I: nois temo a *siringuêra chicote* nois temo a siringa intaúba temos a casca roxa temos a mandim é u'a siringuêra branca que não ingrossa muito e muito fraquiNa [ah é?] a mandim (P.S.S. -XA 07)

SERINGUEIRA ESCALDADA

Segundo J. Pedro Machado, *escaldar* vem do lat. *excaldare*, “esquentar”, “meter água quente”; Nascentes daí deriva o cast. *escaldar*, it. *scaldare*, fr. *échauder*. Para A. G. Cunha, é deverbal de *caldo*, “alimento líquido à base de água, na qual são cozidos carne, peixe etc. geralmente com temperos”, “suco”. Substantivação do adj. lat. *caldus*, de *calidus* “quente”.

No inventário em estudo, o termo *escaldado* é aplicado à seringueira que esgotou o leite e está produzindo mais água que látex, ou seja, parece produzir mais *caldo* que borracha.

I: Quano num dá mais o leite e fica viva aí *iscaldô*

P: Mas a que morreu não tem mais nada?

I: É e aí se ela num dê mais leite se num tivé *iscaldada* é porque morreu

P: E a *escaldada* ela aí dá leite?

I: Não ela num dá mais o leite só que num num morre (J. A . M. - ASBRA 19)

P: Não ...então você falou que ela fica *iscaldada* né

I: *Is Caldwell* é

P: E como é uma seringueira *escaldada* ?

I: Que ...que ela num tem leite é bem poquim mermo [a sim] só dá leite porque corta já quase no pau

P: Aí estraga a árvore (F.C.S.A - XA 01)

SERINGUEIRA DO IGAPÓ (GAPÓ)

Para A. G. Cunha, *igapó* vem do tupi **ia'pó*, “charco”, “pântano coberto de mato”. Caldas Aulete diz que é “trecho de floresta invadido por enchentes”, “mata cercada de água”, “pântano dentro da mata”. Para Melhoramentos, é “trecho de floresta invadido por enchente, após a inundação dos rios, onde as águas ficam estagnadas durante algum tempo”.

Nesta pesquisa, *seringueiras do igapó* (ou *gapó*) são as que estão próximas da água ou que são alagadas com facilidade. É sinônimo de *seringueira do baixo* (q.v.), *seringueira do brejo* (q.v.), *seringueira do chavascal* (q.v.), *seringueira da várzea* (q.v.).

P: Socorro onde você mora tem seringa seringueira em lugar alagado?

I: Tem

P: Tem?

I: Tem

P: Como é que é essa seringueira que fica no alagado como que chama esse lugar?

I: *seringueira do gapó*

P: Do gapó e elas são dentro da água mesmo?

I: São dentro da água?

P: Aí corta também?

I: Corta

P: E as que não são do igapó? As que não são de igapó ?

I: As que num são do gapó a gente chama que é do ...da terra (M.S.B.S PA-39)

SERINGUEIRA ITAÚBA

Segundo A .G. Cunha, *itaúba* é do tupi **ita'üua*, formado por *i'ta*, “pedra” + *'üua*, “planta ou árvore”. Designa uma espécie de seringueira (*Hevea microphylla*), caracterizada pelas folhas de face inferior violácea, e que produz borracha inferior (Aur.).

No inventário em estudo, *seringueira itaúba* é a que tem coloração branca na entre casca e produz um leite meio amarelado, que não tem a mesma qualidade que a *seringueira real* (q.v.); além disso, a casca é muito dura o que dificulta o trabalho de entalhe. Var. *seringueira branca*.

I: Tem porque tem a siringa que chamo ela que tem a casca disque roxa e chamo ela ...*siringa intaúba* disse [sei] e tem a ota que é o leite é que o leite dessa intaúba siringa intaúba ele é bem grosso e assim amarelado num sabe e a casca dela é diferente de que essa ota

P: Ela tem a casca mole ?

I: Mais dura [mais dura] e a ota é mais mole (M.T.C- XA 09)

I: tem a itaúba que é u'a siringa que é muito rúim de leite o leite dela é muito melequento ...(P.S.S. -XA 07)

I: A a siringa intaúba a casca é du::ra não é mole cumo a siringa verdadêra é dura e ...é dura e otas tem a casca amarelada é a siringa intaúba (P.M.R.- 08)

SERINGUEIRA DE MANGA

Nesta pesquisa, *seringueira de manga* é a que está em estrada curta, sem saída, em que são encontradas poucas seringueiras. É sinônimo de *manga*.

P: E assim estrada que precisa é ...tem uma estrada e precisa cortar umas quatro madeiras só em um caminho pequeno depois volta por esse mesmo caminho pra estrada anterior a senhora sabe como é que chama?

I: Sei se chama *seringueira de manga*

P: Ah é manga?

I: Hunrum fez u'a manga foi lá e voltou né (D.B.A .ASBR – 24)



SERINGUEIRA REAL

Segundo Aur. *real* vem do lat. *regale*, “pertencente ou relativo ao rei ou à realeza”.

No inventário em estudo, *seringueira real* é a árvore que produz muito látex e tem melhor qualidade que o de outras espécies; a entrecasca, bastante mole, é de uma coloração vermelha ou, para alguns seringueiros, tem a coloração roxa. Para aplicar os entalhes no caule, a *cabrita* entra com muita facilidade. Por essas qualidades e principalmente pela abundante produção de látex, essa espécie é considerada a rainha das seringueiras, fazendo a felicidade de quem a encontra. É sinônimo de *seringueira vermelha* (q.v.).

P: E Não tem uma seringuêra real?

I: Tem ...bom tem essa real mas agora eu num tô muito bem por dento se se a real é

essa da casquiNa roxa né mas eu eu na miNa mente é essa da casca roxa é que a real a
siringa melhó que tem de leite

P: Ah é?

I: É e eu acho que é essa da casca roxa que é a siringuiNa do ente casca roxo é a milhó
que tem pra leite

P: Quer dizer que é entre a casca?

I: É entre a casca é bem

P: Quando corta é que sabe?

I: Quano a gente corta é que sabe que a casquiNa dela é roxa dento [ah tá] é até im furá
aquela veia assim passa nu'a siringa pega assim a pontiNa dum ferro e fura assim (**)
e vê a casquiNa dela é macia chega é arruchiadaziNa (R.N.S -XA 05)

SERINGUEIRA SOLADA

Solada é derivado de *sola*, do lat. *solea*, através do lat. vulg. *Sola*, “sandália” (formada por uma lâmina de couro em que se assenta a planta do pé). *Solado* designa algo endurecido e gasto, como é desgastada pelo uso a sola dos sapatos, sentido que é aplicado a esse tipo de seringueira.

Nesta pesquisa, *seringueira solada* é a que esgotou o leite e está produzindo maior quantidade de água que leite; é necessário deixá-la descansar, ou seja, ficar sem cortá-la por algum tempo até que recupere o látex. Confira o depoimento dos informantes:

P: Ah tá solada?

I: É u'as chama iscaldada e otos chama *solada* [hunrum] que aí a casca fica mesmo tipo *sola* (P.S.S.- XA 07)

SERINGUEIRA VADIANDO (SIRINGUÊRA VADIANO)

Vadio é do lat. **vagativu*, “vagabundo” segundo o REW (9121) e C. Michaëlis; G. Viana tirou do ár. *baladí*, “ordinário”, “reles” (Nasc.). Significa “que não tem ocupação ou que não faz nada”, “que vagueia”, “vagabundo”, “ocioso”, “tinante”, “estudante pouco aplicado”.

Nesta pesquisa, *seringueira vadiando* (*vadiano*) é a que foi deixada sem cortar por um determinado tempo, para que pudesse recuperar o látex, para então retornar a ser entalhada. É sinônimo de “descansando”, “em repouso” ou “em recuperação”.

I: Diz tá vadiano ela tá vadiano naturalmente num tá trabalhano tá vadiano né

P: Tá sem trabalhá tá vadiano

I: É justamente como a istrada diz : - Im colocação fulana tem tanta istrada tem três ou quato vadiano é vadiano é justamente que num tá cortano e num tá trabalhano [hun tá certo] as que tá trabalhano é essa que a gente tá cortano (()) (P.M.R.-XA 08)

SERINGUEIRA DE VÁRZEA

A. Coelho e Nascentes citam outras formas como *vargea*, *vargem* e *varga* no port. ant.. Cortesão deriva o termo do b. lat. *varcena*. Para A. G. Cunha, a origem dessa palavra é obscura e significa “planície fértil e cultivada”. Segundo Aulete, é formada do ár. *bar* (campo) + *sahra* (seara).

Nesta pesquisa, *seringueira de várzea* passa a *seringueira de vage* ou *vagem*. São as seringueiras que estão próximas da água ou em terrenos que alagam com facilidade. É sinônimo de *seringueira do baixo* (q.v.), *seringueira do brejo* (q.v.), *seringueira do chavascal* (q.v.), *seringueira do igapó* (q.v.).

I: Tem que é perto d’água e acontece como eu cortei muita siringa [hã] eu cortei num garapé grande aqui na Bolívia que nois chamava curichã [curichã] é a colocação chama recordação intão ele inxiste as vage dele e agora tem muita siringa [hum tá sei] antão a gente cortava a siringa é mais junta [ah é?] da ota né é mais junta nois cortava mais u’a vez e tirava mais leite

P: E aí vai nadando?

I: Não ele seca [ah seca]ele seca a vage fica só o rio mermo né

P: Hunrum mas dá pra andar sem precisar nadar

I: Ah se alagá [eu sei] quando alaga ninguém corta [ah] depois que ele baxa as água é que a gente vai cortá (B.F.S - PC 34)

P: Essa que fica perto da beira do rio [é] como que chama? Terra firme?

I: É *siringa de vage*

P: Que ficar perto da água né?

I: É fica alagada aquelas que a água vai nos gancho da seringuêra vai a onde ele mora na bêra do rio no rio que ele trabaia é a siringa vai na a água vai nos gancho da sirin-guêra na vage

P: E não mata não?

I: Num mata não [(a resitênça dela aguenta água na raiz)] (A .A .-PA 43)

SERINGUEIRA VERMELHA

Espécie de seringueira (*Hevea guianensis*) da família das euforbiáceas, de folhas coriáceas, e cujo látex amarelo gera um tipo de borracha amarelada (Aur.).

Nos pontos de pesquisa, a *seringueira vermelha* ou *roxa* são as árvores que produzem muito látex e têm melhor qualidade que a das outras espécies; a casca é de uma coloração vermelha donde lhe adveio o nome, e, para aplicar os entalhes no caule, a *cabrita* entra com muita facilidade. É sinônimo de *seringa real* (q.v.).

P: E aí por que o senhor chama ela de vermelha?

I: Porque a casca dela é vermelha (M.A . N. -BRA 13)

I: É tem delas que tem a casca assim mais rosada né mais *vermelha* e otas a casca mais branca né [sei] a diferença que tem (())

P: Ai tem a seringueira rosada e tem um nome que dá pra ela? Não dá nem

I: Não porque é só um tipo de siringa as vez é que a gente fala assim quano a gente vai dizê pu cumpãero que lá naquela siringuêra tal tem delas que a gente chama aquela siringuêra da casca roxa ou então aquela siringuêra que esborra tem delas que tem o leite grosso que vai ino até que esborra dali derrama ali daquele risco que a gente dá aí (J.M.A .-ASBRA 25)

SERINGAL

Derivada de *sering(a)* + *al*, um coletivo normal na língua. “Mata de seringueiras”. Na Amazônia, “designação das fazendas que de ordinário estão à margem dos rios” (Aul.). “Quantidade mais ou menos considerável de seringueiras, dispostas proximamente entre si” (Aur.).

Nesta pesquisa, *seringal* é o espaço físico composto por várias *colocações*, ou seja, é o local onde se encontram seringueiras em grande quantidade, somando várias *colocações*, abrangendo também os espaços com as moradias dos seringueiros.

Veja o testemunho dos informantes:

I: Mesmo assim é o *siringal* quano só é um *siringal* quano tá completo de colocação

P: Ah são várias colocações

I: São várias colocações aí é um *siringal* porque aí tem muita siringa [aí] que im cada colocação tem a sua quantidade de siringa (P.S.S. -XA 07)

I: No *seringal* tem vária várias colocação num sabe?

P: A ...tá e como é que é essa ...essa colocação?

I: É assim da extensão de u'a hora duas hora du'a pra ota três hora

P: Aí todas essas ...são dentro de um seringal

I: São dento de um *siringal* cada qual cum um nome

I: No *siringal* tem vária várias colocação num sabe?

P: A ...tá e como é que é essa ...essa colocação?

I: É assim da extensão de u'a hora duas hora du'a pra ota três hora

P: Aí todas essas ...são dentro de um seringal

I: São dento de um *siringal* cada qual cum um nome (R. O . O .-XA 02)



SERINGUEIRO

Derivado de *seringa* (*sering(a)* + *eiro*), designa aquele que extrai o látex da seringueira e o prepara para se converter em borracha; “apanhador”, “machadinho” (Aul.). É genérico em todas as regiões onde se extrai o látex, exatamente como neste inventário.

I: Primêro raspa ela aí dexa aquela raspaga três quato cinco dia conforme as condições da gente [hunrum] que é pa ela enxugá que é pa num dá caroncha que senão dá um lodo assim que nois chama caroncha que é pa pudê cortá ela[sei] porque se dexá secá aí cortá antes do tempo que ele incaroncha aí seca o leite num dá leite [hunrum] aí tem que cuidá ela raspa aí dexa oito dia conforme as condições que a gente teje que é pa ela enxugá pa pudê cortá que é pa num quebrá o leite [certo corta com a cabrita] aí tem estrada é corta cum a cabrita e colhe cum essas tigeliNa vê se tu acha Chico u'a pra mostrá pra ela coloca aquelas tigeliNa ali aí aquele leitim vai desce::no poquim :: naquele tracim bem istreitim até até dá um balde dois balde três balde conforme a istrada grande né istrada de centi e quarenta madêra centi e cinquenta madêra [eu sei] tem que cortá tudim ah é a vida triste do *siringuêro* (M.L.O . S ASBR – 27)

I: A gente supõe quer dizê nossa experiência assim sem estudo a gente nunca pode dizê u'a cosa certo [hãrrã eu sei] a nossa experiência do *siringuêro* cum a siringuêra [hãrrã] é porque que quando quando ela cumeça a criá folha o leite sobe pra ir é pra sustentá pra dá alimento pra(...) aquela folha [hãrrã] aí intão são da da astra toda vai pa folha que é pa garanti a sobrevivêça da folha (V.N ASBR -20)

TAMBOR

Antenor Nascentes, citando Lokatsch, deriva *tambor* do persa *dānbārā*, “cítara”, através do ár. *tambur*, com o mesmo significado. Dozzy impugna essa origem, fundando-se em que o instrumento persa é uma cítara e não um *tambor* e prefere um étimo celta. Devic observa que em persa existe o termo *tabir*.

Eguilaz, concordando com Dozzy, alega que o *tambor* foi importado da Berbéria pelos espanhóis e prefere que o lat, *tympanu*, do grego τύμπανο. Dalgado tira do sânscrito *tambula*, através do persa *tambul* e do árabe *attambul*. A. Coelho não aceita a origem árabe nem persa. *Tambor* significa “caixa de forma cilíndrica que tem nos dois fundos uma pele tensa na qual se bate com baquetas para extrair sons”. “É nas orquestras, bandas militares e filarmônicas um dos instrumentos de pancada e serve também, no exército, para certos sinais e ordens”. “Chama-lhe também caixa”. “Cilindro de ferro usado em diversos engenhos”. Em anatomia, “membrana do ouvido também chamada tímpano”. “Cilindro em que se mete a mola real do relógio”. “Caixa de forma circular que rodeia as mós do moinho e para onde cai a farinha que elas vão moendo”. “Peça de freio de que se formam os assentos”. Nos guindastes, “cilindro em que se enrola o cabo”. Em arquitetura, “fiada ou fiadas de pedras redondas mais largas ou grossas que altas, as quais formam o fuste ou tronco das colunas”. “Parte do capitel simples ou ornado”. “Maciço ou fuso de escada de caracol”. “Nome comum a muitas peças de forma cilíndrica”. “Porta móvel de eixos forrada de pano ou de baeta para evitar o ar”. “Recipiente cilíndrico para acondicionar especialmente líquidos”. No Rio Grande do Sul, “bacia de rinhadeiro”. No Minho, “o mesmo que goraz”. “Árvore leguminosa” (Aul.). “Peça cilíndrica do revólver, rotatória, com orifícios onde se alojam as balas”. Em botânica, “planta euforbiácea (*omphalea oleifera*)” (Melh.).

Nesta pesquisa, *tambor* significa um pedaço de madeira roliça, de forma cilíndrica, geralmente da árvore algodoeiro, que o seringueiro usa como suporte para iniciar a defumação da péla de borracha. É sinônimo de *principe* ou *princepeiro* (q.v.) e *tarugo*. A relação com a palavra *tambor* se dá pela semelhança de forma que o objeto tem com o instrumento de música, como acontece, aliás com todos os significados mencionados acima.

Veja o depoimento dos informantes:

I: A agente tem um *tambor* da gente difumá o premêro dia tem um *tambozim* de madêra que a gente difuma a premêro leite naquilo ali rasga aí droba aí faz o principe ...faz o principezim e dali que a gente vai levando do principe inté chega na burracha né (M. A .N.- BRA 13)

P: Eu sei... mas aí antes pra começar a borracha

I: A agente tem um *tambor* da gente difumá o premêro dia tem um *tambozim* de madêra que a gente difuma a premêro leite naquilo ali rasga aí droba aí faz o principe ...faz o principezim e dali que a gente vai levando do principe inté chega na burracha né (F.M.A .F -BRA 17)

I: A agente tem um *tambor* da gente difumá o premêro dia tem um *tambozim* de madêra que a gente difuma a premêro leite naquilo ali rasga aí droba aí faz o principe ...faz o principezim e dali que a gente vai levando do principe intê chega na burracha né (M. A .N. -BRA 13)

I: Ah sim o premero né é um chamo um *tambozim* né muita gente chama *tambô* é um um rolozim de pau assim conforme o tãmei que quêra fazê né se é burracha é mais comprida ...faz maior [sei] e tem gente que faz ela quase redonda né pois bem aí difuma naquele rolo de pau difuma difuma até ficá assim u'a grossura assim de quato dedo aí parte assim tira abre as banda assim que fica bem molim né as banda assim molim que parece leite de gado qualhado ...aí coloca pega oto pedacim de pau assim ruliço né conforme a grossura do cavadô que vai difumá aí inrola ele imprensa ele que ele gruda né gruda aí mete o cavadô ...(M.T.C.- XA 09)

TARUGO

Antenor Nascentes, citando Cortesão, afirma que *tarugo* é de origem cast. J. Corominas diz que é de origem incerta, provavelmente pré-romana, e significa “torno ou prego de pau com que se ligam ou prendem uma às outras duas peças de madeira, duas tábuas etc.”. “Pedaço de pau que se coloca nos tetos, entre caibro e caibro”. Também tem a acepção de: “homem forte”, “baixo”, “grosso atarracado” (Aul.).

Neste levantamento, designa um pedaço de madeira, geralmente de algodoeiro ou cedro, de forma cilíndrica, que serve para defumar o primeiro leite da seringueira para formar a péla. É sinônimo de *principeiro* (q.v.) e *tambor* (q.v.), como se verifica no testemunho abaixo:

I: É não ali o *tarugo* era de era assim o objeto que ele usava pra pra fazê o cumeço da burracha pra ela ficava assim bem grossão né aí ele num ia ele num perdia muito tempo pra jogá porque se era no cavadô que é finim né [hunrum] ali ele ia jogá muita latada de leite ali pa pudê ficá grosso né e sendo ali ele depois que jogava pôcas lata de leite que ele cortava e muía né [sei] aí já ficava que ele inrolava já ficava assim bem grosso né já tava mais faci de ele logo difumá porque quanto mais a burracha seja maiô mais ligêro difuma (D.B.A -ASBR 24)



TERÇADO

Segundo A .G. Cunha, *terçado* é derivado de *terço*, do lat. *tertius*. Aulete acredita na formação de *terçar*, part. de *terçar* que significa “espada curta e larga”, “facção grande”. “Que tem três coisas de mistura; pão terçado de farinha de

milho, trigo e centeio”. “Atravessado”; “encourado: com duas lanças terçadas”. “Duas chalaças terçadas entre dois amigos” (Aul.).

No inventário em estudo, *terçado* é o instrumento cortante, composto de uma lâmina longa, afiada de um só lado, com cabo de chifre, madeira ou outro material resistente, utilizado pelos seringueiros para partir os ouriços de castanha e roçar ou cortar o mato; quando ficam por demais desgastados para esses usos, são utilizados para raspar a epiderme do caule da seringueira. Popularmente, é mais conhecido como facão.

I: Premêro a gente roça as istrada né [hãrã] pega um *terçado* cumo nois chama os pessoal do sul chama facão nois chama *terçado* a gente roça cum o *terçado* e depois raspa a bandêra cumo nois chama dividi a siringuêra todina aí raspa aí cumeça a cortá (J. M. A. -ASBR 25)



TIGELA

Do lat. **tegella* por *tegula*, “telha” (REW 8614). “Vaso côncavo de barro, louça ou metal em forma de chávena, sem asa, onde se serve sopa, caldo etc.”. “Vasilha que se coloca abaixo da incisão feita na seringueira, para recolher a seiva”. “Medida e capacidade para secos, equivalentes a um litro”. “Antigamente, copo da espada” (Aul.). “Pequeno texto ou disco de barro sobre que se colocam certos doces para serem levados ao forno”. Popularmente, “égua”, “pichorra”. “Vaso grande onde se vão juntando as águas da cozinha para depois se despojarem” (Melh.).

Nos pontos pesquisados, *tigela* é um recipiente de alumínio ou flandres, que o seringueiro utiliza para colher látex da seringueira; em geral, são feitas de latas de óleo ou latas de conservas. Tem uma aparência meio afunilada, como uma espécie de caneca e, em geral, mede de oito a nove centímetros: as bordas são bem afiadas para facilitar a entrada na casa da seringueira.

I: aí tem estrada é corta cum a cabrita e colhe cum essas *tigeliNa* vê se tu acha Chico u’a pra mostrá pra ela coloca aquelas *tigeliNa* ali aí aquele leitim vai desce::no poquim :: naquele tracim bem istreitim até até dá um balde dois balde três balde conforme a istrada grande né istrada de centi e quarenta madêra centi e cinquenta madêra [eu sei] tem que cortá tudim ah é a vida triste do siringuêro (M.L.O .S -ASBR 27)

I: U’as *tigeliNa* assim que imbote assim

P: Ah imbote ? Aí depois depois é que ele colocava

I: Infia na casca da siringa intão enquanto ele ia im casa almoçá (...) chama-se *tigela* (M.T.C-XA 09)

TOQUEIRO

De *toco* (ô) + *-eiro*; *toco*, segundo Aurélio, é de origem incerta, pré-romana, talvez. “O que se deixa subornar: toquista”. Na Amazônia, “o seringueiro que vende a borracha ao patrão” (Aul.).

Nesta pesquisa, *toqueiro* é o trabalhador do *seringal* (q.v.) encarregado de auxiliar o *mateiro* (q.v.) na abertura das estradas de seringa. Seu trabalho consiste em cortar o mato até chegar à seringueira, na qual o *mateiro* deixou um sinal.

I: Era duas pessoa o matêro ia marcando o rumo né das siringuêra quano ele chegava cumo bem aqui tiNa u’a ele dexava o compãêro dele aqui né cumo bem aqui (**) tem u’a siringuêra ele chegava aqui (**)aí o oto chama-se *toquêro*

P: Ah tiNa o toquêro

I: Que justamente quando boto im pique que dize vai impicá u’a istrada né porque chamo *toquêro* porque num vão limpando já cumo taí o varadô limpo né por baxo vai só fazeno assim cortano que fico os toco dos pau tudo assim(**) né

I: Altim cumo esse daqui aí por isso é que chamo o compãêro do matêro *toquêro*

P: E o toqueiro é que vai cortar?

I: É aí o matêro dexa ele aqui e gãia a mata né ...gãia a mata quando ele acha duas três siringa quato aí ele grita de lá grita de lá po tal toquêro que fica aqui ...[hunrum] e o toquêro vai daqui pra cá e ele vem de lá pra cá aí incontro né [certo] aí vai de novo dexa ele o *toquêro* mais adiante e assim até que (M.T.C -XA 09)



TREPEÇA

Formação do b. lat. *tripetia*. “Banco com três pés”. “Aparelho que se arma em forma de tripeça, e sobre o qual se assenta a máquina fotográfica, o telescópio etc.”. “Instrumento de sapateiro formado por três formas de ferro ou pés”. “Ofício de sapateiro”. “Grupo de três pessoas que andam sempre juntas” (Aul.).

Nesta pesquisa, *trepeça* é sinônimo de *pé-de-burro* (q.v.), *jumento* (q.v.) e *pontão* (q.v.). A forma desse instrumento nada tem a ver com o sentido etimológico (três pés); a aplicação do vocábulo ao objeto ou à *peça* deve-se, sem dúvida, à chamada etimologia popular, que o ligou à finalidade de *trepar* na seringueira: *trepar* + *peça*, o que explica também a passagem /i/ > /e/.

P: Aí aquela escadinha que sobe como é que chama?

I: É a *trepeça* [trepeça?] é (A . J.L.F. -BRA 14)

I: *Trepeça* é assim um pau eu vô fazê pa siNora vê [hunrum] ...é muito alto quando a siringa é muita a bandêra é cumo aqui ô [hunrum] fica aqui (**)essa altura aqui (**) aí a gente tira um pau cumo esse grosso quer dizê aqui é a siringuêra né [isso] aí a gente tira aqui esse pau faz assim :

- Minino tira u'a furquia ali aí a gente tira esse pau aqui ô aí mete aqui [certo] aí pou pou aqui aí nois chama degrau que é pa pisá aqui ô subi aqui que é pa alcançá cortá qui im cima [ah tem que cortar uns pedacinhos] é porque assim num pode subir ô assim desliza né [(os dente)]

P: Ah faz uns dentinhos né?

I: É tem que cortá assim (**) aí assim que é pa pisá aqui ô aí sobe aqui aí corta aí quano a gente diz que caiu da trepeça é quano iscorrega pa ou intão a trepeça pa torô aí caiu (!!!) quebrou a *trepeça* o caba ia morreno (M.L.O . S. ASBR-27)

TRILHA

Formação regressiva do lat. *tribulare*, “debulhar”; cast. *trillar*, it. *tribbiare* (Nasc.). “Ação de trilhar”. “Debulha de cereais na eira”. Em Trás-os-Montes, significa “cereal estendido na eira para ser pisado”, “também tem acepção de trepa, sova, carga de pau”. “Vestígio, rasto de uma pessoa ou animal deixou no sítio onde passou”. “Trilho”, “caminho”, “vereda”, “senda”. “Caminho a seguir”, “norma”, “exemplo”, “carreira” (Aul.). “Dar na trilha”, “acertar com os intentos”, “adivinha a intenção de alguém”. *Seguir a trilha de alguém*, “imitar alguém”, “tomar-lhe por modelo o procedimento” (Melh).

No inventário em estudo, *trilha* são as marcas deixadas pelas pegadas dos animais silvestres, pelas caças. Esse sentido já está dicionarizado. Tem como variante *trilho*.

P: Varadô [(varação)] e quando tem só caminho de bicho por exemplo que tem um monte pegadinhas de pa::ca tatu::?

I: Não é *vareda* que nois chama

P: A é *vareda*?

I: É *vareda* mas pode chamá também de trilho ou *trilha* o chão fica todo triiado de pisada de paca (F.M.A . F.-BRA 17)

TRILHO

Do lat. *tribulum*, “instrumento de ferro, munido de dentes, usado para retirar os grãos do trigo; às vezes puxado por cavalo ou burro, fazia sulcos por

onde passava”. Nascentes, baseando-se em A. Coelho e no REW (8886), diz que *tribulum* deu o cast. *trillo*, it. *tribbio*. No entanto, observa M. Lubke que o cast. e o port. pela forma derivam de *tribulu*, mas o objeto designado nada tem de comum com o *tribulum* latino a não ser a função, porque não lhe corresponde nem quanto à forma, nem quanto à maneira de utilizar. No sentido de caminho, A. Coelho tira de *trilhar* (Nasc.). *Trilho* significa “cilindro ou rolo de madeira com dentes de ferro, puxado por animais, com o qual se trilha ou debulha o trigo na eira”. “Instrumento de bater a coalhada para fazer queijo”. “Caminho direção”, “via”, “norma”. “Carril de ferro, sobre que andam trens, bondes e outros veículos”. No Minho, “junta de bois, que no arado de pau, é a segunda das quatro que o puxam”. “Modo de viver ou de pensar” (Aul.).

Nesta pesquisa, *trilho* é variante de *trilha*. Observa-se que ambas as formas aproximam-se do étimo por semelhança, pois designam os vestígios deixados pelas patas dos animais de caça.

P: Varadô [(varação)] e quando tem só caminho de bicho por exemplo que tem um monte pegadinhas de pa::ca tatu::?

I: Não é *vareda* que nois chama

P: A é *vareda*?

I: É *vareda* mas pode chamá também de *trilho* ou *trilha* o chão fica todo triiado de pisada de paca (F.M.A . F.-BRA 17)

TROPA DE BURRO

Antenor Nascentes, citando A. Coelho, apresenta as formas no cast. *tropa*, o fr. *troupe* e o prov. *trop*. Segundo ele, é de origem incerta; Figueiredo deriva do it. *trupa* (sic) . M. Lubke (REW 8938) considera-o um derivado regressivo de *tropel*. Pacheco e Lameira tiraram do lat. bárbaro *trupus*, *trupa*, “rebanho” (Nasc.). “Grande número de soldados de qualquer arma”. “Multidão de pessoas juntas”; “bando, aglomeração de gente”. No Rio Grande do Sul, “tropa de gado, ou simplesmente tropa, grande porção de gado que vem em viagem para o corte”. “Caravana de bestas de carga”. Na antiga acepção em Minas Gerais, era “grupo de escravos que, dirigidos por empregados livres, trabalham na extração de diamantes em lugares chamados serviços” (Aul.). “Tropa de barro ou tropa de cachimbo: tropa irregular, constituída por civis”. “Tropa de linha”, “militar”; “tropa desatinada a formar um corpo de batalha”, “tropa de resgate”. Na região amazônica, “grupo de entradistas que preavam índios para a escravidão”. São várias as expressões com a palavra *tropa*: *tropa fandanga*, *tropa*

milicianas, tropas de desembarque, tropas irregulares, tropas ligeiras, tropas mercenárias (Melh.).

Nos pontos pesquisados, *tropa de burro* é o grupo de animais de carga (bois e burros), que transportavam os fardos de mercadoria para os seringais e ao retornarem, traziam a produção de borracha para o barracão. Essa acepção se enquadra na acepção de conjunto, sentido já dicionarizado. É sinônimo de *comboio* (q.v.).

P: E como que chamava esse?

I: A gente chamava sabe como é o brasileiro tem várias língua né gíria né [sei] chamava lá vem o combói ou lá vem a *tropa de burro* era assim que a gente chamava

P: Ah chamava tropa também né?

I: É (B.F.S -PC 34)

TUBIBA

Do tupi *tu'biba*, abelha meliponídea (*melipona tubiba*) (Aur.).

No inventário em estudo, *tubiba* significa uma correia, feita com látex para amarrar a boca do saco encauchado. Geralmente, para fazê-la, coloca-se o látex em talos da folha do mamoeiro até que fique coagulado. Essa aplicação do termo, possivelmente se tenha dado pela semelhança ou aparência do ninho da abelha com a da folha do mamoeiro com o látex coagulado, de cor escura. Tem como variante *tobiba*.

I: Taquari [taquari?]é ou taboca é um cãNio ocado que tem na mato um pau né eles tem assim tipo cana ele tem o gomeziNo ali dum pro oto é ocado e aí tem aqueles pé no mei que é síguero né que num vaso e a gente cortava na frente dum aí inchia fazia as liga butava pa seca e quano tava sequiNo a gente fazia a *tubiba* que a gente chamava né era a *tubiba* (M.S.C -PA 38)

I: Não o nome certo da gente chamá mermo é correa nós só chama correa de amarrá saco agora que otos chamo liga otos chamo *tobiba* de amarrá saco (F. G. O. - BRA 16)

VARAÇÃO

Do lat. *varatione* “ação ou efeito de varar”, “varadouro”, “ transporte de embarcações por terra, nos saltos, cachoeiras, corredeiras” (Aul.).

Neste inventário, *varação* é um caminho estreito, feito para interligar as colocações de um seringal, conservando semanticamente a ideia de “varar”, “passar com alguma dificuldade”. Veja o depoimento dos informantes:

I: Não que ...o camim que só anda gente mermo é vamo dizê é é a *varação* (A.J.L.F-BRA 14)

P: E caminho assim que você tem uma estrada de seringa né daí você corta um pouquinho pra ir deixar um balde de leite num saco por exemplo?

I: É *varação*

P: Ah é *Varaço*?

I: Faz aquela *varaçoziNa*

P: Aí só chama *varaço* mesmo?

I: Que eu cuNeça só (J. A .M.- ASBR 19)

P: A tem a boca da estrada ainda ? [é] O que é a boca da estrada ?

I: É a gente vai pelum camim aí chega lá na frente aí tem u'a madêra assim (**) aí abre u'a u'a assim (**)u'a perna assim (**)ota assim(**)aí vão quano chega lá na frente que tem cortado u'a porção de madêra aí tem u'a *varação* onde a istrada passa perto u'a da ota assim (**) num sabe? Aí a gente vara pa ir pa ir dexá o leite ...aí cói aí vai por borda que é o rodo que é o rodo que a gente chama aí quano fecha o rodo aí já vem pra casa (R.O.O.XA 02)

VARAÇÃO DE LEITE

Varaço de leite é a mesma *varaço*, descrita no tópico anterior. Contudo, a restrição *de leite* designa o caminho feito pelo seringueiro para encurtar o caminho a ser percorrido dentro das estradas de seringa; em geral é usado quando o seringueiro está levando o saco de látex, muito pesado. É um caminho reto, que não se atém às árvores de seringa. Confira o depoimento do informante:

I: Bom aí tem a *varaço de leite* que a gente faz que é pa dexá o leite que pa num tá carregano nas costa [a *varaço de leite* é quando o senhor[é] corta um caminho?] é [então] pu inxempo ó a gente vamo dizê a gente passa a gente vai:: pega cinquenta madêra né aqui ela passa pertim a base de vinte méto trinta méto cinquenta méto as veiz até cem méto as veiz tem *varaço de leite* né a gente vai cum um balde ou dois balde de leite então o rodo quano chega... pra aquele rodo só dá um balde de leite aí a gente já pega já faz u'a *varaço* que é pra gente num carregá aquele peso aí a gente já dexa ele lá [hãrã eu sei] a gente dá o rodo e chega dispeja aí (F.G.O -BRA 16)

P: Ah interessante o seu Raimundo e são só esse caminhos que o senhor conhece da mata?

I: (()) Tem também as *varaço* [hunrum] né a *varaço de leite*... tãém se a istrada se eu colho a base a ...cinquenta madêra aí já tem u'a *varaço de leite* eu eu chego aqui e dexo o balde aí varo dexo o saco já lá na ota perna né aí daqui eu entro culheno quano chego lá já pego o saco boto nas costa e vô me imborna chegá nota *varaço* que a

istada faz a volta varo de novo chega lá arreo de novo colho que chego lá pego o saco aí vô me imhora de novo [eu sei] essa é a varação que a gente chama *varação de leite* (R.N.S. – XA 05)

VARADOURO

Palavra derivada de *varar*, com a variante *varadoiro*. “Lugar baixo de pouca água, à beira-mar ou à margem de um rio, onde se varam embarcações”. No Maranhão e nos estados do Norte, há a variante “varador”. Em sentido figurado, “lugar onde um grupo de pessoas se reúne para descansar e conversar”. Na acepção amazônica, significa “canal aberto com rapidez, e que permite a passagem de um rio para outro em curtíssimo tempo, a fim de se evitar os acidentes de curso”; “canal que liga um lago com um rio”. No Pará, “atalho dum rio que, atravessando a várzea submersa para encurta o caminho”. Na Amazônia e no Mato Grosso, significa “caminho aberto na mata e que vai ter ao centro, ou vice-versa”.

Neste inventário, *varadouro* é um caminho longo, feito para dar passagem entre as *colocações* (q.v.) e *seringais* (q.v.); é o caminho que vai até à cidade por onde passam as pessoas e também os animais de carga. Confira o depoimento dos informantes:

I: Não que ...o camim que só anda gente mermo é vamo dizê é é a varação [hunrum] agora camim que é cultivado de andá animal e tudo aí é *varadô* [a tem varadouro] é é o varadô (A . J.L.F. -BRA 14)

I: É... Nós costumamo a chama de:: varadô:: e também costumamo a chamá a *varadô* é aqueles que passa ãnimal né ãnimal carguero [ha] é::

P: Passa gente também

I: É passa gente ... e animal nem que seja cavalo burro boi esses são os *varadô* né [hara] e aí ... por otos canto naquele varadô aquele varadô as veiz custuma dá hora ... hora e mea [hara] por disviano aquelas cabeça de grota né as ladêra e aí por otos canto pra merma colocação tem otro camiNo que chama de varação aí essa varação é mais pertim pra ota as veiz pra u’a distância que dá u’a hora ela atai mais dez minuto quinze minuto aí fica de meno aí a pessoa vai pela varação é mair perto (O . B. -BRA 10)

VAREDA

Nos dicionários pesquisados não há referência à palavra *vareda*, somente a *varedo*, “conjunto de vigotas de madeira ou de ferro, que sustentam o ripado no telhado”.

No inventário em estudo, *vareda* significa caminho dentro da mata feito pelas constantes pegadas dos animais silvestres. Talvez, exemplo interessante

de etimologia popular, por associação com varar, *varação*, *varadouro*, donde *vareda* por *vereda*.

P: Varadô [(vara)ção] quando tem só caminho de bicho por exemplo que tem um monte pegadinhas de pa::ca tatu::?

I: Não é *vareda* que nois chama

P: A é *vareda*?

I: É *vareda* (F.M.A . F.-BRA 17)

P: Varadô ? Mas bi bicho pequeno assim por exemplo paca cutia caminhos

I: São as *vareda* que tem pela

P: Tá certo aí só chama *vereda* mesmo?

I: *Vereda* otos chamo camiNo de paca mermo cutia camim de tatu

(P.S.S. -XA 07)

I: Que só passa caça né? [é que passa animal] é nós chamamos de *vareda* né inxiste vários espécie de de animais que faz *vareda* é [haram] por inxemplo a paca né o tatu é a paca costuma só a fazê o camiNo dela então se na *vareda* da paca sempre passa só paca né na *vareda* da do tatu sempe passa só o tatu [a é?] e na *vareda* do porco passa o porco e o veado (O . B. BRA 10)

VEREDA

Segundo Nascentes, *vereda* vem do lat. *vereda* <*veredu*, “cavalo de posta”, de origem céltica e calcado em *veredus*, “cavalo de pasto”. Nascentes citando A . Coelho e M. Lubke (REW 9226) diz que eles atribuem a mesma origem. A. Coelho considera o port. *vereda* um empréstimo do castelhano. Cornu considerou-a como de origem incerta; já Equilaz prendeu ao berbere *abered*, “senda” . Segundo J. Corominas, é tomado do b. lat. *vereda*, do lat. *veredus*, “cavalo de posta”. *Vereda* também pode significar “caminho estreito”; “atalho”, “senda”, “rumo”, “direção”, “carreira”, “ordem ou modo de vida”. “Grupo de matas cercadas de campo”. “Local fértil, com vegetação abundante”. No Nordeste, “a região com maior abundância de água, localizada em vales, nas zonas das caatingas”. Na Bahia, “a várzea de um rio”. Em Goiás, “clareira na vegetação rasteira”. Na região do centro, “o grupo de matas cercadas de campos, com renques de buritis e pindaíbas pelos cerrados”. Em botânica, “a vegetação mesclada das formações das regiões semiáridas, localizadas num solo arenosos aluvial com relva dura”. “O mesmo que pomar” (Melh.).

No inventário em estudo, é variante de *vareda*, portanto, trilha primitivamente feita pela passagem constante de animais. Confira o depoimento do informante:

P: E caminho que só passa caça?

I: Aquele caminho que só passa caça é é vereda

P: Tem a vereda?

I: É a *vereda* que passa as caça

P: E assim quais são as caças que tem ? Que fazem vereda?

I: É ... é viado tatu paca (J.F.M. - PC 28)

CONCLUSÃO

Pesquisar o léxico do seringueiro do Vale do Rio Acre fez aflorar um mundo totalmente novo, que até então estava adormecido e fazia parte apenas do mundo da imaginação, apesar de ter nascido na capital do estado. Com esse trabalho foi possível desvendar realidades totalmente novas, uma das quais foi conhecer um pouco da vida no meio da selva, a paz e a harmonia entre o homem e a natureza, sendo que esta oferece ao homem o básico para a sua sobrevivência e a ele cabe o papel de enfrentar bravamente a batalha para poder sobreviver nesse meio.

O seringueiro tem um modo de vida próprio no meio das matas e, sendo ele um ser pensante, procura criar palavras para denominar as coisas concretas que o rodeiam e de que necessita para auxiliá-lo em seu trabalho ou em sua vida cotidiana. No entanto, a amplitude da vasta imensidão das matas restringe o seu universo de criação lexical, que muitas vezes segue o processo de derivação por comparação ou semelhança com as coisas concretas que estão à sua volta; outras vezes o princípio da denominação segue a representação imaginativa.

Com esse estudo ficou patente o caráter concreto do vocabulário do homem rude dos seringais. Em sua luta pela vida, não há espaço para abstrações. A concretude do mundo que o cerca lhe inspira as denominações tanto dos objetos que usa, como das ações que deve praticar.

Procurou-se, ao longo desse trabalho, registrar e documentar vocábulos que fossem representativos do léxico do seringueiro do Vale do Rio Acre, pois a língua, segundo A. Darmesteter, está em constante evolução e nela concorrem sempre duas forças opostas: uma que determina a conservação de termos clássicos do idioma e outra que motiva, no nível lexical, a criação de novos termos, e por estar o processo de produção da borracha passando por diversos experimentos, para que sejam encontradas formas que auxiliem o seringueiro e diminuam seu esforço nesse trabalho, surgem novas técnicas, em detrimento disto, novas palavras surgem para designar os objetos e coisas, ao passo que outras caem em desuso, chegando às vezes ao esquecimento do objeto usado e da palavra que o designa, pois o aprendizado da língua não é igual para todos. Esse fato dificulta às futuras gerações o conhecimento desses vocábulos. Durante o desenvolvimento desse estudo, foi possível observar que comparando as faixas etárias o surgimento e ou desaparecimento de palavras foi bastante claro, pois palavras que faziam parte do cotidiano do seringueiro, algumas décadas atrás, já não são correntes no vocabulário dos mais jovens. Somente os informantes mais idosos conhecem determinadas expressões. A título de exemplo, a palavra *aviação* foi substituída pelas expressões *feira* ou *fazer o mercado*. Na tentativa de salvar e mostrar a história dessas palavras é que se desenvolveu este trabalho; visto que a língua é a representação em miniatura de toda a cultura, sabe-se que essa foi uma pequena contribuição para o estudo do léxico, pois ainda há um longo caminho a ser percorrido e explorado, já que o presente estudo ficou restrito ao vocabulário, poder-se-ia dizer, “técnico”, das atividades específicas do seringueiro do Vale do Rio Acre.

Por outro lado, do ponto de vista diacrônico, comprovou-se que as tendências internas, próprias da língua portuguesa, continuam presentes. Cumpre destacar algumas apenas para exemplificar, como a redução do ditongo /-ei-/ > /-e-/ em *marretero*, *seringueiro*, *toquero*, *maíero*, *panero*, etc.; a redução de /-ndo/ > /-no/ em *ditocano*, *falano*, *dispejano*, *quebrano*. Notável é ainda a redução, na região, do sufixo diminutivo *-inho* > *-im*, como em *fininho* > *finim*, *pauzinho* > *pauzim*, *feijãozinho* > *feijãozim*, *direitinho* > *direitim*. A apócope do /-M e do /-r/ é uma constante em todas as palavras: *favorave*, *anima*, *lugá*, *dispejá*, *quebra*, *cuiê*, em que é clara também a despalatalização, também constante, do /-lh-/ > /-i-/ (*trabaiá*, *fornaia*, *gaio*, *quaiada* (<*coalhada*), *foia*), fenômeno, aliás, panromânico, como cast. *hoja*, fr. *feuille*, log. *foya*, rom. *foaie*.

Estando as tendências internas da língua portuguesa vivas é possível explicar formas usadas na linguagem do seringueiro, embora muitas delas remontem

a raízes latinas e, frequentemente, panromânicas, como ficou assinalado nos respectivos tópicos.

Por outro lado, ponderável foi o número de empréstimos léxicos fornecidos pelo castelhano dos países limítrofes, fato, aliás, esperado, além do enriquecimento lexical com palavras fornecidas pelas línguas indígenas, principalmente as de origem tupi, tronco linguístico que mais contribuiu para a raiz da formação da língua nacional, a presença marcante de palavras de origem tupi deve-se ao motivo de ter sido a mão de obra dos seringais basicamente nordestina, no entanto algumas palavras indígenas, ao longo da corrente migratória adquiriram aceção específica naquela região.

Ressalte-se ainda a validade dos métodos onomasiológico e *Wörter und Sachen*, que se mostraram eficientes na elaboração deste trabalho. Apontaram os caminhos seguidos na denominação dos objetos, revelando a visão do mundo dos falantes, sobretudo no que se refere aos objetos específicos da região estudada.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIOS PRINCIPAIS

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta S. A, 1964.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. 3ª reimpresión, Madrid: Editorial Gredos, 1991.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira da língua portuguesa, 1996.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico Resumido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação, 1966.

_____. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 1. ed., Rio de Janeiro, 1932.

_____. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 1. ed. 2ª tiragem. Rio de Janeiro, 1955.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1992. 2 v.

SILVA, Adalberto Prado e (Org.). **Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado**. 3. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1965.

WARTBURG, Oscar Von. **Dictionnaire étymologique de la langue française**. 5. ed. Revue et augmentée Presses universitaires de France, 1968.

W. von MEYE-LUBKE. **Romanisches etymologisches Wörterbuch**. Heidelberg: Carl Winter-universitätsvelag, 1972.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Wener. **Dicionário de terminologia linguística atual**. Madrid: Editorial Gredos, 1981.

AGUILERA, Vanderci de A. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 20. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1967.

ALVAR, Manuel. **Dicionário general ilustrado de la lengua española**. 1. ed. Barcelona, 1987.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo-criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto Caipira**. São Paulo: Anhembi, 1953.

ANDERSON, James M. **Aspectos estructurales del cambio lingüístico**. (Vers. esp. de José L. Melena). Madrid: Gredos, 1977.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Aspectos da linguagem dos castanheiros da região de Marabá – Pará**. 1985. 510 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. **Gramática ilustrada**. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Moderna, 1978.

_____. **Gramática ilustrada**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva da. **Atlas lingüístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas**. Brasília: UFPB/ CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

_____. **Atlas lingüístico da Paraíba: análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

AUERBACH, Eric. **Introdução aos estudos literários**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **Introduction aux étues de philologie romane**. Frankfurt. am Main: Vittorio Klostermann, 1949.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta S/A., 1964.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Iniciação em crítica textual**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Composição e derivação: Indistinção?** São Paulo, USP, 1995. (artigo inédito).

_____. **A Parassíntese: Teoria e Prática.** Essen:Die Blaue Verlag, 1993.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos.** 2. ed. revista, São Paulo: Global, 1981.

_____. **Estudos Linguísticos XIX. Anais de Seminários do GEL.** Bauru: GEL, 1990.

BECHARA, Ivanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 31. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral.** São Paulo: Ed. Nacional – EDUSP, 1976.

BERTONI, Giulio. **Introdução à filologia.** Tradução de Giuseppe Carlo Rossi. Lisboa: Clássica, 1943.

BOPP, F. **Grammaire comparée des langues indo-européennes.** Tradução de Michel Bréal. Paris: Lib. Hachette, 1895.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos.** 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

_____. **Pequeno vocabulário de linguística moderna.** São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

BRANDÃO, Myris. **Acre - O Estado da Florestania na Amazônia Brasileira.** Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Myris/apres-antes-e-depois-resumo-vf>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática S. A. 1991.

Brasil. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal/ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. **Placa bruta defumada de borracha natural (PBD) (Cartilha)**. Brasília, DF, 1995.

Brasiléia acre b. Disponível em: <<https://3dejulhonoticias.com.br/brasileia-acre-b/>>. Acesso em: 31 jan. 2019

BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 7. ed. revista. São Paulo: Editora Saraiva, 1968.

BYNON, Theodora. **Linguística histórica**. Vers. esp. de José L. Melena. Madrid: Gredos, 1981.

CÂMARA JR, J. Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão Liv. Ed. Ltda, 1975.

_____. **Dicionário de Filologia e gramática**. 4. ed. revista e aum. Rio de Janeiro: Editor Jozon, s/d.

_____. **Princípios de linguística geral**. Todas as edições.

_____. **História da linguística**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CARDONI, Hélio Guimarães. **Conquista do Acre em quadrinhos**. 2. ed. Curitiba: Linarth, 1986.

CARRETER, Fernando Lázaro. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica Editorial Gredos, 1971.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de. **Teoria da linguagem**. Coimbra 1984. 2 v.

_____. **Coisas e palavras: alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica**. Coimbra: Coimbra Editora, 1953.

CASTRO, C. D. M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: Ed. M.C. G. RAW HILL do Brasil. 1976.

COELHO, Jacinto Prado. **Filologia e literatura: o estudo de variantes**. Rio de Janeiro, Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, UFF/CRB, 1973.

COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. **Dicionário crítico etimológico castellano e hispánico**. Gredos: Madrid, s/d.

COSERIU, Eugênio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

CROWLEY, Terry. **An Introduction to historical linguistics**. Auckland: Oxford Univ. Press, 1992.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso. **Filologia e linguística**. Rio de Janeiro, Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, UFF/CRB, 1973.

_____. **Gramática moderna**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alvares S. A., 1970.

D'ALBUQUERQUE, A. T. **Dicionário Espanhol-português**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, s/d. 1º. Volume.

DARMESTER, A. **La vie des mots étudiés dans leurs significations**. 19. ed. Paris: Lib. Delagrave, 1937.

DEARMOND, R. C. The concept of word derivation. **Língua**, Amsterdam, v. 22, n. 4, p. 329-336, 1969.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 12. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.

ELGIN, Suzarte Haden. **Que é linguística?** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

ELLIS, Jeffrey. **Towards a general comparative linguistics**. The Hague: Mouton, 1966.

Enciclopédia Abril. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industria, 1971.

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopédia Britânica do Brasil Publicações LTDA. 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Ver. e aum. 8ª impressão. Rio de Janeiro, 1986.

FERREIRA, C. S., MOTA, J. A., FREITAS, J. M. A., ANDRADE, N. M. C., CARDOSO, S. A. M., ROLLEMBER, N. R. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA/ Instituto de Letras/Fundação estadual de cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.

GARCIA, Othom Moacir. **Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever aprendendo a pensar**. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.

GARRET, Andrew. Indo-european reconstruction and historical methodologies. **Language**, Baltimore, v. 67, n. 4, p. 790-804, 1991.

GAUGER, Hans-Martin. **Introducción a la lingüística románica**. Vers. esp. de Elisabeth Shaible y José Garcia Álvarez. Madrid: Gredos, 1989.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e o ensino do português**. Tradução Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, S/D.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998.

GREENBERG, Joseph H. Rethinking linguistics diachronically. **Language**, Baltimore, v. 55, n. 2, p. 275-290, 1979.

_____. Synchronic and diachronic universals in phonology language. **Language**, Baltimore, v. 42, n. 2, p. 508-517, 1966.

GUIRAUD, P. **Structures etymologiques du lexique français**. Paris: Lib. Larousse, 1967.

HERRERO, Victo José. **Introducción al estudio de la filología latina**. Madrid: Gredos, 1965.

HILL, Archibald Anderson. **Aspectos da linguística moderna**. Tradução de Adair Pimentel Palácio, Maria do Amparo B. de Azevedo e Maria Antonieta A. Celani. Apresentação da ed. brasileira por Isidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1972.

HJELMSLEV, Louis. **Sistema lingüístico y cambio lingüístico**. Vers. esp. de Berta Pallares de R. Arias. Madrid: Gredos, 1976.

HOCK, Hans Henrich. **Principles of historical linguistics**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1986.

<https://www.f5news.com.br>. Acesso em: 31 jan. 2019

[https://www.familysearch.org/wiki/pt./](https://www.familysearch.org/wiki/pt/) Acesso em: 31 jan. 2019

<http://www.IBGE.gov.br>. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O que há de novo, característica do território brasileiro, s/d.

Igreja de São Sebastião. Disponível em: <<http://www.agencia.ac.gov.br/igreja-de-sao-sebastiao>>. Acesso em: 31 jan. 2019

IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico regional: Análise de algumas “marcas” de conservadorismo linguístico.** Taubaté: Anais de Seminários do GEL. 1996.

JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de linguística.** Rio de Janeiro: Presença, 1976.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português.** São Paulo: Editora Ática, 1992.

KEILER, Alan R. **A reader in historical and comparative linguistics.** New York: Holt, Rinebart and Winton, 1972.

KIPARSKY, Paul. **Linguística histórica.** In: LYONS, John. (Org.). **Novos horizontes em linguística.** Tradução de Edward Lopes. São Paulo: EDUSP, 1975.

KRISTEVA, J. **História da linguagem.** Lisboa: Edições 70, 1974.

KUAE, L. K. N.; BONESIO, M. C. M.; VILELA, M. C. O. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses.** São Paulo, 1991.

LEROY, M. **As grandes correntes da linguística moderna**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979.

LEWANDOWSKI, Theodor. **Diccionario de linguística**. 3. ed. Madrid: Catedra linguística, 1992.

LESSA, Luiza Galvão. **Projeto – Centro de estudos dialectológicos do Acre-CEDAC**. Rio Branco, 1990.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, s/d.

LUFT, Celso Pedro. **Gramática resumida: Explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel; revisão e supervisão Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MARTINET, André. **Conceitos fundamentais de linguística**. Tradução Wanda Ramos. Lisboa: Editora Presença, 1976.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1957.

MENDES, Armando. **Vocabulário amazônico: estudos**. São Paulo: Sociedade impressora brasileira, 1942.

MERINGER, Rodolfo. **Linguística indoeuropea**. Madrid, Victoriano Suárez, 1923.

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário Paraense ou coleção de vocábulos Peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó**. Universidade Federal do Pará, 1968.

MOUNIN, Georges. **História da linguística**. Porto: Despertar, s/d.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Instituto Nacional do Livro, 1966.

_____. **Dicionário etimológico de língua portuguesa**. 1. ed. 2ª tiragem. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932. 2 v.

_____. **Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S/A., 1976.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de Tupi Antigo: A língua do Brasil dos primeiros séculos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

Nova Enciclopédia BARSÁ. São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações LTDA, 1997.

OLIVEIRA, Valdir de. **Aquiri (1898 – 1909) Os padrões e a construção da ordem**. 1993. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

Panorama Brasil/Acre. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/panorama>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

PAUL, Hermam. **Princípios fundamentais da História da Língua**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

PERROT, J. **A linguística**. São Paulo: Difel, 1970.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **O Método filológico: comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários.** In: **A lição do texto: filologia e literatura, I Idade Média.** Lisboa: Edições 70, 1979.

PINAULT, G. (artigos). In: AUROX, S. **Histoire des idées linguistiques.** Tomo I. Liege: Pierre Mardaga, 1990.

POLON, Luana. **Acre: mapa, história e curiosidades.** Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/acre-mapa-historia-curiosidades/>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

Poronga Educação na floresta / Centro de trabalhadores da Amazônia. Rio Branco: Editora Poronga, 1996.

POTTIER, Bernard. **Estruturas linguísticas do português.** Difusão Europeia do livro. São Paulo. 1972.

PROJETO TCBOR. **Instruções gerais de produção da folha de defumação líquida – FDL – Brasília,** 1998.

RANCY, Cleusa Maria Damo. **Raízes do Acre: 1870-1912.** 2. ed. Rio Branco: M.M. PAIM, 1992.

Revista Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro, v. 2. tomo II, Livraria Acadêmica, dezembro, 1956.

RIBEIRO, José; ZAGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antonio Pereira. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** 1º volume, Juiz de Fora: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.

ROHLFS, Gerhard; ALVAR, Manuel. **Estudios sobre el léxico románico**. Madrid: Gredos, 1979.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração de trabalhos científicos**. 11. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 1986.

SAN-MARTIN, Maria Resende. **Vocabulário especializado da linguagem dos plantadores de arroz do Vale do Paraíba Paulista – o fato linguístico como um recorte da realidade cultural**. 1989. Tese (Doutorado) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia: 1800-1920**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SEBRAE – Acre. **Acre – Brasil, turismo a caminho do verde. Rio Branco – Acre**, gráfica Genus, s/d.

SEBRAE – Acre. **Acre – um pedaço verde do Brasil – fragmentos de história, cidades e belezas. Rio Branco – Acre**, gráfica, s/d.

SILVA NETO, Serafim da. **Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

SOUZA, Antonieta Buriti de. **Análise semântica da linguagem específica do seringueiro do Vale do Rio Acre**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/10/05.pdf>. Acesso em 28 fev. 2019.

SOUZA, Carlos Alberto de. **História do Acre**. 1º grau. Edições MM. PAIM, s/d.

TOCANTIS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979.

ULLMANN, Stephen. **Semântica – uma introdução à ciência do significado**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calauste Gulbenkian, 1964. www.placidodecastro.ac.cnm.org.br Acesso em 31 de jan 2018.

VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva, com revisão técnica de Ivanildo Bechara Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

VITIRATTI, A. B. et alii. **Borracha: parâmetro atual sobre cultivo, produção e comercialização no Brasil**. Departamento de Botânica, USP, apostila, 1996.

ZOMBONIM, Devino João. **Léxico específico e cultural regional – um exemplo amazônico**. São Paulo, 1987.

APÊNDICES

1. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES

1.1 QUESTIONÁRIO ABERTO

1. Qual o seu nome completo?
2. Quantos anos tem?
3. É casado?
4. Tem filhos?
5. Nasceu aqui no Acre?
6. Qual o nome do seringal?
7. Qual o nome da colocação?
8. Estudou?
9. Com quantos anos começou a trabalhar no corte da seringa?
10. Alguém ensinou?
11. A esposa ajuda no serviço do corte da seringa?

1.2 QUESTIONÁRIO FECHADO

1. O que precisa fazer para o início do corte e coleta da seringa?
2. Como faz para preparar as estradas?
3. Quais os utensílios necessários para desenvolver o trabalho?
4. Como desenvolve o trabalho?
5. Quando sai de madrugada, o que precisa para iluminar?
6. Quais os tipos de borracha com que trabalhou (a)?
7. Trabalhou com borracha defumada?
8. Como chama o lugar em que é feita a borracha?
9. Que objetos têm nesse lugar?
10. Qual o nome de cada objeto desse lugar e para que serve?
11. Existem diferenças de espécie entre as seringueiras?
12. Quais são as que o senhor conhece?
13. Qual a que dá mais leite?
14. Sabe por que dá esse nome?
15. Quais os caminhos existentes dentro da mata?
16. Quais os nomes de estradas de seringa?
17. Como são chamados aqueles caminhos que passam os animais? Caças?
18. Como são chamados os caminhos que só passam as pessoas?
19. Como se faz para preparar a bandeira?
20. Quais são os cortes que você conhece?
21. Que tipo de iluminação é usado para a estrada e em casa?
22. Tem época para cortar a seringa?
23. Na época ruim de corte o que faz?
24. Existe castanha?
25. Qual o nome do coco da castanha?
26. Quando quebra ao meio que nome dá para essas metades?
27. Como faz para vender a borracha?
28. Qual o transporte utilizado?
29. Qual o nome dado para a compra feita para o mês todo?
30. Como chama a estrada que deixa algum tempo sem cortar?

31. Como chama a seringueira que não produz mais leite?
32. Como chama a seringueira que fica próxima de água ou lugar alagado?
33. Como se chama a seringueira que fica em lugar plano?
34. Como chama a estrada que foi cortada e há bastante tempo não é cortada e cresceu bastante o mato?
35. Existem doenças de seringueiras?
36. Quais são as doenças mais comuns?

2. LISTA DOS INFORMANTES

Nº DA FITA	NOME	IDADE	SEXO	PONTO	SERINGAL	COLOCAÇÃO
XA 01	F.C.S.A.	18 anos	M	Xapuri	São Pedro	Itapiciuma
XA 02	R.O.O.	14 anos	M	Xapuri	São Pedro	Arrependido
XA 03	S.F.A.	16 anos	F	Xapuri	Sibéria	Alegrete
XA 04	M.S.S.	36 anos	M	Xapuri	Sibéria	Simitumba
XA 05	R.N.S.	38 anos	M	Xapuri	Sibéria	Simitumba
XA 06	M.R.S.	30 anos	F	Xapuri	Sibéria	Simitumba
XA 07	P.S.S.	48 anos	M	Xapuri	Sibéria	Simitumba
XA 08	P.M.R.	85 anos	M	Xapuri	Sibéria	Maloca
XA 09	M.T.C.	71 anos	F	Xapuri	Pimenteira	Boa Vista
BRA 10	O.B.	26 anos	M	Brasileia	Etelvo	Centrinho
BRA 11	B.L.F.	17 anos	M	Brasileia	Etelvo	Cumarú
BRA 12	O.R.F.	24 anos	F	Brasileia	Primavera	Primavera
BRA 13	M.A.N.	39 anos	M	Brasileia	Triunfo	Cuatipuru
BRA 14	A.J.L.F.	36 anos	M	Brasileia	Etelvo	Cumarú
BRA 15	M.P.S.	37 anos	F	Brasileia	Etelvo	Barracãozinho
BRA 16	F.G.O.	42 anos	M	Brasileia	São Cristóvão	Figueredo
BRA 17	F.M.A.F	43 anos	M	Brasileia	São Cristóvão	Vai-quem-quer
BRA 18	D.A.C	52 anos	F	Brasileia	São Cristóvão	Samaúma

ASBR 19	J.A.M.	21 anos	M	Assis Brasil	Icuriam	Fortaleza
ASBR 20	V.N.	24 anos	M	Assis Brasil	Guanabara	Santa Rita
ASBR 21	M.N.	21 anos	F	Assis Brasil	São Francisco	Bom Futuro
ASBR 22	J.A.S.	36 anos	M	Assis Brasil		
ASBR 23	M.C.S.	39 anos	M	Assis Brasil	Icuriam	Solidade
ASBR 24	D.B.A.	32 anos	F	Assis Brasil	São Francisco	Bom Futuro
ASBR 25	J.M.A.	46 anos	M	Assis Brasil	Icuriam	Primavera
ASBR 26	J.F.S.	60 anos	M	Assis Brasil	Icuriam	Solidade
ASBR 27	M.L.O.S	42 anos	F	Assis Brasil	São Francisco	Paraíso
PC 28	J.F.M.	21 anos	M	Plácido de Castro	Triunfo	Rua do Fogo
PC 29	F.P.S.	22 anos	M	Plácido de Castro	Triunfo	Rua do Fogo
PC 30	J.S.A.	18 anos	F	Plácido de Castro	Triunfo	Rua do Fogo
PC 31	M.C.S.	38 anos	M	Plácido de Castro	Triunfo	Rua do Fogo
PC 32	J.B.S.	39 anos	M	Plácido de Castro	Triunfo	Gamela
PC 33	J.S.A.	33 anos	F	Plácido de Castro	Triunfo	Rua do Fogo
PC 34	B.F.S.	61 anos	M	Plácido de Castro	Plácido de Castro	Plácido de Castro
PC 35	F.P.S	50 anos	M	Plácido de Castro	Triunfo	Gamela
PC 36	F.R.M.	67 anos	F	Plácido de Castro	Plácido de Castro	Plácido de Castro
PA 37	W.N.S.	17 anos	M	Porto Acre	Caquetá	Seis irmãos
PA 38	M.S.C.	26 anos	M	Porto Acre	Porto Acre	Porto Acre
PA 39	M.S.B.S	14 anos	F	Porto Acre	Caquetá	Café
PA 40	J.A.F.	36 anos	M	Porto Acre	Porto Acre	Porto Acre
PA 41	J.F.S.	39 anos	M	Porto Acre	Porto Acre	Porto Acre
PA 42	M.N.	37 anos	F	Porto Acre	Porto Acre	Porto Acre
PA 43	A.A.	73 anos	M	Porto Acre	Triunfo	V. Extrema
PA 44	G.N.S.	76 anos	M	Porto Acre	Porto Acre	Porto Acre
PA 45	M.A.	62 anos	F	Porto Acre	Porto Acre	Porto Acre

3. TABELA DE TRANSCRIÇÃO

Os sinais utilizados para a transcrição das entrevistas estão abaixo relacionados:

1. I maiúsculo foi utilizado para identificar a fala do informante.
I: Informante
2. P maiúsculo foi utilizado para identificar a fala do pesquisador.
P: Pesquisador
3. Toda interferência de fala foi colocada entre colchetes.
[] interferência de fala
4. Incompreensão da fala foi representada por reticências entre parênteses.
(...)
5. Risos foram representados por três exclamações entre parênteses.
(!!!) risos
6. Os gestos foram representados por dois asteriscos entre parênteses.
(**) gestos
7. Qualquer barulho ou ruído foi representado por parênteses duplos.
(()) barulho
8. As pausas na fala foram representadas por reticências.
...pausas na fala
9. Ênfase ou prolongamento dos sons foi representado por dois pontos duplos.
:: prolongamento dos sons
10. A confirmação do ouvinte foi representado por:
[hãã] confirmação do ouvinte
[hum] confirmação do ouvinte
[hunrum] confirmação do ouvinte
11. superposição de falas foi representada por:
(>>)superposição de falas
12. A mudança de assunto e truncamento brusco, optou-se por sublinhar essa unidade de fala.
13. Interferência de fala de terceiros foi transcrita entre colchetes e parênteses.
[()] Fala de terceiros

14. A despalatização foi representada por N maiúsculo.
15. Palavras incompletas também foram registradas da forma em que eram pronunciadas.
16. As interrogações são representadas pelo ponto de interrogação?
17. A palavra uma foi grafada u'a.

Em Marcuschi, *Análise da conversação*, os sinais mais frequentes são:

1. Em falas simultâneas usou-se [[.
2. Sobreposição de vozes [.
3. Sobreposições localizadas [].
4. Pausas: em pausas pequenas para cada 0.5 segundo (+), para pausas maiores indica-se o tempo.
5. Dúvidas e suposições ().
6. Em truncamentos bruscos usou-se /.
7. Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA.
8. Alongamento de vogal ::.
9. Comentários do analista (()).
10. Silabação----.
11. Sinais de entonação “, as aspas duplas – para uma subida rápida (corresponde mais ou menos ao ponto de interrogação, aspas simples para uma subida leve (algo assim como uma vírgula ou ponto-e-vírgula), aspas simples abaixo da linha para descida leve ou brusca.
12. Repetições: reduplicação de letra ou sílaba.
13. Pausas preenchidas, hesitação ou sinais de atenção.
Basicamente usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros, como: eh, ah, oh, ih::, mhn, ahã, e vários outros.
14. Indicação de transcrição parcial ou de eliminação:
... ou /.../. As reticências no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho.
Reticências entre barras indicam um corte na produção de alguém.

GLOSSÁRIO

A

abrochar, 41;42

alumiar, 42;43

arigó, 43;44

arriação, 46

aviação, 46;47;48;132

B

bandeira, 47;48;49;58

bandeja, 58;59

barracão, 52;54;183

barreiro, 54

bateria, 55

berlim, 57;58

bigode, 57;58

boca, 55;58;59;60;64;67;137;138;140;149;154;183;184

bornal, 60;73

borracha, 75;79;85;86;142;144;157;162;164;167;171;173;175

brabo, 43;62;63

broca, 64;65

brocar, 66

bujão, 67;68;73

C

cabresto, 69

cabrita, 60;70;71;72

candeeiro, 71;72

capanga, 72;73

capemba, 73;74

caroncha, 74;75

caxinguba, 75

caucho, 76;77

cavaco, 78

cavador, 79

cernambi, 79;80

champil, 42;81

cinturão, 82;83

colocação, 83;84

comboio, 85

correia, 41;86;87

cu de barrão, 69;88;89;99

D

defumador,90

E

embicar, 90
embutir,92
embutidor,93
empicar,94
encastrar, 95
encastoar, 95
espeque,96
espigão,98
espinha de peixe, 69;88;89;99;100
estopa, 43;100;101;110;111;115;120
estrada,43,46,59;98,101;102;103;
104;117;118;119;122
estrada bruta, 102
estrada de centro,98;102;103;104
estrada de porta,104

F

facho, 42;80;105;106;114;116;117
fornalha,68;74;78;79;90;107;108

G

gamela, 51;108;109
gameleira,75;109

J

jacá, 110;120
jamaxim,111;128
jirau,112
jumento,113

L

lalau,113;114;157
lamarina,42;72;81;114;115;116
lampião,116
lampião de taboca, 117;118

M

manga, 118;119;120;130
marico,80;110;114;120;121
marreteiro,121
mateiro, 102;122;123
morrão,42;81;123;124

N

noteiro, 124

O

oito, 59;125

ouriço, 74;111;126;128

P

paiol, 127;128

paneiro, 111;128;129

pano, 48;60;81;113;119;120;121;129;130;131

parafuso, 132

patrão, 53;85;86;133

pé-de-burro, 134;141;180

péla, 79;134;135;144;145;176

pestana, 46;57;135;136

perna, 60;137;138;185;186

perna de entrada, 138

perna de saída; 138

pique, 139;140;151

pique de castanha, 140

pontão, 134;140;141;180

poronga, 42;43;141;142;154

prancha 51;75;76;77;142;143;144

principe(sic), 62;135;142;144;145;154;175;176

pricipeiro, 145;146

Q

quenga, 74;146;147

R

rancho, 147;148;149
regatão, 149;150
roça, 43;64;66;67;151
roçar, 152;153
roçado, 64;66;67;163

S

sarnambi, 60;80;153;154
sarugo, 87;145;154;155
sarapia, 156;157
seringa, 140;157;158;159;160;172
seringa de chapada, 158
seringa de terra firme, 159
seringa do plano, 158;159
seringa da restinga, 158;159;160
seringueira, 44;45;49;51;56;57;58;59;61;62;64;69; 70;74;75;80;82;161;162;163;164;
165; 166;167;168;169;170;171
seringueira do baixo,162
seringueira barriguda, 162
seringueira branca,162
seringueira do brejo,163
seringueira do chavascal, 164
seringueira chicote,164
seringueira escaldada,165
seringueira so igapó (gapó),166
seringueira itaúba, 167
seringueira de manga, 168

seringueira real, 168
seringueira solada, 169
seringueira vadiando, 170
seringueira de várzea, 170
seringueira vermelha, 171
seringal, 53;83;84;171;172;173;179
seringueiro, 41;47;52;53;56;60;63;66;67;69;70;72;
73;74;80;81;83;85;133;134;138;139;
140;141;148;150;168;172;173;177;178;179;185

T

tambor, 174;176
tarugo, 145;175;176
terçado, 64;66;139;152;177
tigela, 132;136;143;153;178
toqueiro, 179
trepeça, 180
trilha, 181;189
trilho, 181;182
tropa de burro, 182;183
tubiba, 183;184

V

varação, 60;184;185
varação de leite, 185;186
varadouro, 72;81;186;187
vareda, 55;187;188
vereda, 188;189

